

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA

EDILZA MARIA MEDEIROS DETMERING

“LEÕES” DA SPORTMANIA:

**Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada
do Sport Club do Recife**

JOÃO PESSOA/PB

2018

EDILZA MARIA MEDEIROS DETMERING

“LEÕES” DA SPORTMANIA:

**Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada
do Sport Club do Recife**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

LINHA DE PESQUISA 4 – Etnografias e Sociabilidades Urbanas

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella

JOÃO PESSOA/PB

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCA/E)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



EDILZA MARIA MEDEIROS DETMERING


“LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

Resultado: APROVADA

Em: 04 de ABRIL de 2018.


Banca examinadora



Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella
(Orientador)
UFPB/PPGA



Profa. Dra. Marcia Reis Longhi
(Examinadora Interna)
UFPB/PPGA



Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perruci
(Examinador Externo)
UFPE

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D4811 Detmering, Edilza Maria Medeiros.

Leões da sportmania: um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife / Edilza Maria Medeiros Detmering. - João Pessoa, 2018.

150 f. : il.

Orientação: Marco Aurélio Paz Tella.
Dissertação (Mestrado) - UFPE/CCHLA.

1. Antropologia. 2. Sociabilidade - torcedores. 3. Torcida Organizada. 4. Pertencimento - Sportmania. 5. Sportmania - sport club. I. Tella, Marco Aurélio Paz. II. Título.

UFPE/BC

AGRADECIMENTOS

À Lei Suprema que a tudo e a todos rege, pela conclusão de mais uma etapa na minha existência.

Aos meus pais, José Luna de Medeiros e Luíza Erina Borges de Medeiros (*in memoriam*), pelo amor, pelo exemplo, pela vida e pela dedicação, sem os quais, eu não conseguiria chegar aonde cheguei até agora.

Aos meus filhos, por seu amor e por entender minhas ausências nos últimos dois anos.

Aos colegas e às colegas do curso, por toda a força, cumplicidade e união em todos os momentos da nossa jornada acadêmica.

À minha amiga Uliana Gomes, por compartilhar meus momentos de angústia e por toda a força dada nesses dois anos de curso; ao meu amigo Ítalo Rômany, pela presença, pelo companheirismo, pelo constante incentivo durante o Mestrado e pelo seu exemplo de profissionalismo ao longo desses dez anos de amizade; ao meu querido amigo José Carlos de Almeida Leite (*in memoriam*), pela força, parceria, cumplicidade e dedicação ao longo de todos aqueles anos de convívio.

Aos meus inimigos, por me ajudarem a perceber meus defeitos e por me desafiarem todos os dias a ser uma pessoa melhor e mais resiliente.

Ao meu orientador, Marco Aurélio Paz Tella, por me guiar e suportar sempre que necessário.

À Coordenação e a todos os professores e todas as professoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, pelos seus ensinamentos e pelo exemplo, vitais para a conclusão do Mestrado. Também, às secretárias do programa, por todo o serviço prestado, com responsabilidade e simpatia.

À minha banca de defesa de Mestrado, Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi e Prof.^a Dr.^a Márcia Longhi, pela honra que me deram em fazer parte da minha caminhada acadêmica e pelos alertas e conselhos dados.

Ao meu chefe, Hermes Pessoa, Superintendente da STI-UFPB, por compreender minhas ausências e por incentivar e apoiar, de todas as formas, a conclusão deste Mestrado.

Aos torcedores e às torcedoras do Sport Club do Recife que participaram desta pesquisa, e àqueles que me apresentaram aos membros da Torcida Organizada SPORTMANIA. A esta torcida, faço um agradecimento especial, por toda a colaboração, presteza, paciência e apoio no desenvolvimento da minha Dissertação.

DETMERING, Edilza Maria Medeiros. “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPB. João Pessoa, 2018.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo o estudo etnográfico sobre a formação e a sociabilidade de torcedores organizados do Sport Club do Recife. O objeto de estudo é a torcida organizada SPORTMANIA, que surgiu na década de 1980, foi extinta na década de 1990 e ressurgiu no final dos anos 2000. A pesquisa foi realizada com participantes da primeira e da segunda formação da torcida, num total de 10 interlocutores (nove homens e uma mulher) a partir da observação participante e de entrevistas semiestruturadas complementares. O campo etnográfico compreendeu basicamente o estádio Ademar da Costa Carvalho na Ilha do Retiro, as demais dependências do clube e a residência de alguns torcedores. Ainda, como campo de interação com os interlocutores, podem ser citadas as vias digitais, como e-mails e aplicativos de mensagens via celular. Nesses espaços, observou-se socialização, interação, conflitos e hierarquias que permeiam as relações dos torcedores rubro-negros. As reflexões são embasadas em um aporte teórico que inclui Simmel (1950) para pensar conflito e sociabilidade, Magnani (2002) para pensar circuito e espaços de sociabilidade, e Lévi-Strauss (1986) para problematizar o totemismo, dentre outros autores. Nesse contexto, destacam-se as características do pertencimento à SPORTMANIA em ambas as formações da torcida, como também o significado e a importância que os torcedores atribuem a ter um “leão” como mascote do time, levando-se em conta os contextos pernambucano e brasileiro. A importância desta investigação etnográfica reside no estudo do fenômeno de ressurgimento da torcida em pauta, atestando que a sua formação se fundamenta no desejo de torcer pelo time, encontrar os amigos e se socializar.

Palavras-chave: Sociabilidade; Torcida Organizada; Pertencimento; SPORTMANIA.

DETMERING, Edilza Maria Medeiros. *“LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.* (“LIONS” OF THE SPORTMANIA: A study on the formation and sociability of organized supporters of Sport Club of Recife). Master’s dissertation. Graduate Program in Anthropology. UFPB. João Pessoa, Brazil, 2018.

ABSTRACT

This thesis aims at the ethnographic study on the formation and sociability of organized supporters of Sport Club do Recife. The object of this study is SPORTMANIA soccer fan club, which arose in the 1980s, was extinguished in the 1990s, and resurfaced in the late 2000s. The research was conducted with participants of the first and second fans formations, with a total of ten interlocutors (nine men and one woman) through participant observation and complementary semi-structured interviews. The ethnographic field basically comprised the Ademar Costa Carvalho stadium in Ilha do Retiro, other dependencies of the club and some supporters’ residences. Also, as a field of interaction with the interlocutors, digital pathways such as e-mails and mobile messaging applications can be cited. In these spaces, we observed socialization, interaction, conflicts and hierarchies that permeate the relations of the team supporters. The reflections are based on a theoretical contribution that includes Simmel (1950) to think conflict and sociability, Magnani (2002) to think circuit and sociability and Lévi-Strauss (1986) to problematize totemism, among other authors. In this context, the characteristics of belonging to SPORTMANIA are highlighted in both fans formations, as well as the significance and importance that supporters attribute to having a "lion" as the team's mascot, considering the context of Pernambuco and Brazil. The importance of this ethnographic research lies in the study of the resurgence phenomenon, attesting that the fan club formation is based on the desire to cheer for the team, meet friends and socialize.

Keywords: Sociability; Soccer Fan Club; Belonging; SPORTMANIA.

“O que me provoca: Não basta olhar se os olhos ainda são meus.”

“E se me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me respeitar.”

(Clarice Lispector)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – SPORTMANIA marcando presença no estádio.....	11
Figura 2 – Pesquisadora na Sede Social do Sport	17
Figura 3 – Os quatro principais estádios do Recife: José do Rêgo Maciel (Santa Cruz), Eládio de Barros Carvalho (Náutico), Ademar da Costa Carvalho (Sport) e Arena Pernambuco	54
Figura 4 – Localização do Sport Club do Recife.....	62
Figura 5 – Mapa dos setores do estádio da Ilha do Retiro.....	63
Figura 6 – Arquibancada – SPORTMANIA dividindo espaço com os torcedores comuns....	64
Figura 7 – Pesquisadora no Gabinete do Presidente do Sport Club do Recife.....	65
Figura 8 – Grupos de torcedores.....	75
Figura 9 – SPORTMANIA no estádio	91
Figura 10 – Três modelos diferentes de camisas	111
Figura 11 – Membros da torcida organizando o espaço da confraternização	114
Figura 12 – Confraternização da SPORTMANIA	115

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABERT	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CND	Conselho Nacional de Desportos
C13	Clube dos Treze
EMBRATEL	Empresa Brasileira de Telecomunicações
LDU	<i>Liga Deportiva Universitaria de Quito</i>
SEC-PE	Secretaria de Educação de Pernambuco
TJS	Torcida Jovem do Sport
T.O	Torcida Organizada
T.U	Torcida Uniformizada
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo
WO	<i>Walkover</i>
WWW	<i>World Wide Web</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - PRÉ-JOGO.....	11
CAPÍTULO 1 – O PONTAPÉ INICIAL: A PESQUISADORA, O CAMPO E O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	17
1.1 A PESQUISADORA DESCOBRINDO E REDESCOBRINDO O CAMPO	17
1.2 O PROCESSO E O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	27
1.3 PERFILANDO OS/AS INTERLOCUTORES/AS	37
CAPÍTULO 2 – PRIMEIRO TEMPO DO JOGO: O FUTEBOL E SUA ‘EFREVESCÊNCIA’ NA CAPITAL DO FREVO.....	44
2.1 RITUAIS E O FUTEBOL	44
2.1.1 <i>Torcer no Recife</i>	52
2.1.2 <i>Recife, a capital do frevo</i>	58
2.2 O SPORT CLUB DO RECIFE	61
2.3. TORCIDAS ORGANIZADAS (OU T.O).....	72
CAPÍTULO 3 – SEGUNDO TEMPO DO JOGO: “LEÕES” DA SPORTMANIA.....	91
3.1 O PERTENCIMENTO E SUAS MOTIVAÇÕES – SIGNIFICADOS DO TORCER ORGANIZADO	95
3.1.1 <i>Primeira formação da SPORTMANIA</i>	101
3.1.2 <i>Segunda formação da SPORTMANIA</i>	109
3.2. TORCIDA E VIOLÊNCIAS	118
3.3 MULHERES, FUTEBOL E TORCIDA.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
APITO FINAL	138
PRORROGAÇÃO	139
REFERÊNCIAS.....	141
APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	150
APÊNDICE II - ROTEIRO SUGERIDO DE ENTREVISTA	151

INTRODUÇÃO - PRÉ-JOGO

“Eu não sou torcedor rubro-negro, eu sou torcedor do Sport Club do Recife.”
(MOCA, relato verbal presencial, 2016)

“Se o Sport não existisse, talvez eu não existisse também.”
(MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

A presente dissertação tem como cenário o estádio Adelar da Costa Carvalho, no bairro da Ilha do Retiro. Os protagonistas são um rapaz de 20 anos (Moca) e um garoto de 7 (Márcio), idades que tinham quando surgiu a SPORTMANIA, uma das torcidas organizadas (doravante T.O) do Sport Club do Recife. O enredo, a paixão de ambos por esse clube.

Figura 1 - SPORTMANIA marcando presença no estádio



Fonte: Arquivo da torcida.

É dentro desse contexto que se desenrola um estudo sobre torcedores do time rubro-negro¹ pernambucano, e suas formas de torcer, se organizar e se socializar. Trata-se aqui de uma pesquisa etnográfica realizada com torcedores do Sport Club do Recife que fazem parte de uma T.O que já foi a maior torcida do clube, e através da qual os protagonistas e demais organizados expressam todo o sentimento e a paixão pelo clube. Trata-se da T.O SPORTMANIA² – cuja trajetória testemunha momentos de glória do time, com vitórias espetaculares, mas também com disputas controversas –, a torcida experimentou/experimenta altos e baixos desde a década de 1980 até os dias atuais.

¹ As principais cores que representam o Sport Club do Recife são o vermelho e o preto.

² Todos os nomes de torcidas organizadas (T.O) citadas neste trabalho estarão padronizadas em CAPSLOCK.

Entendo³ a palavra “torcedores” como uma categoria a ser conceituada, e segundo Damo (2002, p. 49), “são aquelas pessoas que fazem investimentos emocionais em torno das disputas futebolísticas.”

Para estudar a paixão do torcedor do Sport Club do Recife, optei por uma narrativa com o uso da linguagem teatral, com um toque de dramaticidade, sendo eu uma Linguista adepta das Artes Cênicas, e uma Atriz apaixonada pelo palco e pela linguagem teatral. E como poderá ser percebido também em alguns pontos deste trabalho, observar-se-á uma perspectiva do futebol enquanto espetáculo, em que o campo de jogo se torna palco de emoções, de paixões, de rivalidades. Nesse espaço, torcida, jogadores, equipes técnicas, mídia e, inclusive, pesquisadora, participam direta ou indiretamente de um cenário fecundo, que propicia estudos, reflexões e conclusões (no presente caso, antropológicas), cujas algumas nuances serão aqui apresentadas.

Ao longo dos capítulos deste trabalho, terão voz, diversos/as atores/atrizes sociais – que torcem e, principalmente, que fazem parte da T.O rubro-negra pernambucana já mencionada, muitos/muitas dos/das quais, relacionados/as aos dois atores destacados no início desta *Introdução*. Os/As leitores/as poderão, então, compreender o porquê daqueles dois torcedores terem sido apresentados preliminarmente, e como se deu/dá o enredamento das relações subsequentes.

Assim, a presente pesquisa antropológica objetiva compreender como se forma e sociabiliza a T.O rubro-negra SPORTMANIA, em dois momentos de sua existência, e quais são as motivações inerentes ao processo de pertencimento a essa torcida. Prospecta-se, então, pensar sobre os períodos de criação, extinção e reativação da torcida, na tentativa de buscar um entendimento de *como* e *por quê* se deram os referidos processos de surgimento, que aconteceram na década de 1980 e cerca de 20 anos depois.

Apresentam-se, ainda, alguns questionamentos sobre violência, analisando sua relação com o contexto futebolístico. Dessa forma, importante se faz pontuar conceitos como ‘pertencimento’ e violência’.

Entendo por ‘pertencimento’ aquilo que para Damo (2002, p. 51) “denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como ‘torcedor fanático’, ‘doente’, ‘cego’, etc.”

³ Nesta Dissertação, alternar-se-á a narrativa em primeira pessoa do singular, primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular. A primeira pessoa visa marcar a presença da narradora (marcação do gênero), sempre que for possível fazê-lo, uma vez que a pesquisa em um campo veiculado como masculino foi realizada por uma pesquisadora. Nesse sentido, pode-se perceber toda a subjetividade que permeia o dizer aqui posto.

Quanto ao conceito de ‘violência’, apoio-me em Zaluar (1999) para problematizá-lo. Essa autora nos alerta que “não é possível, portanto, de antemão, definir substantivamente a violência como positiva e boa, ou como destrutiva e má” (ZALUAR, 1999, p. 8). Assim, ela apresenta uma definição a partir da qual poderei pensar e analisar o contexto em que está inserido o objeto desta Dissertação. Segundo a autora,

Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis* (força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente. (ZALUAR, 1999, p. 8)

Ainda, como objetivos específicos que auxiliam no alcance do objetivo geral, foram definidos: identificar as experiências com o torcer e com as atividades dos/das integrantes enquanto torcedores/as, tanto da primeira quanto da segunda formação da SPORTMANIA; observar como a torcida ocupa os espaços de sociabilidade; identificar como esses/as torcedores/as acompanham o time, por exemplo, nos estádios de futebol, na sede da torcida, em viagens; e, como se relacionam com outros torcedores e outras torcidas. Importante salientar que sempre que eu mencionar a ‘primeira formação’, estarei me referindo às pessoas que fizeram parte da SPORTMANIA desde sua idealização no ano de 1981 até sua extinção no ano de 1991; e sempre que eu mencionar a ‘segunda formação’, estarei me referindo às pessoas que fazem parte da SPORTMANIA desde o seu retorno no ano de 2008 até os dias atuais.

A sociabilidade, ponto central de interesse do presente trabalho, é pensada a partir das conceituações e teorizações de Georg Simmel (1950), levando em conta que as T.O são compostas por pessoas de diferentes faixas etárias, classes sociais, credos, raças, profissões, etc. O autor denomina sociabilidade como *play form of sociation*, ou seja, como uma forma divertida de participação⁴ – neste caso, entende-se ‘participação’ como ‘associação’ ou ‘envolvimento’ social. O autor enfatiza essa noção de forma, e afirma:

As forças reais, as necessidades, os impulsos da vida produzem as formas do nosso comportamento que são adequadas ao jogo. Essas formas, no entanto, tornam-se

⁴ A menos que especificado de outra forma, todas as traduções existentes neste trabalho são nossas.

conteúdos e estímulos independentes dentro do próprio jogo ou, antes, enquanto jogo.⁵ (SIMMEL; WOLFF, 1950, p. 43)

Ainda segundo Simmel (1983, p. 172), a sociabilidade “cria um mundo sociológico ideal no qual o prazer do indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros.”, pois não se pode “encontrar satisfação se tiver que ser ao custo de sentimentos diametralmente opostos ao que o outro pode ter.”

Os espaços de sociabilidade da torcida em pauta na cidade do Recife são pensados a partir das teorizações de Magnani (2002), que permitem vislumbrar na capital pernambucana “padrões de troca e de espaços para encontros e para a sociabilidade e, ainda, para os rituais da vida pública” (MAGNANI, 2002, p. 26) referentes à T.O SPORTMANIA. Podem ser citados os bares, as praças e os supermercados no entorno do estádio da Ilha do Retiro, e as próprias dependências deste, como espaços de sociabilidade dos torcedores e das organizadas do Sport Club do Recife. No que concerne à T.O pesquisada, inclui as residências dos integrantes como espaços de encontro e de interação.

Estudar futebol e torcida auxiliam no entendimento sobre os valores da sociedade em que vivemos, e assim como nos informa Perrusi (2000, p. 16-17), “entender nossos valores e nossos processos de identificação passa necessariamente pelo futebol.” Dessa forma, esse estudo configura-se como uma tarefa prazerosa para uma pessoa apaixonada por ludopédio.⁶ Pelo menos, é assim que penso, sendo eu uma pesquisadora da Antropologia, que curte futebol, e que escolheu desenvolver um trabalho com torcedores de um time da cidade pernambucana onde nasceu – Recife, a Veneza Brasileira.

Fazendo uma breve contextualização, durante o período de construção desta etnografia, de 2016 a 2018 (mais especificamente, de abril de 2016 a fevereiro de 2018), acompanhei jogos do Campeonato Pernambucano de 2016 e 2017 e do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2017, no estádio da Ilha do Retiro, com base nos preceitos da observação participante (mais bem explicitada no tópico 1.2 deste trabalho). Acompanhei jogos em vários espaços do estádio, momentos em que pude perceber a atuação das torcidas sob diferentes perspectivas geográfico-espaciais. Muito frequentemente, caminhei pelas dependências do clube, e pude observar o movimento das pessoas que circulavam por lá. Caminhei pelas áreas de piscina, lanchonetes, restaurante, bilheterias, loja, quadras, portões de

⁵ Tradução para *Actual forces, needs, impulses of life produce the forms of our behavior that are suitable for play. These forms, however, become independent contents and stimuli within play itself or, rather, as play.*

⁶ Segundo o dicionário *Priberan*, ludopédio é um “Esporte em que 22 jogadores, divididos em dois campos, se esforçam por introduzir uma bola na baliza do campo adversário, sem intervenção das mãos, durante uma partida dividida em dois meios tempos durante 45 minutos cada um. = FUTEBOL”.

entrada do clube, dependências dos escritórios dos gestores, banheiros, pátios e espaços de acesso a todas as dependências. Na totalidade desses espaços, presenciei entre torcedores variadas formas de interação, brincadeiras, provocações, apostas, demonstrações de afeto, etc., e também interagi com torcedores e torcedoras, vendedores e vendedoras das barraquinhas, seguranças e funcionários do clube, segundo nos orientam as colocações de Malinowski (1978) como parte da pesquisa etnográfica.

Sabendo que o processo etnográfico conta com o *olhar*, *ouvir* e *escrever* (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998), sempre anotava detalhes da minha trajetória e fotografava os lugares e as pessoas. Consegui mapear o panorama da Ilha nos dias de jogos, que se configurava como espaço de trocas de informações, de atenção e de socialização. Além desse espaço, pude frequentar as residências, e algumas áreas de lazer de torcedores/as, tanto organizados/as como não organizados/as. A riqueza dessas situações residiu na possibilidade de observar a interação entre membros da torcida e seus amigos e familiares, e realizar entrevistas gravadas em áudio e conversas informais, sempre com o consentimento dos/das participantes. Neste trabalho, trago os dados resultantes desse processo, apoiando-me em teorias antropológicas que dialogam e ajudam a refletir minha experiência em campo.

Em suma, com base nos objetivos já explicitados anteriormente, além deste texto introdutório, este trabalho de Dissertação divide-se como esboçado a seguir.

O Capítulo 1 – *O pontapé inicial: a pesquisadora, o campo e o percurso metodológico da pesquisa* – faz uma apresentação da pesquisadora e dos detalhes da definição do objeto da pesquisa, de sua vivência no campo, assim como, do perfil dos/das interlocutores/as. Ainda, neste capítulo, traça-se o percurso metodológico definido, com ênfase no processo de inserção e delimitação do campo de pesquisa e suas potencialidades.

No Capítulo 2 – *Primeiro tempo do jogo: O futebol e sua “efrevescência” na capital do frevo* –, é feita uma contextualização da cidade do Recife, palco de influências culturais e rituais como o futebol e o frevo. Esse contexto proporciona uma reflexão sobre o torcer, organizado e não organizado, sobre o Sport Club do Recife e sobre as torcidas organizadas da capital pernambucana, além de uma breve menção ao Campeonato Brasileiro de 1987. As reflexões são embasadas nas teorias de Simmel (1983), Hall (1992), DaMatta (1982), Toledo (1993), Pimenta (1997), entre outros.

O Capítulo 3 – *Segundo tempo do jogo: “Leões” da SPORTMANIA* – aborda o pertencimento e as motivações do torcer organizado. Nesse sentido, destaca as origens da referida torcida, analisando aspectos de sua formação, interação e sociabilidade em dois períodos distintos de sua existência, com destaque para os dois protagonistas mencionados

nas linhas iniciais desta *Introdução*. Além disso, o capítulo traz uma reflexão sobre a violência em algumas de suas variadas formas e localizações, ampliando a compreensão sobre o que está envolvido no ato de torcer; e, sobre a presença feminina nos estádios e na torcida, espaços de vivências, percebidos, historicamente, como masculinos. As reflexões são amparadas nos escritos de Lévi-Strauss (1986), Bauman (2005), Goffman (1999), Perrusi (2000) e Longhi (2012), entre outros.

Por fim, são apresentadas algumas *Considerações Finais* sobre a pesquisa, incluindo sugestões para o desenvolvimento de futuros trabalhos.

CAPÍTULO 1 – O PONTAPÉ INICIAL: A PESQUISADORA, O CAMPO E O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este primeiro capítulo está dividido em três tópicos que demarcam a pesquisa e seus/suas atores/atrizes: a apresentação da pesquisadora e do campo pesquisado; o percurso metodológico trilhado; e o perfilamento dos/das interlocutores/as.

1.1 A PESQUISADORA DESCOBRINDO E REDESCOBRINDO O CAMPO

A Figura 2 traz a imagem da pesquisadora no pátio central da Sede Social do Sport Club do Recife no ano de 2017 em um momento de interação com torcedores participantes da pesquisa.

Figura 2 - Pesquisadora na Sede Social do Sport



Fonte: Arquivo pessoal.

Acredito ser premente esclarecer que o esporte, em suas mais diversas manifestações, é uma paixão pessoal que começou bem cedo em minha vida. Portanto, não adentrei um campo totalmente desconhecido, e de uma forma ou de outra, fui sendo envolvida e deixando-me envolver pelas situações e pelas pessoas que fizeram parte desta pesquisa – atividade esta que foi prazerosa na mesma intensidade em que foi desafiadora, devido ao fato de este trabalho apresentar como tema o estudo dos processos de formação, interação, socialização e atuação daquela que já foi uma das maiores T.O do Sport Club do Recife: a SPORTMANIA.

Vale aqui fazer uma breve contextualização, para que os/as leitores/as possam aperceber-se das particularidades deste trabalho acadêmico. Eu sou pernambucana, apaixonada por futebol e desde criança torço pelo Santa Cruz Futebol Clube, um dos principais times do Recife e do Estado de Pernambuco. Desde muito jovem, eu me acostumei a frequentar os estádios, acompanhando e observando os meus tios e primos, torcedores do Tricolor do Arruda (como o Santa Cruz também é conhecido). Com minha família, aprendi a respeitar os times adversários, e já éramos adeptos do que conhecemos nos dias atuais como *fair play*,⁷ numa época em que este vocábulo ainda nem fazia parte do léxico cotidiano de falantes da língua portuguesa. Íamos ao campo para torcer, festejar, impulsionar o time da ‘Cobra Coral’⁸ para a vitória, e depois, poder voltar para casa, animados, comentando o jogo pelas ruas dos bairros do Arruda e de Água Fria (onde morava e ainda mora grande parte da minha família).

Em suma, entre os 10 e os 28 anos de idade, eu costumava frequentar os estádios da cidade do Recife (mais assiduamente aquele que pertence ao time pelo qual eu torço, o Estádio José do Rego Maciel – e que é chamado também de Arrudão), e nunca fiz parte de uma T.O, sempre fui o que se considera uma ‘torcedora comum’. Aos poucos, o que eu considerava um hábito foi se tornando paixão e comecei, então, a amar aquele time, o Santa Cruz Futebol Clube, de todo o meu coração, mesmo nos momentos em que ele ‘não estava bem das pernas’ nos campeonatos.

Algumas décadas já se passaram desde então, mas posso garantir que o que eu sinto pelo meu Santinha – como o Santa Cruz é carinhosamente chamado por seus/suas torcedores/as – é um amor verdadeiro e incondicional. Recordo-me do escudo do time colocado em posição de destaque na parede da sala de estar, e da importância que ele tinha para todos/todas nós. Já se vão alguns anos que meus filhos e eu não frequentamos mais o Mundão do Arruda (como também é conhecido o Estádio José do Rêgo Maciel) e sua Sede Social, porém costumávamos fazê-lo nos finais de semana, com idas ao restaurante e às piscinas do clube, de posse das nossas carteirinhas de sócios e tudo o mais. Esse meu afastamento teve início nos anos 2000, quando passei a residir no Estado da Paraíba, e afastei-me um pouco do clube. Porém continuo a torcer pelo Santa Cruz.

Após alguns anos vivendo em João Pessoa, fiz amizade com paraibanos que torcem por um time da minha Recife. Esses torcedores tornaram-se meus amigos e com eles comecei,

⁷ Expressão que significa jogo justo, jogo limpo, espírito esportivo. Definição encontrada em: <<https://www.significados.com.br/fair-play/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

⁸ A Cobra Coral é a mascote do Santa Cruz Futebol Clube.

naturalmente, a discutir sobre temas relacionados aos esportes, ao futebol principalmente, impressionada com a propriedade com que eles falavam e esboçavam conhecimentos sobre o meu Santinha do coração. Há, porém, um detalhe que se faz necessário mencionar: esses amigos aos quais me refiro são torcedores do meu arquirrival Sport Club do Recife.

No começo da nossa amizade, eu ficava a imaginar como é que, sendo paraibanos, eles podiam torcer por um time que não fosse da Paraíba. Eu não entendia, também, a preferência deles pelo Sport. De acordo com a minha percepção, as pessoas costumavam torcer pelo time da cidade ou do estado em que residiam, além de torcerem pela seleção nacional ou talvez até por um time estrangeiro. A situação que encontrei na Paraíba era distinta daquela que eu estava acostumada a observar entre meus familiares e amigos, mas que, por outro lado, eu mesma já vivenciava internamente. Explico: também sou torcedora do Sport Club Corinthians Paulista, desde o dia em que presenciei uma vitória do time. Após exatos 22 anos, 8 meses e 7 dias de jejum, o Corinthians vence o Campeonato Paulista de Futebol de 1977, no dia 13 de outubro, enfrentando a Associação Atlética Ponte Preta. Placar: 1 a 0. As emoções que vivenciei naquele jogo, não consigo colocar em palavras, mas desde então, sou corintiana, além de ser tricolor pernambucana.

Ao longo desses anos de amizade com torcedores paraibanos do Sport Club do Recife, diversos questionamentos permearam meu imaginário, porém eu não costumava levantar discussões que pudessem dirimir minhas dúvidas. Foi então que, de forma natural, em uma roda de conversa, surgiu a oportunidade de abordar o assunto mais diretamente com eles, e consegui, enfim, ouvir o que pensavam sobre sua paixão pelo aquele time rubro-negro. Fiz descobertas incríveis. Os meus amigos paraibanos narraram episódios inimagináveis sobre os seus modos de torcer pelo Sport; sobre suas aventuras e as dificuldades enfrentadas durante anos para se deslocarem de João Pessoa até o campo de jogo na Ilha do Retiro (bairro recifense onde está localizada a sede e o estádio do time rubro-negro); sobre as amizades que fizeram com torcedores organizados pernambucanos e que se perpetuam até o dia de hoje; sobre as comemorações de vitórias do time rubro-negro; sobre suas motivações para torcerem pelo Sport; sobre o polêmico resultado do Campeonato Brasileiro de 1987 (sobre o qual voltaremos a falar no Capítulo 2, e que culminou com a abertura de um processo por parte do Flamengo do Rio de Janeiro, por não aceitar o resultado do jogo a favor do Sport); etc.

Aconteceu, então de, no Mestrado em Antropologia, o futebol ser citado em sala de aula na disciplina *Metodologia da Pesquisa Científica*, quando uma colega afirmou que muitos trabalhos acadêmicos, em todo o Brasil e no mundo, traziam o ‘futebol’ e o ‘torcedor’ como temas de estudo. Essa informação, que eu desconhecia devido à minha pouca vivência

na Antropologia, somada à minha vontade de mudar de tema de pesquisa foi decisiva para que eu tomasse a decisão de efetuar a mudança de objeto de estudo, como explicarei adiante. Naquele momento, eu percebi que poderia transformar em problemas de pesquisa as minhas inquietações com relação ao futebol e aos torcedores, e surgiram, então, várias provocações para a escrita da minha Dissertação. Acima de tudo, eu poderia manter meu antigo interesse de estudar o lugar social das mulheres – pois elas também são torcedoras de futebol e poderiam até vir a ser minhas interlocutoras.

Quando adentrei o Mestrado em Antropologia da UFPB, meu objetivo era analisar os discursos veiculados nos filmes super-8 produzidos na Universidade nos anos 1980. Embasando minhas reflexões na *Análise Crítica do Discurso* de Norman Fairclough (1992), eu tentaria entender qual era o lugar social da mulher e como a sua imagem fora veiculada na mídia fílmica em uma década de revolução feminina e de busca por independência financeira. Eu sempre tive interesse em estudar a mulher enquanto atriz social, cujo papel, historicamente, tem sido relegado a segundo plano. Creio que a pesquisa que eu desejava realizar com os super-8 proporcionaria aprendizado e descobertas interessantes, caso tivesse sido levada a termo. Contudo, nas primeiras semanas do curso, eu me sentia angustiada por acreditar que não daria conta da pesquisa, e já pensava em desenvolver um novo projeto. Quando o futebol, minha grande paixão, foi colocado em pauta, eu o defini como objeto da Dissertação.

Reconheço, entretanto, que, caso eu tentasse estudar torcedores do Santa Cruz Futebol Clube, por exemplo, seria bastante difícil treinar a percepção, por eu estar totalmente envolvida enquanto torcedora desse time – lembrando aqui o conceito de “alteridade próxima” citado por Peirano (1999, p. 11). Estudar o outro não tão próximo (o torcedor rubro-negro), pareceu-me uma atividade menos complexa naquele momento, porém não menos desafiadora, tendo em vista minha recente inserção na Antropologia e a irrefutável rivalidade entre os times Santa Cruz e Sport Club.

Entretanto, a atividade que parecia ser ‘menos complexa’ exigiu de mim um esforço maior do que o imaginado. Eu precisei me disciplinar e me questionar em todas as etapas do processo, pelo fato de já ter naturalizado meu campo de pesquisa. Assim sendo, só despertava para alguns detalhes após a volta para casa, quando me concentrava na atualização do diário de campo. Por exemplo, no início, foi bem complicado ver meus amigos como interlocutores, enxergar os detalhes do estádio como dados a serem analisados, prestar atenção à emoção de homens, mulheres e crianças ao meu lado torcendo contra o Santinha e a favor do Sport, etc., e precisei fazer um profundo exercício interior para ‘aquietar’ a torcedora e ‘despertar’ a

pesquisadora. O tempo ajudou a exercitar esse distanciamento, em um treino frequente e desafiador, que já começa a deixar saudades.

Tendo concluído o Bacharelado e a Licenciatura em Psicologia, saí da minha área de conforto ao adentrar o Mestrado em Antropologia, mas o fiz porque desejava olhar o mundo por um outro viés. A Antropologia sempre me encantou, eu já ouvira falar sobre ela, lera alguns trabalhos e estava desejosa de me inserir na área. E assim aconteceu.

Possivelmente, no futuro, eu consiga estudar o outro mais próximo, ou seja, o torcedor do time pelo qual eu torço. Porém, para o momento, a proposta é olhar esse outro um pouco mais distante, observando-o, e buscando, como nos diz Rocha e Eckert (2008, p. 4), a “aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, [...] nos conhecer melhor.” Com a condução desta pesquisa, estive imersa no aprofundamento de meus estudos e reflexões em busca de desenvolver cada vez mais e como bem coloca Magnani (2002, p. 11), “um olhar distanciado, indispensável para ampliar o horizonte da análise.” Ainda, amparando-me em DaMatta (1978), reconheço que preciso ampliar meus conhecimentos a respeito do “*anthropological blues*”⁹ do etnógrafo. Estudar a minha própria torcida pode ser, então, uma proposta para o futuro.

Reconheço então que estar em campo fazendo etnografia foi uma das melhores e mais desafiadoras experiências que já tive, por ter sido levada, parodiando Malinowisk (1978), a tomar contato direto com meus interlocutores, em um processo relativizador das minhas crenças e de meus valores, interpretando as diferenças enquanto sistemas integrados. Depois de superar todos os receios iniciais, comecei a gostar de estar ali, pesquisando, montando um diário de campo e refletindo sobre todo o processo. Não tenho a pretensão de negar que, por muitas vezes, ficava a me perguntar o que estava fazendo ali, por quê e para quê.

Inúmeras foram as vezes em que me senti desconfortável por estar rodeada de pessoas que, vez por outra, alfinetavam o time pelo qual torço, ou que faziam comentários desagradáveis sobre o torcedor tricolor pernambucano. Procurei não deixar que percebessem meu incômodo. Afinal, essas provocações fazem parte do jogo e até já eram esperadas. E me arrisco a afirmar que a maioria daquelas pessoas foi bastante educada e comedida em suas colocações, pois sempre me respeitaram, amenizando as críticas, por saberem da minha condição de torcedora tricolor – todas as pessoas que participaram deste estudo etnográfico,

⁹ Conceito utilizado por DaMatta (1978) - a partir desse conceito, este autor sugere que o etnógrafo reflita sobre o fazer etnográfico em termos de sua consciência individual.

sem exceção, receberam essa informação no momento em que foram abordadas pela primeira vez.

O meu campo de pesquisa foi um espaço alegre, festivo, efervescente mesmo, e, por ser dinâmico, foi prazeroso estar observando seu movimento – jocoso, irreverente, contestador –, como quer que fosse.

Uma boa parte das pessoas com quem estive em campo, mais notadamente os membros da segunda formação da torcida em pauta, me chamavam de “doutora” e, principalmente no início da pesquisa, mantinham um certo tom de formalidade ao me dirigir a palavra. Isso me leva a refletir que, ao me posicionarem distante deles (distanciamento sociocultural), impunham limites à relação. Levou um tempo para que memorizassem meu nome, o que não me constrangeu, pois, para mim, já é rotineiro as pessoas não lembrarem meu nome. Após conhecer a situação atual da torcida e os problemas que ela revelou enfrentar com a diretoria do clube, fiquei a especular se o fato de eu estar querendo estudá-los não os teria deixado desconfiados e pouco à vontade (com alguém ali observando, anotando e gravando tudo, nesse momento específico da torcida). Até o final da pesquisa de campo, em fevereiro de 2018, nada me foi revelado sobre aquele silêncio desses integrantes da segunda formação da torcida por ocasião da minha abordagem. Apesar dessa situação um tanto estranha de desconfiança que imaginei estar acontecendo, nenhum problema de relacionamento ou rejeição nos contatos presenciais posteriores foi sentido por mim. As pessoas gostavam e queriam falar, ser fotografadas e dar informações quaisquer que fossem. Fazer parte da pesquisa as deixava orgulhosas e interessadas em colaborar, em conversar comigo. Não analiso essa postura como resultante de simpatia ou de altruísmo. Entendo que o interesse residia no clube e em falar sobre ele.

Um dos integrantes da atual formação da SPORTMANIA, que está cursando a Graduação em Educação Física na UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco), me revelou que gostaria de ler o trabalho no final. Esclareci que lhes apresentarei o resultado da pesquisa ainda no primeiro semestre de 2018. Alguns outros perguntaram se poderiam presenciar a defesa da Dissertação. Em nosso último contato, em fevereiro de 2018, afirmaram sua intenção de prestigiar a defesa.

Em um dos momentos em que estive acompanhando a torcida, uma discussão surgiu sobre o fato de, nunca, ninguém ter estudado a T.O SPORTMANIA. Os torcedores presentes à ocasião desconheciam quaisquer trabalhos, inclusive acadêmicos, sobre ela, enquanto que outras torcidas de Pernambuco costumam aparecer em estudos e reportagens, e alguns torcedores tinham conhecimento dessas situações. Inúmeras vezes, demonstraram estar felizes

e orgulhosos em me ver ali, conversando sobre a torcida, interessada em conhecer sua história. O Clécio falou uma vez: “A gente devia se sentir privilegiado. É uma honra, né não?” (CLÉCIO, relato oral presencial, 2017). Naquele instante, me dei conta da importância que o meu trabalho tem para eles (podendo inclusive ser percebida como mais uma motivação para que levem a torcida à frente, apesar das dificuldades mencionadas), e da responsabilidade que tenho em retornar ao campo, desta feita com o resultado da minha pesquisa em mãos, para, oxalá, entregar-lhes um material que seja fidedigno à sua experiência. Lembrando, como pontua Malinowisk (1978), de transformar as minhas observações sobre a torcida, em sabedoria, em conhecimento, mudando minha visão de mundo ao conhecer uma realidade diferente da que vivencio. Tudo isso, sem esquecer, como posto por DaMatta (1982, p. 158), que “o exótico nunca pode passar a ser familiar; e o familiar nunca deixa de ser exótico.” Definitivamente, estive perto, convivi, mas tenho consciência de que não sou um deles e que minha percepção é revestida de toda a minha subjetividade.

Assim, a responsabilidade que vislumbro é a de apresentar o campo de pesquisa da forma mais fiel possível, sem esquecer a partir de que lugar estou falando. Reflito sobre esse importante detalhe da pesquisa etnográfica por perceber que ela é passível de impactar os interlocutores (algo que não posso evitar), seguindo o que nos traz Goffman (1999).

Quando um indivíduo se apresenta diante de outros, consciente ou inconscientemente projeta uma definição, da qual uma parte importante é o conceito de si mesmo. Quando acontece algo expressamente incompatível com esta impressão criada, conseqüências significativas são simultaneamente sentidas em três níveis da realidade social. [...] equipes, instituições, etc., ficam comprometidas todas as vezes que o indivíduo representa seu papel [...] a sua reputação permanente está em jogo [...] o indivíduo pode envolver profundamente o seu eu [...] em seu conceito de si mesmo como alguém que não rompe a interação social ou desaponta as unidades sociais que dependem dessa interação [...]. A vida pode não ter muito de semelhante a um jogo, mas a interação tem. (GOFFMAN, 1999, p. 221-223)

Gostaria, ainda, de refletir sobre uma passagem em que um dos meus interlocutores (cuja identidade prefiro não revelar) da atual formação da SPORTMANIA declarou: “Você não vivencia, fica difícil de você entender.” Naquele momento, me senti afrontada (Confesso!), e deu uma vontade enorme de responder: “Não é bem assim, não. Eu consigo entender. Não me subestime.” Mas, fiquei quieta, me limitei a ouvir, mesmo indignada. Não queria que o campo (que acabara de se abrir para mim) se fechasse, nem me arriscaria a cortar o raciocínio do interlocutor que estava animado e seguia um fluxo de pensamento bastante interessante para o meu trabalho. Após retornar de Recife para João Pessoa, naquela mesma noite, fui alimentar meu diário de campo, enquanto pensava: “Eu tenho experiência com o

torcer, só não é pelo time dele. Eu entendo o que ele está sentindo, poxa. Ele não devia ter falado aquilo.” Eu estava indignada, de verdade, e levou um tempo para eu superar aquela indignação – situação que corrobora a afirmação de que a etnografia se materializa nos contrastes que revela, como nos lembra Peirano (1999).

Tornquist (2007, p. 42) relata ter vivenciado um fato similar em seu campo sobre “Parto Humanizado”, que a deixou “profundamente irritada.”¹⁰ Segundo a antropóloga, esse acontecimento deu início ao seu “processo de estranhamento do familiar.” (TORNQUIST, 2007, p. 42). E era isso mesmo que eu não tinha entendido ainda. À época, eles me conheciam menos do que no final da pesquisa, eu era ainda mais estranha ao campo (também não torcia pelo Sport), era estranha para eles e não fazia parte da organizada. Eu entendia os sentimentos dos interlocutores a partir do meu jeito tricolor de sentir. E entrava aí toda a minha subjetividade, como nos alerta Geertz (2014), ao dotar a análise de um caráter parcial devido às limitações da perspectiva da própria pesquisadora.

No dia seguinte, fui reler as minhas anotações e comecei a perceber o quanto eu tinha sido injusta em meus pensamentos, pois a pessoa estava falando de uma situação específica, que podia ter similaridades com as que eu já havia vivenciado, mas que “não era a mesma coisa”, como já me garantiram alguns dos meus interlocutores da primeira formação da torcida em questão (os quais também me reservo o direito de não identificar). Cada indivíduo percebe cada situação de uma forma muito pessoal, e eu me achei no direito de acreditar que a empatia seria equivalente a estar no lugar deles. Ademais, eu precisava estranhar muitos detalhes desse campo relacionado ao futebol, pois a tendência era naturalizar tudo. A partir daí, cada vez que algo me incomodava, eu tentava refletir a respeito e lembrar do estranhamento tão necessário para a condução da pesquisa. Uma das saídas que encontrei para dar continuidade à observação participante foi ler outras pesquisas para entender como lidar com esse tipo de situação. O livro *Entre saias justas e jogos de cintura*, organizado por Bonetti e Fleischer (2007), ajudou bastante nesse sentido pelas situações que apresenta, vividas por outros/outras pesquisadores/pesquisadoras.

Além dessa reflexão, trago também a minha condição de ser mulher em um contexto tipicamente masculino. Em todas as vezes que fui a campo, estive acompanhada por uma ou mais pessoas do sexo masculino. Via de regra, eram amigos rubro-negros paraibanos que me acompanhavam até Recife, ou familiares que iam me fazer companhia, a pedido meu, para

¹⁰ A autora, que é vegetariana, ouviu de uma amiga, a quem ela supunha ser igual, inclusive nos hábitos cotidianos: “Lá em casa a gente come qualquer coisa, somos uma família simples, não temos esse jeito naturalista das classes médias do Sul (do Brasil)”. Ela destaca, assim, o fato da construção cultural de um contexto específico por um determinado grupo social. (TORNQUIST, 2007, p. 42)

que eu me sentisse mais tranquila numa cidade que já não reconheço mais, após tantos anos longe, vivendo em João Pessoa. Apesar de que, nunca me foi dado nenhum motivo para sentir insegurança entre meus interlocutores, e muito pelo contrário, eles estavam sempre preocupados em me proteger no campo. Os receios eram da violência tão propagada sobre o Recife e sobre os confrontos entre torcedores em dias de jogos. A presença de uma ou mais pessoas do sexo masculino no campo comigo, em nada prejudicou meu trabalho ou minha circulação entre as pessoas que pesquisei.

Um momento que merece destaque, e que desejo problematizar (apenas presumindo que possa estar relacionado com o fato de eu ser mulher pesquisando um campo predominantemente masculino) foi a demora em conseguir a confiança e a colaboração dos atuais membros da SPORTMANIA. Foram meses de muita angústia e indefinição, sem retorno dos contatos, o que me deixou assustada, achando que não daria conta da proposta da pesquisa em tempo hábil. Após muita insistência de minha parte, consegui que conversassem comigo, e todos foram receptivos e atenciosos, deram significativas contribuições para o meu trabalho, sem nunca esclarecerem o porquê de demorarem tanto a me aceitar – razão pela qual posso apenas presumir os motivos. No período em que o campo ficou fechado para mim, temi que fosse preciso prorrogar a data da defesa, o que não gostaria que acontecesse, pois prejudicaria meu planejamento profissional e pessoal.

Nos primeiros jogos de que participei na Ilha, antes mesmo de definir a SPORTMANIA como objeto de estudo, por medo de ser estranhada pelos torcedores, eu usava sempre camiseta de cor vermelha (uma das cores do Sport), comemorava os gols do time e gritava o famoso refrão “*Cazá, Cazá*”¹¹ junto com eles. Essa postura era reforçada pelas atitudes dos torcedores rubro-negros que me acompanhavam ao estádio, os quais costumavam pedir que “nem por brincadeira” eu mencionasse na arquibancada que era tricolor. Eles até pediam para que eu não demonstrasse “alegria se o Santa Cruz marcasse um gol” (especificamente, no dia em que o time rubro-negro enfrentou o Santinha). Visivelmente, eles temiam por nossa segurança. Só aos poucos, com o passar do tempo, fui deixando a performance de lado, e assumindo a postura de pesquisadora, me sentindo mais confortável

¹¹ Informação disponível em: <<http://www.meusport.com/forum/showthread.php?t=78046>>. Acesso em: 02 fev. 2017. Nelson Ferreira foi o compositor do frevo-canção *Qual será o score meu bem?* no ano de 1941, de onde saiu o refrão do hino do Sport Club. “[...] *Gol! Seja de cobrinha Seja do timbu Ou seja do leão Eu não faço questão Quero meu benzinho Que neste carnaval Você torça um bocadinho Pelo meu coração Casaca! Casaca! Casaca! Casa...casa...casa A turma é mesmo boa É mesmo da fuzarca No campo do amor Pelo teu coração Serei bom jogador [...]*”

por todos saberem do objetivo da pesquisa e por já ter feito vários amigos entre os torcedores rubro-negros nas arquibancadas e nas sociais (áreas do estádio que serão mais bem explicitadas no Capítulo 2). Entretanto, adotei um padrão e usei sempre jeans e camiseta vermelha ou preta.

Com o passar do tempo não me preocupei em parecer uma “outsider”. Esse conceito desenvolvido por Becker (1963, p. 01) se refere a alguém que “além de não se encaixar nas regras de um grupo, concebe-as como erradas”. O autor (*idem*, p. 15) acrescenta, ainda, que o *outsider* “pode pensar que seus juízes são outsiders.” Naquela situação, assumi que não me encaixava mesmo nas regras daquele grupo, pois eu estava ali como pesquisadora, e não como torcedora rubro-negra, mas que nem por isso precisaria sentir medo naquele contexto.

Isto posto, pensei ser importante trazer um relato pessoal da minha condição no campo de pesquisa por terem me impactado, para que se entenda o meu lugar de fala e, também, para expor algumas peculiaridades registradas no meu Diário de Campo. Como nos traz Tornquist (2007), registrar a subjetividade no diário constitui “um espaço importante na reflexão antropológica acerca do impacto psíquico que o trabalho de campo nos aporta, e que, tanto quanto os dados mais ‘objetivos’, é parte do trabalho de campo.” (TORNQUIST, 2007, p. 67)

Da primeira formação da torcida, consegui sempre total e irrestrito apoio, e quando havia morosidade em marcar encontros, era por conta das inúmeras tarefas do dia a dia de ambas as partes, ou por ser dispendioso estudar um campo situado longe de minha residência (distante mais de 120 quilômetros). Aquelas pessoas foram sempre acessíveis e dispostas a colaborar, e todas elas costumavam dizer: “A gente demora, mas responde.” Uma das dificuldades que aponto na observação do modo de circulação desses torcedores na cidade do Recife, seus modos de uso dos diversos espaços, e no acompanhamento da dinâmica de suas relações, foi o fato de eles não interagirem com a formação atual da T.O. Ademais, raramente foram ao estádio no período de desenvolvimento da pesquisa, e isso limitou a quantidade de interações para coleta dos dados de seus modos de sociabilidade a partir da observação participante.

Da segunda formação da torcida, consegui apoio só após um grande espaço de tempo entre o primeiro contato e o primeiro encontro que tivemos. Em dias de jogos, quando nos encontrávamos na Ilha, ouvi frases como estas: “Que bom que você está aqui.”, “Vai torcer pra gente hoje, né?”, “Até o próximo jogo, né?”, “Basta dizer se você vem mesmo pro jogo e eu compro os ingressos antecipado. Aí não tem perigo de você não comprar.” Cheguei,

inclusive, a receber de presente uma camisa comemorativa dos 10 anos de retorno da SPORTMANIA (ver Figura 12).

Por fim, ao encerrar a pesquisa de campo, derrubei por terra algumas das minhas convicções pessoais, e hoje consigo ser menos intolerante com meus arquirrivais no futebol. Conscientizei-me, no fim das contas de que não conseguirei voltar a enxergá-los como enxergava antes, pois agora eu conheço um pouco do universo desse “outro” que estudei, observei e com quem convivi durante vários meses (com alguns mais, com outros menos). Esta pesquisa dá sua contribuição ao trazer entendimento sobre o universo estudado, e por ter sido realizada por uma mulher, ampliando o material de estudo já existente, e ajudando a desmistificar a visão do futebol como espaço predominantemente masculino.

1.2 O PROCESSO E O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

No primeiro ano do Mestrado em Antropologia, com a definição de um novo projeto após a mudança do tema (pesquisa sobre futebol, e não mais sobre cinema), minha proposta passou a ser, então, estudar a sociabilidade de torcedores comuns do Sport Club do Recife. A partir dessa mudança de tema, teve início um novo período dentro do curso, e eu redirecionei as minhas leituras. Nessa nova etapa, inúmeras sugestões foram dadas por professores, professoras e colegas de sala, novas leituras foram apresentadas, e resolvi conversar a respeito da mudança com as professoras da disciplina *Metodologia da Pesquisa Científica* (Ednalva Maciel e Márcia Longhi) e com o professor da disciplina de *Antropologia Urbana* (Marco Aurélio) em busca de auxílio. Com este professor, descobri muitas afinidades (inclusive, ele também é torcedor do Sport Club Corinthians Paulista), que, desde então, passou a ser o meu orientador.

De início, dediquei todo o meu tempo disponível à Revisão Bibliográfica. Recordando o que nos informa Lévi-Strauss (1975), aprende-se a fazer etnografia, lendo outras. Li tudo o que pude (atividade que perdurou até, praticamente, o último momento de feitura desta Dissertação), sem apreender muita coisa no início, mas anotando o que avaliava ser útil e relacionado ao meu objeto de estudo.

Chegou, então, o momento de fazer a pesquisa exploratória¹², tendo como objetivos, basicamente, conhecer um pouco mais sobre os/as torcedores/as do Sport Club do Recife,

¹² Categoria de Theodorson, G.A. e Theodorson, A.G. (1995, p. 319): Um estudo preliminar cujo principal objetivo é familiarizar-se com um fenômeno que deve ser investigado, de modo que o estudo principal subsequente possa ser projetado com maior compreensão e precisão. O estudo exploratório permite ao investigador definir seu problema de pesquisa e formular sua hipótese com mais precisão. (Tradução nossa)

investigar a sociabilidade como eu pretendia, e também, verificar a viabilidade da pesquisa proposta. Essa entrada no campo foi fundamental para que eu delineasse o objeto e o objetivo da pesquisa.

Devo reconhecer que, enquanto eu me preparava para entrar no campo, medos e receios se mesclavam aos pensamentos e aos planejamentos que eu fazia, e, frequentemente, eu sentia um friozinho na barriga. Por vários motivos, eu estava temerosa da minha ‘chegada’: sou mulher, acima dos 50 anos de idade, não torço pelo Sport Club do Recife, torço pelo Santa Cruz Futebol Clube, até mesmo, moro na Paraíba (achava que seria vista com reservas por morar há tanto tempo longe do Recife), e outros receios que apareceram sem fundamento aparente. Até as características pessoais eram motivo de preocupação de minha parte. Hoje, já compreendo que dentro de mim havia uma lógica de torcedora na qual eu não me encaixava. No meu pensamento, era como se o fato de ser mulher e não ser cronologicamente jovem, me desaprovasse como pesquisadora daquele campo de estudo. Entendi que eu possuía um pré-conceito a respeito dessa questão, o qual acabou se desfazendo com a condução da pesquisa, quando pude perceber que existem diversos perfis de pesquisadores e de pesquisadoras, assim como de torcedores e torcedoras (explicitados no tópico 1.3 deste trabalho).

Acredito, inclusive, que muito do que eu sentia não possuía base alguma em situações empíricas, existia apenas na minha imaginação e na falta de experiência com o ambiente das torcidas e com o fazer etnográfico. Apesar de todos esses sentimentos, mantive o cronograma montado com o orientador e dei início à minha pesquisa de campo. A partir daquele momento, passei a conversar com os meus interlocutores, paraibanos e pernambucanos, pois percebi que as conversas informais forneciam dados riquíssimos, cheios de detalhes cruciais para o meu trabalho de investigação. As pessoas pareciam empolgadas em partilhar suas histórias, lembranças e opiniões sobre o clube, a torcida, os adversários, os encontros e desencontros, as viagens, as festinhas comemorativas e de confraternização, enfim, sobre as mais diversas situações e uma infinidade de assuntos relacionados àquela torcida do Sport Club. Ao longo deste trabalho, esse material vai sendo apresentado e problematizado.

Avalio que minha entrada no campo foi facilitada por eu ter amizade com torcedores rubro-negros que há muitos anos frequentam o estádio, e que, inicialmente, me acompanharam nas idas aos jogos. Reconheço que essas amizades abriram portas, o que ajudou a aumentar a confiança que os meus interlocutores depositaram em mim, afinal eu fora introduzida por alguns deles. Além do mais, eu intencionava fazer uma pesquisa acadêmica, o que dava mais credibilidade ao trabalho realizado ali por uma ‘tricolor’. A notícia da pesquisa

foi se propagando entre os torcedores do Sport e, aos poucos, foram surgindo mais pessoas interessadas em conversar e em contar suas histórias. Foi assim que consegui contatos, *e-mails*, números de celulares e de *WhatsApp*¹³ de várias daquelas pessoas – a partir de então, os contatos aconteceram esporadicamente.

Em paralelo à vivência com os/as torcedores/as rubro-negros/as – estádio, residência, restaurante etc. –, acontecia sempre a leitura de teorias clássicas e contemporâneas da Antropologia, que eu começara a catalogar para embasar minhas reflexões, além das que haviam sido indicadas pelo meu orientador. Dei início ao levantamento dos autores que teorizavam as categorias que eu já começava a vislumbrar em meu campo (pertencimento clubístico, torcida, sociabilidade, por exemplo), e vasculhei bancos de dados de teses e dissertações (CAPES, BDTD, USP, UFPE etc.), para tomar conhecimento do que estava sendo produzido na Academia com relação à temática que eu começara a estudar. Encontrei trabalhos apresentados por alunos da UFPE, a exemplo do realizado por Souza (2011), e de textos publicados em sites da Internet e em livros, a exemplo dos de Pimenta (1997), para citar os primeiros que encontrei. Uma das coisas que mais me motivaram a dar continuidade à investigação, e que em breve será mais bem esclarecido, foi perceber, a partir das leituras feitas, que não havia trabalhos acadêmicos que investigassem o fenômeno que eu começava a identificar em meu campo de pesquisa (a extinção e o retorno de uma T.O) – ou pelo menos eu não conseguira encontrar nenhuma pesquisa a respeito.

Como já mencionado anteriormente, senti muita dificuldade com o fazer etnográfico, tão distante das minhas vivências pessoais e profissionais, e isso foi decisivo para que eu valorizasse ainda mais a pesquisa e me dispusesse a fazer o melhor, dentro do que eu conhecia até então, inclusive nos momentos em que o Sport enfrentava o Santa Cruz.¹⁴ Foi inevitável, o confronto entre meus paradigmas e a realidade vivida ali. As leituras de teorias antropológicas (BONETTI; FLEISCHER (2007), NORONHA (2007), dentre outras) haviam alertado para o desafio, mas não me prepararam para os conflitos que vivenciei – acredito que isso seja algo que só a prática etnográfica consegue fazer. Para dar uma ideia do que estou tentando expressar, vale mencionar que estar sentada no estádio na posição oposta à torcida do Santa Cruz configurou-se como uma situação das mais constrangedoras que já experimentei no

¹³ O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo de mensagens instantâneas para Smartphones. Com ele, os usuários podem se comunicar com seus contatos que também têm esse software em seus smartphones, sem precisar telefonar ou enviar sms. Informação disponível em: <<http://br.ccm.net/faq/15037-whatsapp-o-que-que-e-isso>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

¹⁴ Recordo-me bem de uma ocasião, que considero como sendo a mais difícil para mim até então, como bem explícita o placar final. Foi o jogo realizado pelo Campeonato Brasileiro - Série A / 2016, Rodada: 24, Jogo: Sport / PE 5 x 3 Santa Cruz / PE. Data: 11/09/2016. Horário: 16:00 Estádio: Ademar da Costa Carvalho / Recife.

campo de pesquisa e no mestrado, e precisei registrá-la em meu Diário de Campo. As anotações no diário eram seguidas de encontros para orientação a fim de refletirmos, meu orientador e eu, sobre o que estava sendo observado.

Nos jogos aos quais estive presente na Ilha do Retiro, identifiquei figuras que costumavam compor o cenário – o motorista que adentrava o campo para resgatar atletas machucados; os repórteres que faziam a cobertura dos jogos; Carlos¹⁵, torcedor que saía do trabalho e corria para o estádio, chegando a tempo para o início do jogo; Bui, vendedor de bebidas, lanches e até capas de chuva, que me socorreu em alguns dias chuvosos nas arquibancadas; e até cambistas, difíceis de identificar, pois se misturavam aos torcedores, mas que eram facilmente identificados e apontados por ambulantes do local.

Após várias idas ao estádio, um amigo me convidou para ir à residência de Demócrito Ramos de Albuquerque, conhecido pelo nome de Moca, e essa foi a primeira de várias visitas que fizemos a este seu conhecido de longa data. Em determinado momento de nossa conversa, surge a informação de que nosso anfitrião já havia feito parte de uma T.O em sua juventude. Nesse momento (apesar de eu ainda não saber), a minha pesquisa começava a tomar um rumo mais definido, a partir de um fato que nos chamou atenção: uma das organizadas do Sport Club, da qual Moca fez parte, voltou à ativa alguns anos após sua extinção, e desta feita, com nova formação – a SPORTMANIA, fundada na década de 1980, deixou de atuar no início dos anos 1990. A torcida em questão voltou à atividade com nova formação, no ano de 2008.¹⁶ Ela não é, atualmente, a maior T.O do Sport, mas é a única, de que se tem conhecimento, que passou pelo processo de extinção e reaparecimento. Maiores informações sobre as torcidas dos times pernambucanos encontram-se no tópico 2.1.1 desta Dissertação.

Até aquele momento da investigação, eu não havia demonstrado interesse por T.O, pois desconhecia no meu círculo de amigos alguém que fizesse parte de uma delas e, no meu campo de pesquisa, ainda não havia aparecido, diretamente, nenhum interlocutor ou interlocutora participante de T.O. Desse modo, o fato de a SPORTMANIA ter surgido, ter sido extinta e ter voltado a existir, foi o motivo pelo qual decidi estudá-la, para entender como se deram esses processos de formação.

¹⁵ Nome fictício de um torcedor do qual não obtive autorização a tempo para poder citá-lo neste trabalho. Demais nomes utilizados são verdadeiros e as pessoas deram permissão prévia para utilizá-los, pessoalmente ou através de gravação de áudio no *WhatsApp*, ou ainda por escrito via e-mail.

¹⁶ A volta da torcida foi registrada pelo programa Globo Esporte. As imagens podem ser acessadas no endereço eletrônico disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FrDhCUOHcF8>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

A partir daí, passei a tentar entender o processo subjacente ao fato. Pesquisei trabalhos e registros de torcidas extintas e revitalizadas pelo Brasil afora e nada encontrei nos bancos de dados que pesquisei. Destarte, esse fenômeno (de extinção e reaparecimento de uma T.O) constitui-se como o diferencial desta pesquisa e é atestado por um dos meus interlocutores, como pode ser constatado adiante.

Foi então que, novamente, naquele momento, os receios voltaram a me incomodar. Já não seriam mais os torcedores comuns do time rubro-negro que eu iria estudar, mas sim, uma T.O. Meus receios estavam ancorados nos fatos de: nunca ter pertencido a uma organizada (desconhecendo assim sua linguagem, sua dinâmica etc.); ter acesso apenas ao histórico de violência de algumas T.O do Brasil e da Europa, através da mídia impressa e virtual; não ter amigos dentro da torcida que eu estava querendo estudar; para citar alguns. Todo o conhecimento que eu possuía a respeito do assunto resultava de estereótipos sem qualquer fundamento empírico. Independentemente desses fatos, resolvi encarar o desafio, apesar de não poder mensurar o quanto poderia ser afetada e atingida pelo campo. Porém, não poderia desistir sem nem mesmo ter começado o trabalho.

Todo o questionamento e o receio que antecipava minha entrada em campo não tinham nenhuma eficácia aparente. Como nos traz Silva (2007),

[...] parece difícil, senão impossível, ilusório, ou mesmo, antimetodológico, antecipar ou calcular minuciosamente a realização de qualquer pesquisa em antropologia – é preciso deixar-se capturar ou “perder-se pela experiência de campo – e, ou afirmar de antemão, que necessariamente algum traço da identidade de antropólogo (sua posição de gênero, raça ou classe, etc.) seria vantajoso ou desvantajoso diante da natureza de um determinado objeto. Tal resposta só pode ser construída etnograficamente (SILVA, 2007, p. 231).

Recordava-me, ainda, de um texto de Rocha e Eckert (2008), que me fazia perceber o quanto eu necessitaria estar envolvida com meus interlocutores para poder desenvolver a pesquisa e alcançar os objetivos que havia proposto. Isso era o que a observação participante exigiria de mim e eu estava me questionando se conseguiria dar esse passo à frente.

O observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento(a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 4).

Creio que foi pelo fato de eu ser apaixonada por futebol que consegui dar continuidade ao meu projeto, mas ficava me perguntando se eu seria a única pessoa da minha turma de Mestrado a sentir toda aquela angústia. Li, inclusive, em Alba Zaluar (1985) uma passagem que expressa o que senti à época. Apesar de desenvolvermos pesquisas em contextos diferentes,¹⁷ a autora experimentara o sentimento que eu trazia em mim, por estarmos ambas lidando com campos que são, ainda hoje, conhecidos e divulgados como ameaçadores. Suas palavras exatas eram:

O que me atraía e repelia ao mesmo tempo era a possibilidade de romper uma barreira, cuja visibilidade não é posta a alcance do olho nu [...]. Chegar perto, tão perto a ponto de me confundir com eles em sua casa, em seu bairro, deles que a sociedade construiu inúmeros modos de manter distante [...] (ZALUAR, 1985, p. 11).

Contudo, superando os meus temores, adentrei o campo e comecei, com certa frequência, a observar e a registrar dados sobre a formação, a interação e a sociabilidade de torcedores e torcedoras rubro-negro/as que fizeram parte da primeira formação da SPORTMANIA (posteriormente, fui em busca de fazer o mesmo com torcedores e torcedoras da segunda formação).

Com pessoas da primeira formação, além das conversas informais, consegui fazer algumas entrevistas, que somei aos dados e detalhes que a observação participante¹⁸ fornecia, para ampliar o conhecimento sobre a formação, o funcionamento, o encerramento das atividades da T.O e o seu retorno, para perfilar os interlocutores, etc. Além disso, como já mencionado anteriormente, em dias de jogos do Sport Club, frequentei o estádio, o restaurante e demais dependências do clube,¹⁹ como também, a residência de membros da primeira formação da torcida.

Na primeira visita que fiz à residência do primeiro presidente da SPORTMANIA, Moca da Sportmania (como é conhecido), pude perceber que, no terraço, algumas roupas estavam estendidas e, dentre elas, uma camisa oficial do Sport Club do Recife. Detalhe: todas as camisas estavam estendidas de ponta cabeça, porém a do Sport, não. Esse detalhe permite reflexões, às quais voltarei no Capítulo 3.

¹⁷ O estudo de Alba Zaluar foi realizado com jovens pobres de periferia na região Sudeste do Brasil.

¹⁸ Segundo Queiroz *et al* (2007, p. 277-278), é uma categoria introduzida pela Escola de Chicago nos anos de 1920 e “consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação.

¹⁹ O material colhido nas idas ao campo de pesquisa encontra-se disposto ao longo de todo este trabalho.

É importante lembrar, que foi só depois de um ano de estudos, pesquisas e reflexões dentro do Curso, que consegui elaborar o novo projeto e definir o objetivo do meu trabalho: compreender como se forma e se sociabiliza a SPORTMANIA, e quais são as motivações inerentes ao processo de pertencimento a essa torcida. A partir das leituras e das orientações foi pensado o título “*Leões*” da SPORTMANIA – *Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife*, o qual destaca tanto a categoria nativa “Leões”, como uma categoria relacionada à T.O (sociabilidade) e, ainda, a própria torcida em pauta (SPORTMANIA).

Creio ser fundamental destacar neste ponto da escrita, que a pesquisa exploratória realizada em meados do ano de 2016 serviu para que eu conhecesse um pouco da história da T.O rubro-negra – estudando e analisando seu histórico, sua formação, sua atuação nos anos de 1980, sua extinção e seu retorno anos depois –, mas o aprofundamento da pesquisa só se deu no ano de 2017. Aquele contato inicial com os membros da primeira formação da T.O ajudou-me a perceber que os atos de sociabilização de uma torcida não precisam passar, necessariamente, pela violência. Para ser mais precisa, um dos meus maiores receios era me deparar com um histórico de violência como o ocorrido no ano de 1995 – marcado pelas cenas do que ficou conhecido como “Batalha Campal do Pacaembu”²⁰ (ainda neste trabalho, no item 3.2, voltarei a mencionar este fato, dando detalhes do ocorrido). Abrindo aqui um parêntese, saliento que ao ver aquelas cenas de horror que maculam o futebol brasileiro, senti um embrulho no estômago e me vi às lágrimas frente ao aparelho de televisão.

Diferentemente deste episódio violento, os relatos que sempre obtive de integrantes da SPORTMANIA, nas suas duas edições, foram de incentivo ao *fair play* e de apoio ao Sport Club. Foi percebida, entretanto, uma rivalidade entre torcidas nos estádios e fora deles, um dos motivos pelos quais a categoria ‘violência’ será problematizada no presente trabalho.

Também é importante mencionar que, até aquele momento da pesquisa, o fato de ser torcedora do Santa Cruz Futebol Clube e estar pesquisando uma torcida adversária não causou problemas nem dificuldades perante os/as interlocutores/as, principalmente, os membros da primeira formação da SPORTMANIA. Fui aceita, tive toda colaboração e receptividade possível de pessoas que pareciam satisfeitas por verificarem que o Sport seria tema de um trabalho científico acadêmico. Tamanha receptividade me fez ficar mais atenta e cuidadosa

²⁰ Este episódio feriu o Estatuto de Defesa do Torcedor em seu Capítulo IV - DA SEGURANÇA DO TORCEDOR PARTICIPE DO EVENTO ESPORTIVO, Art, 13-A, “VIII - não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza”. ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em: 04 abr. 2017.

com a atuação no campo, cujos detalhes serão apresentados no item 4.1 desta Dissertação. Um campo sem problematizações ou conflitos não era o que eu esperava, e por isso, procurei ficar cada vez mais alerta.

A etapa que se seguiu foi a busca de contato com membros da segunda formação da torcida, cujo contato consegui com Moca – há cerca de 10 anos, ele fora procurado por Márcio para saber se poderia utilizar o nome da T.O SPORTMANIA em uma reedição da mesma. Alguns membros da formação inicial foram consultados por Moca, conversaram entre si e o consentimento foi dado, com a ressalva de que “a mesma filosofia daquela torcida dos anos oitenta continuasse a ser empregada, sem bagunça, e que o nome da torcida fosse honrado e respeitado, como antes.” (MOCA, relato verbal presencial, 2016)

Entendo ser necessário problematizar os termos “bagunça” e “filosofia”, categorias nativas, por diversas vezes mencionadas no campo. O *DICIO*, Dicionário Online, descreve “bagunça” como sendo “ausência de ordem; falta de organização; tumulto ou confusão”. Essa definição se aproxima do entendimento que os primeiros torcedores da SPORTMANIA tinham do termo, e inclusive, Moca (2016) reforçou que a torcida poderia voltar, mas “só se não fosse metida em arruaça, brigas. [...] Se quiser honrar o nome da torcida pode voltar, eu acato.” (MOCA, relato verbal presencial, 2016). Ainda, o mesmo dicionário descreve “filosofia” como sendo a “reunião das regras ou princípios básicos que norteiam a vida prática.” Esse era o princípio que os torcedores da primeira formação adotavam e desejavam ver acontecendo com a formação atual.

De posse do número de telefone do atual presidente da torcida, foi possível procurá-lo para fazer uma apresentação da minha pesquisa. Um primeiro contato telefônico foi realizado com sucesso e fui bem recepcionada pelo novo futuro interlocutor, que se disponibilizou a auxiliar o estudo, participando da maneira que pudesse. A partir de então, tentei diversos contatos via *e-mail*, porém foi apenas com os contatos via telefone que obtive algum resultado, e essa situação perdurou por cerca de sete meses.

Um fato que pude perceber à época, a partir das poucas informações que consegui via contatos telefônicos, foi que o correio eletrônico e os demais meios digitais em nome da torcida não estavam sendo utilizados devido a problemas que serão mais bem explicados adiante. Por conta dessa problemática, meu interlocutor disponibilizou apenas o seu *e-mail* pessoal para facilitar nossa troca de informações. No entanto, esse *e-mail* nunca foi utilizado para este fim. Só após inúmeras tentativas de minha parte, consegui que meu novo interlocutor me aceitasse e conversasse comigo. Tanto ele quanto os demais torcedores da atual SPORTMANIA foram receptivos e atenciosos, e deram significativas contribuições,

fornecendo material, inclusive fotográfico, para o estudo. No Capítulo 3, dedicado a esta torcida, os detalhes desses contatos encontram-se postos e aprofundados.

Em face de toda a reflexão conduzida até este ponto, resumo assim o caminho percorrido na pesquisa: definição da metodologia a ser empregada, entrada em campo, recolha dos dados, análise, e preparação da Dissertação. A seguir, explicito essas etapas.

Então, a etapa que se seguiu à definição inicial do objetivo do estudo – compreender como se deu/dá a formação e a sociabilidade da SPORTMANIA e as motivações inerentes ao processo de pertencimento a essa torcida –, foi a formulação dos objetivos específicos e a criação de uma pergunta de pesquisa, quais sejam: compreender o processo de pertencimento à SPORTMANIA, a partir das experiências de formação da torcida e da socialização entre seus membros; investigar como as pessoas se integram à torcida; identificar as experiências e atividades dos/das integrantes enquanto torcedores/as, tanto da primeira quanto da segunda formação da torcida; observar como a SPORTMANIA ocupa os espaços de sociabilidade; identificar como esses/as torcedores/as acompanham o time, por exemplo, nos estádios de futebol, na sede da torcida, nas viagens para assistir a jogos fora da cidade do Recife etc. Em seguida, defini a pergunta de pesquisa: *como se forma e se sociabiliza a T.O SPORTMANIA?*

Satisfeita com a definição dos objetivos, necessitei determinar os métodos que seriam utilizados para responder, de modo científico, à referida pergunta. Quando ela foi definida, buscou-se verificar se se tratava de uma pergunta antropológica, inquietação nascida em sala de aula, por ocasião da explanação das professoras da disciplina *Metodologia da Pesquisa Científica*, as quais explicaram que o conhecimento científico analisa dados, fatos. Eu entendia que a pergunta seria antropológica na medida em que se necessitasse de uma metodologia capaz de nortear a pesquisa de fatos concretos, sendo então preciso encontrar o material teórico para o qual a pergunta direcionaria. A existência de sociabilidade em uma T.O é um dado concreto com possibilidade de verificação empírica, sendo necessário, então, determinar um método, ou vários, para nortear a investigação.

Portanto, após consultar tanto o material teórico disponibilizado naquela disciplina quanto o professor orientador, foram definidos como métodos: 1) a revisão bibliográfica, em especial a respeito dos temas ‘futebol’ e ‘torcida organizada’; 2) a pesquisa exploratória (com uma inserção inicial no campo no ano de 2016); 3) a observação participante (iniciada no ano de 2016 e encerrada em fevereiro de 2018); 4) as conversas informais (individuais e em grupo); 5) cinco entrevistas gravadas em áudio ou respondidas via e-mail (individuais ou em grupo – cujo modelo se encontra como apêndice deste trabalho) com roteiro estruturado (foram realizadas apenas com as lideranças da T.O, pela riqueza e pelo volume dos dados

fornecidos); 6) um Diário de Campo para registro do material coletado (meu Diário constituiu-se de registros das observações e interlocuções com o uso de um gravador portátil, câmera e de um caderno de bolso. O material era colhido em campo e repassado para um arquivo no computador, onde mais dados da observação eram inseridos, a partir da memorização das situações vividas em campo).

Acrescente-se a este material, o termo de consentimento (que se encontra em apêndice) apresentado aos interlocutores no contato inicial. A permissão para condução da pesquisa me foi dada pelos participantes, verbalmente (presencialmente ou via *WhatsApp*) ou por escrito (via e-mail), após leitura do termo em questão.

Antes de realizar entrevistas, preferi observar os torcedores, tanto na entrada e na saída do estádio como dentro deste, e nas diversas dependências do clube, até mesmo nos barzinhos localizados nos arredores do estádio e em supermercados da região, onde os torcedores se aglomeram antes, durante e depois dos jogos. Sempre tomava nota de tudo o que me chamava atenção: roupas, bebidas, brincadeiras, movimentação, agrupamento, conversas, apesar de saber que muito do que acontecia ao meu redor eu já havia naturalizado, e acabaria não entrando em meu Diário (as anotações eram feitas no próprio campo quando possível – ou seja, quando estava em um local onde pudesse apoiar o caderno, caso houvesse tempo para fazê-lo, ou quando a presença do gravador intimidava o/a interlocutor/a.)

Quanto às entrevistas, foram utilizadas, posteriormente (da forma e pelos motivos já mencionados), e de modo similar ao definido por Beaud e Weber (1998):

A entrevista etnográfica fornece um rico material à observação. Suas anotações, que você deve fazer com calma após a entrevista, são tão importantes quanto as gravações. Anote o que te impressionou na apresentação do entrevistado, a “decoração” (sala, cozinha, escritório, outro local de trabalho), as relações formadas nesta ocasião com outras pessoas presentes no local (familiares, amigos, colegas de trabalho). Isto evita que a base da interpretação da entrevista se apoie unicamente sobre a transcrição da mesma.²¹ (BEAUD; WEBER, 1998, p. 183)

Assim, como meios de recolha de dados utilizei o relato verbal presencial e/ou via *WhatsApp* (a depender da localização e disponibilidade do/da interlocutor/a); o relato escrito via *WhatsApp*; a entrevista presencial ou via e-mail (também a depender da localização e disponibilidade do/da interlocutor/a). Cada uma dessas estratégias foi utilizada dependendo da

²¹ Tradução para *L'entretien ethnographique offre une riche matière à l'observation. Vos notes d'observation, que vous devez écrire au calme juste après l'entretien, important autant que la cassette enregistrée. Notez ce qui vous a frappé dans la présentation de soi de l'interviewé, le "decor"(salon, cuisine, bureau, autre lieu de travail), les relations nouées a cette occasion avec d'autres personnes présentes sur le lieu (membres de la famille, amis, collègues de travail). Vous éviterez ainsi de faire reposer l'interprétation de l'entretien sur la seule transcription de l'entretien.*

disponibilidade dos/das interlocutores/interlocutoras ou da minha possibilidade de acesso a eles/elas. Reforço que utilizei entrevistas apenas com as lideranças da torcida (cinco no total) – até porque tive mais contato com elas –, pelo volume de informações que apresentaram nas conversas informais e/ou por e-mail, ou ainda pela disponibilidade de cada uma delas. Só assim pude organizar e catalogar os dados históricos da formação e, também, da atuação da torcida.

Como passo seguinte, e a partir dos métodos citados no parágrafo anterior, dei início à recolha dos dados. A posterior análise foi ancorada em alguns teóricos citados ao longo deste trabalho, a exemplo de Murad (2011) e Magnani (2002), para citar alguns. Por fim, o trabalho de escrita do texto final se deu até o início do mês de fevereiro de 2018.

1.3 PERFILANDO OS/AS INTERLOCUTORES/AS

Inicialmente, até que a SPORTMANIA viesse a ser definida como objeto de estudo, foram ouvidos vários/várias torcedores/torcedoras rubro-negros/as cujas interlocuções não serão trazidas neste trabalho e apenas auxiliaram no conhecimento sobre o torcer pelo Sport Club do Recife. Vários desses torcedores chegaram mesmo a ser perfilados e, dentre eles, foram identificados desde fanáticos pelo time até os que torcem porque a família também torce.

Após definição do objeto de estudo, foi possível estabelecer contato com apenas três integrantes da primeira formação da T.O SPORTMANIA, pessoalmente ou via e-mail e *WhatsApp*²². Inclusive, nem todos aqueles que participaram da T.O na década de 1980 residem atualmente no Nordeste do Brasil. Então, não foi possível obter informações sobre os demais participantes, até porque o grupo já não se comunica há anos.

Na época em que formaram a SPORTMANIA, essas três pessoas (uma mulher e dois homens) tinham entre 17 e 22 anos de idade, eram estudantes de classe média alta e moravam na cidade do Recife. Todos solteiros, nunca haviam participado de uma T.O antes disso, e eram de famílias torcedoras do Sport. Alguns outros que vieram a se associar depois já trabalhavam, mas não foi possível obter informações quanto às suas ocupações. Consegui descobrir apenas que havia um Motoboy e um Designer entre eles.

²² Redes sociais como *Facebook* e *Instagram* não foram mencionadas neste trabalho por não serem utilizadas pelos integrantes desta pesquisa para divulgação de materiais relacionados à torcida Sportmania. Segundo me informaram, já faz algum tempo que não divulgam nenhum material: “existe uma página com nosso nome, mas não somos nós que administramos. Já tentamos ver quem é, entrar em contato, mas infelizmente não conseguimos.” (CLÉCIO, relato escrito via *WhatsApp*, 2018)

Vale mencionar que dentro da torcida, um casal se formou, casou e teve um filho. Foram mais de nove anos de intensa atuação da SPORTMANIA, porém, aos poucos, as pessoas foram deixando a torcida, até que os que ficaram resolveram encerrar as atividades, definitivamente. Segundo seus próprios relatos, cada um/uma foi seguindo seu caminho, mudando de interesse, entre outros motivos, como se pode perceber nos trechos a seguir, extraídos do Diário de Campo.

Eu já tinha saído da torcida. Mas, quando ia pro estádio, era reconhecido, diziam: olha ali o Moca da SPORTMANIA. Até cinco anos atrás, eu era reconhecido pela torcida no campo. E chegou uma hora que resolveram acabar mesmo. Cada um tinha suas responsabilidades. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2016)

A SPORTMANIA acabou porque eu casei, alguns dos rapazes se formaram... classe média... era diferente. Ninguém ali era do morro. Uns ou outros tinham menos educação, eram menos favorecidos economicamente, mas a maioria era classe média, estudava, e foi cada um pro seu lado. (ARIANE, relato verbal presencial, 2016)

A SPORTMANIA junto com a Falcões da Ilha, era formada por amigos. Jovens, mulheres, famílias inteiras, tinha de tudo um pouco até o crescimento e a divisão [...] depois começou a entrar pessoas apresentadas por estes amigos, até que não teve como controlar. Daí, teve a divisão e surgiu a GANG DA ILHA. (CÉSAR, entrevista via e-mail, 2017)

Os relatos sobre a extinção da torcida se iniciam com mudança nos objetivos de vida dos integrantes e acabam mostrando que havia algo mais nessa desativação da torcida. Como verificaremos mais adiante, mudanças nas características das T.O, não apenas rubro-negras, ocasionaram o encerramento da SPORTMANIA, .

Em busca de contato com pessoas da segunda formação da torcida, houve o já referido silêncio inicial, mas consegui contato via *WhatsApp* com dois integrantes. E só após meses de pesquisa de campo foi possível contatar todos os demais torcedores da SPORTMANIA que estão mais atuantes no momento. Não foi possível que eu estivesse presente a todos os jogos do time em Recife nem que eu me deslocasse para assistir jogos em outros estados brasileiros ou fora do país. Acompanhar os interlocutores a todos os eventos seria dispendioso e estava fora do orçamento inicial para pesquisa de campo com recursos próprios. O contato durou alguns meses em que procurei acompanhar ao máximo as atividades da SPORTMANIA. Em dezembro de 2017, cheguei a receber um convite para participar da confraternização da torcida (como mostra a citação a seguir). O convite foi aceito e, então, pude conhecer um número maior de torcedores.

Vou fazer a confrã da torcida, aí todo mundo se reúne... a maioria, todo mundo não, porque alguns trabalham fora do estado e de Recife, e não pode ir. Mas vai a maioria se reunir e fazer a festa... pendurar faixa, bandeira...você tá convidada. Aparece por lá e você vai ver boa parte da turma. Só lamento mesmo é você não ver a gente no campo, com bandeiras, faixas... enfim. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2016)

Os atuais membros mais atuantes da torcida (num total de treze pessoas) são homens entre vinte e quarenta e cinco anos de idade, casados e com filhos, residentes na Grande Recife, profissionais liberais, de classe média e de famílias torcedoras do Sport. As mulheres identificadas em meio à atual formação são esposas ou namoradas dos integrantes, muito embora, eles tenham relatado que, quando a torcida foi reativada, existiam participantes do sexo feminino que frequentavam os jogos, esporadicamente, as quais não mantinham relacionamento com nenhum dos homens da torcida. Reitero que enquanto estive acompanhando as atividades da SPORTMANIA não constatei a presença de torcedoras entre eles.

Em termos de liderança, dois nomes se destacam, Moca (primeira formação) e Márcio (segunda formação) – dois protagonistas do cenário informado nas primeiras linhas deste trabalho. Moca (um dos fundadores da torcida na década de 1980, juntamente com Eduardo e Adriano) afirma que a sua liderança se deu de forma natural, que não se “sentia superior a ninguém”, e que foi apenas escolhido como líder do grupo, ou seja, como presidente da torcida, pelos demais componentes para representá-la publicamente. Após dois anos de mandato, sob pressão de alguns integrantes, foi realizada eleição para escolha de um novo presidente para mandato de mais dois anos, sempre renovado até a extinção da torcida. Por sua vez, Márcio, atual presidente da SPORTMANIA, afirma que pretende manter-se no cargo. Ele é um dos responsáveis pela volta dessa torcida juntamente com Júnior. O atual presidente reforça, entretanto, que a torcida não está presente no estádio como gostaria, por conta de política. Indagado a respeito, ele diz que “política é quem faz o clube, pessoas que comandam a instituição, quem está à frente do Sport, que é anti-torcida organizada e que vê a torcida como um bando de marginais, sem responsabilidade, infelizmente, é isso.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). No estádio, conversando com ele pouco antes de um dos jogos, ele me explica com mais detalhes, o momento da SPORTMANIA:

Hoje, por exemplo, a gente não veio com nada, faixa, bandeira, pro campo. Por conta também do tempo que é tão limitado... porque temos que ir no Quartel do Derby, que é o batalhão de choque próximo, trazer a lista do material que vai entrar no campo, o nome da pessoa que vai ficar com esse material. Enfim,... tá meio complicado, e a gente nem sabe quem vai vir, quem não vai, quem tem grana pra vir. Então, eu prefiro evitar e esperar umas mudanças, pra que a gente veja se vai dar pra gente voltar com tudo. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

Após o cancelamento do apoio (ingressos, principalmente) dado às torcidas, pela atual gestão do clube (informação que me foi passada pelos próprios integrantes da SPORTMANIA), não está sendo possível o comparecimento de todos eles aos jogos do Sport. Isso tem dificultado imensamente as atividades e a interação da torcida, uma vez que para ir aos estádios, seria necessário um investimento mensal que comprometeria o orçamento dos integrantes – casados e com filhos. Por exemplo, no início do Campeonato Pernambucano de 2018, havia intenção de irmos prestigiar o clássico Náutico x Sport, dia 24 de janeiro, que seria uma das últimas oportunidades de eu acompanhar a T.O nas arquibancadas. No entanto, a ida ao jogo foi cancelada pela dificuldade de acesso à Arena Pernambuco em um jogo que se realizou às 21h30. A distância não permitiria que eles usassem transporte público, e a despesa com combustível somada ao preço do ingresso seria considerável, o que fez com que a ida dos integrantes fosse cancelada.

Segundo me informaram, para que a torcida se mobilize, a ajuda da diretoria é fundamental, pois diminui despesas, embora fora da Ilha todos precisam pagar pelos ingressos para apoiar o time.

O que ajudava a SPORTMANIA a permanecer ainda dentro da arquibancada, dentro do estádio, era justamente a ajuda que vinha da diretoria, o acesso gratuito só na Ilha do Retiro. Nos jogos fora da Ilha, no Arruda, Afritos, Arena, qualquer outro lugar, a gente pagava o ingresso, mas... enfim, a gente chegou a essa situação. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

A atuação da SPORTMANIA parece estar atrelada à parceria desta com os gestores do clube. O apoio passa a se configurar como condição *sine qua non* para que os integrantes frequentem o estádio da Ilha do Retiro e possam vivenciar seu pertencimento ao time rubro-negro como torcedores organizados.

De resto, essa privação pela qual a SPORTMANIA está passando não se assemelha nem está relacionada com o que acontece, por exemplo, com a TORCIDA JOVEM DO SPORT – TJS. Esta foi banida dos jogos do clube. Um pouco antes do início da presente pesquisa, (meados do mês de abril de 2016), a diretoria do time pernambucano entrou com um pedido na Justiça, para suspender a participação da JOVEM na Ilha do Retiro. O motivo teria sido o prejuízo financeiro resultante de incidentes com os torcedores desta organizada no Campeonato Brasileiro de anos anteriores. O trecho a seguir, retirado de um jornal *online* do estado de Pernambuco, traz detalhes do despacho judicial.

No despacho, o Juiz Edvaldo Palmeira ressalta as confusões causadas pela torcida organizada no passado, em jogos contra o Figueirense (no estádio Orlando Scarpelli, em Santa Catarina, no dia 3 de outubro de 2014) e Coritiba (no Couto Pereira, no Paraná, no dia 2 de setembro de 2015). Juntando as duas condenações do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), o Sport acabou multado em R\$ 60 mil reais e perdeu três mandos de campo.²³

Ainda refletindo sobre a primeira formação, a SPORTMANIA chegou a ter, entre torcedores e orquestra²⁴ mais de 300 participantes, mas houve época em que apenas 30 pessoas faziam parte efetivamente. Essa variação no número de associados é um processo que se assemelha, mesmo que remotamente, ao que ocorre com a torcida nos dias atuais, quando um grupo que chegou a ultrapassar o número de 50 pessoas após seu retorno, hoje se encontra reduzido a 10 pessoas em média, que participam das festividades ou se revezam no deslocamento até a Ilha, para assistir aos jogos, sem orquestra, faixas ou fogos, mas usando camisas (redesenhadas por eles) que levam o nome da SPORTMANIA.

Com um total de sete interlocutores, somando membros das duas formações, tive contato mais frequente e deles pude obter um volume satisfatório de dados. Todos foram unânimes e deram permissão (em gravação de áudio ou por e-mail) para que seus nomes verdadeiros fossem utilizados nesta pesquisa, motivo pelo qual, os nomes foram mantidos em vez do uso de pseudônimos – salvo duas ocasiões, uma em que não consegui obter a permissão do torcedor até a finalização desta Dissertação, e o denominei de Carlos, e outra em que não indaguei o nome da torcedora na ocasião do contato nas arquibancadas e a denominei de Laura. Quatro ou cinco das pessoas com quem tive contato, pela frequência de participação na torcida, são mencionados um maior número de vezes neste trabalho. Além das pessoas já citadas, mais dez ou quinze outras também fizeram parte da pesquisa, sendo contatadas esporadicamente, sem conceder entrevista ou sem a gravação de áudio, mas estando presentes aos encontros, às atividades e às rodas de conversa, tanto no estádio, quanto nas suas residências e colaborando/corroborando informações sobre a torcida em pauta. Com essa colaboração, também via *e-mail*, obtive informações sobre a formação e a atuação da SPORTMANIA, principalmente, relativas à década de 1980.

²³ Notícia retirada do Jornal do Commercio *online*. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/esportes/sport/noticia/2016/04/12/justica-bane-torcida-jovem-de-participar-de-qualquer-jogo-do-sport-230612.php>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

²⁴ De acordo com Moca, os batuqueiros, que também eram torcedores do time, se agregaram à torcida para tocar nos jogos gratuitamente. A diretoria cedia de 25 a 30 ingressos para a SPORTMANIA, cujos membros compravam esses ingressos para poder “dar um agrado” àquela que foi a maior batucada dentro dos estádios, à época. Eram 26 músicos não profissionais, que tocavam bumbo, tarol, prato, tamborim, corneta etc., que “na hora do gol, jogavam as baquetas pra cima, se abraçavam e não tocavam nada. Era muito engraçado.” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2018)

Foram realizadas conversas informais com paraibanos/os que torcem pelo Sport Club, e com as/os quais viajei algumas vezes ao Recife para assistir aos jogos do time. A menção a essas pessoas se deve ao fato de serem familiares ou amigos daqueles interlocutores participantes da SPORTMANIA, e conhecedoras da história da torcida. Ademais, os/as torcedores/torcedoras paraibanos/paraibanas frequentam as residências desses torcedores pernambucanos e estiveram presentes às primeiras interações com componentes da primeira formação da T.O. Assim, indiretamente contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa.

Portanto, assim ficou constituída a população de torcedores rubro-negros do Sport Club do Recife que fizeram parte da presente pesquisa, havendo maior contato com três torcedores de cada período da torcida. Detalhes complementares sobre os interlocutores, serão apresentados ao longo deste trabalho, sobremaneira, no Capítulo 3.

Resumidamente, para melhor conhecer a torcida e sua atuação em seus dois momentos, destaco os seguintes pontos:

a) A primeira formação possuía muitas mulheres em sua formação. Inclusive, elas participaram ativamente da SPORTMANIA que chegou a ser a maior torcida do Sport. Na segunda formação, a participação de pessoas do sexo masculino encontra-se reduzida e a participação de pessoas do sexo feminino é nula;

b) Quanto à relação entre torcida e diretoria, havia um bom relacionamento entre elas na primeira formação e, atualmente, o relacionamento não é amigável;

c) Na década de 1980, eles eram um grupo de amigos que queriam prestigiar os jogos do Sport Club, “jogar papel picado” e colorir as arquibancadas, como costumavam afirmar nas conversas informais. Com o crescimento, a torcida ampliou sua atuação, nos estádios principalmente, chegando a estar presente às reuniões da diretoria, opinando e recebendo apoio financeiro de patrocinadores do clube para prestigiar os jogos do time. Percebe-se com essas informações que havia um tipo de parceria entre torcida e dirigentes nas ações e nas decisões em prol do clube. Havia, posso presumir, uma relação de dependência econômica e política, da qual todos se beneficiavam, principalmente a direção do clube que percebia o potencial da torcida em apoiá-la nos momentos de crise e/ou de decisão. Episódios como este nos ajudam a compreender o processo implícito de troca que permeava essa relação diretoria-torcida, em que as ações de uma eram reconhecidas (para não dizer recompensadas) pela outra e vice-versa. Assim, não seriam ações gratuitas nem aleatórias, ao contrário, havia uma motivação ao reconhecimento da dádiva – termo introduzido por Marcel Mauss (1974) e expresso como alicerce de sociabilidade;

d) As comemorações da SPORTMANIA chegaram a ser veiculadas pela mídia pernambucana. À época, quaisquer que fossem as celebrações do Sport Club, a mídia televisiva estampava sempre essa torcida e costumava entrevistar seus membros;

e) A extinção da SPORTMANIA se deu por vários motivos, como pode ser percebido nos depoimentos de seus integrantes apresentados no início deste capítulo. Como resultado, parte deles juntou-se à GANG DA ILHA (alguns retornaram com a SPORTMANIA em 2008, após um período de afastamento);

f) A atual formação se encontra em número reduzido e não tem levado nenhum material para os jogos;

g) Segundo os atuais integrantes da torcida, não existe a função empresa (repetindo o panorama da primeira formação), o que existe é apenas o comércio de camisetas comemorativas. Dessa forma, podem arrecadar dinheiro para as festividades, para a compra de ingressos, ou para desenvolver atividades que ajudem a torcida a apoiar o time. Houve uma época em que os integrantes pagavam, segundo eles próprios me informaram, “uma contribuição irrisória de 20 reais mensais” para participarem do grupo;

h) Apesar de o retorno da SPORTMANIA ter merecido a atenção da mídia, atualmente há pouca ou nenhuma divulgação de suas atividades. A torcida vivencia uma fase de latência, pois está “só esperando essa diretoria aí sair, pra voltar a ter um espaço na Ilha”, segundo narrativas de vários integrantes.

Um dos componentes explica a fase pela qual a torcida passa, e menciona o seguinte: “A gente parou geral. A gente tinha *face*²⁵, página na internet, lançava os produtos, colocava pra vender na internet, tinha uma página da SPORTMANIA. Mas,... enfim... como eu te falei, a gente parou.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Com essa situação, eles temem pelo futuro da torcida, pois o que ajudava a organizada a permanecer nas arquibancadas, dentro do estádio, era justamente a ajuda que recebia da diretoria – basicamente, o acesso gratuito à Ilha (em jogos “fora de casa”, como se fala na linguagem do futebol, a torcida compra os ingressos).

Por fim, neste capítulo, apresentei minha entrada e problematizei a vivência no campo, os métodos de pesquisa que utilizei e o perfil dos/das interlocutores/interlocutoras com os/as quais interagi. No próximo capítulo, reflito sobre o futebol, as torcidas, o torcer, preponderantemente no estado de Pernambuco, e apresento o Sport Club do Recife – por ser o time ao qual está relacionada a T.O em estudo.

²⁵ *Face* é uma forma reduzida da palavra *Facebook*, considerada a maior rede social do mundo, em operação desde o ano de 2004.

CAPÍTULO 2 – PRIMEIRO TEMPO DO JOGO: O FUTEBOL E SUA ‘EFREVEESCÊNCIA’ NA CAPITAL DO FREVO

No Recife, cidade reconhecida como a capital do frevo, vislumbram-se dois espaços onde os rituais estão presentes: no futebol e no frevo – é com o segundo que costumam ser comemoradas as vitórias no primeiro.

Neste capítulo, serão apresentadas reflexões sobre a relação entre rituais (futebol e frevo) contextualizados na cidade de Recife. Como também, serão mencionados o Sport Club e as T.O do estado, possibilitando que se compreenda o contexto e algumas especificidades do objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 RITUAIS E O FUTEBOL

O conteúdo deste capítulo aborda panoramicamente alguns aspectos do futebol, destacando a importância do frevo para o futebol recifense e para a forma de se torcer nessa cidade.

A intenção deste tópico é abordar o tema ‘futebol’ não de forma linear, mas embasando as reflexões nos escritos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as que vêm discutindo o tema há décadas. Entendo que esta reflexão se faz necessária, para que se perceba em que contexto está situado o tema desenvolvido neste trabalho. E, da mesma forma, abordar outra paixão recifense: o frevo e sua relação com o futebol. Esse imbricamento me faz recordar o que dizia o meu saudoso primo Amaro, a caminho do Mundão do Arruda, nos idos de 1977, com aquele seu jeito marcado de falar: “Hoje, o jogo vai fever”. Significado: ‘Hoje, o jogo vai ferver ao som do frevo’.

Dando início à reflexão, cito a *Introdução* do livro *Torcidas Organizadas de Futebol*, no qual Pimenta (1997) atesta a relevância do futebol para o povo brasileiro, “um motivo de alegria e prazer, [...] momentos de glória, êxtase e fortes emoções que [...] ultrapassam os limites do “campo de jogo” e se entranham nas relações individuais/grupais da sociedade.” (PIMENTA, 1997, p. 13).

A priori, para tentar entender a dinâmica do esporte mais importante para o povo brasileiro, e as formas de praticá-lo em tempos longínquos, talvez, seja preciso fazer uma breve menção às formas do jogo de bola daqueles tempos. A citação a seguir, retirada do livro de Unzelte (2002), expressa a ideia de que, no início, a maneira como se usava a bola pouco

tinha a ver com o uso que se faz dela na contemporaneidade, apontando a distância que há entre formas “primitivas” e a forma atual do futebol, que acabou por se transformar em ‘jogo’.

No princípio, era a bola...e só mesmo ela. Afinal, com exceção dos objetos esféricos que alguns povos utilizaram em suas formas primitivas de futebol, pouca coisa faria lembrar o jogo que é hoje praticado por 200 milhões de pessoas em 190 países dos cinco continentes. (UNZELTE, 2002, p. 9)

O envolvimento emocional das pessoas em torno do futebol, sejam elas jogadoras, torcedoras etc., revela detalhes de seu modo de viver e, também, das sociedades às quais elas pertencem. Pimenta (1997, p. 33) ressalta o exemplo dos povos africanos, cujas principais características são a alegria, a liberdade e a ludicidade com que encaram o futebol, em detrimento das “regras competitivas e individualizantes” adotadas por várias outras sociedades. Para aqueles povos, não existe o conflito resultante da disputa, do querer vencer, até porque o jogo não resulta em um vencedor. A tensão perdura enquanto as equipes buscam o empate, momento em que o jogo se encerra, prevalecendo a importância da igualdade, e não da diferença. Essa realidade africana, em muito se afasta do que se percebe nas T.O atuais, pois vivemos tempos outros em que a disputa e a competitividade rodeiam e pressionam ferozmente o mundo do futebol, como é de conhecimento de toda a sociedade.

A despeito dessas constatações, nas formas de torcer identificadas na T.O SPORTMANIA, observei ludicidade e alegria. As brincadeiras presenciadas entre os grupos de torcedores, as provocações, a alegria do grupo consumindo cerveja e churrasco antes de cada jogo do Sport, demonstram a leveza do mundo futebolístico. Pelo menos naquele espaço, reinava a igualdade e não a diferença.

Vale lembrar que quaisquer que sejam as transformações que possam ocorrer no futebol mundial elas sempre caminham *pari passu* com os processos culturais e políticos que se desenrolam nas sociedades. Por este motivo, algumas dessas transformações são postas neste trabalho, cujas reflexões sobre sua prática servem de instrumento para a investigação de dinâmicas sociais, de estruturas e alterações socioeconômicas, de processos políticos etc., e auxiliam na análise do que dá e faz sentido em determinados contextos. À vista disso, Stahlberg (2009, p. 142) corrobora com a ideia de que grande parte dos esportes coletivos praticados hoje originou-se na Inglaterra, mas nenhum deles teve a aceitação e a difusão do futebol. A autora afirma ainda que o esporte que no século XIX chegou ao Brasil como “esporte da elite”, teve a mesma representação tanto para os segmentos nacionais mais ricos quanto para os europeus. Vale dizer: significou para ambos a “desportivização” das formas de

lazer e distinção social. Com o passar dos anos, a visão elitizada do futebol foi se modificando pelas próprias características da prática desportiva com seu aspecto lúdico e socializante – e isso é algo que interessa ser discutido no presente trabalho que investiga a interação e a sociabilidade de uma T.O.

Apesar de toda a literatura produzida sobre futebol, não se tem um registro da primeira pelada no Brasil. Existe, porém, a informação de que o primeiro jogo de futebol aconteceu um ano após Charles Miller, filho de britânicos, (em 1894, mesmo ano em que seria fundado o São Paulo Athletic Club) trazer o futebol para o Brasil. Essa informação circula em um blog – *Cafofo do Fantomaas*²⁶ –, que exibe as fotos em preto e branco da partida e afirma que o jogo aconteceu entre os times “Funcionários da Companhia de Gás X Cia. Ferroviária São Paulo Railway no dia 14 ou 15 de abril de 1895 [...]”.

Como registros da vivência futebolística pelo Brasil, temos em Unzelte (2002): Oscar Cox introduziu o futebol no Rio de Janeiro (1897); Vito Serpa levou o futebol para Minas Gerais (1904); Guilherme de Aquino Fonseca, que voltava da Inglaterra, trouxe o futebol para Pernambuco (foi fundado o Clube Náutico Capibaribe em 1901; o Sport Club do Recife em 1905; o Santa Cruz Futebol Clube em 1914); e Charles Wright, no Paraná (1908). Há ainda, segundo Silva (2006), registros anteriores a essas datas, como o de marinheiros de outros países jogando em praias do Rio de Janeiro nos idos de 1874, e das atividades práticas do futebol incentivadas por jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo em 1886.

Há registros, alguns controversos, da chegada do esporte bretão no Nordeste brasileiro, trazido por marinheiros ingleses no ano de 1905. Em 1915, alguns clubes locais já possuíam um considerável número de simpatizantes – a palavra torcida inexistia –, dentre os quais: Sport, Náutico, Santa Cruz, Torre, Centro Sportivo de Peres, Paulista, Casa Forte e João de Barros.²⁷

Segundo Toledo (2009), o livro *Grandezas e Misérias do Nosso Futebol* traz depoimentos do jogador Floriano Peixoto Correa, cujo “conteúdo denunciador” fez com que o livro fosse visto como “o primeiro testemunho escrito de um futebolista [jogador] brasileiro.” (TOLEDO, 2009, p. 45). O autor cita ainda que apareceram como “revistas pioneiras A Gazeta Esportiva Ilustrada, lançada em 1953, Manchete Esportiva de 1955 e, mais tarde, a revista Placar, em 1970.” (*ibidem*).

²⁶ Informações disponíveis em: <<http://fantomaas.blogspot.com.br/2012/03/o-primeiro-jogo-de-futebol-no-brasil-em.html>>. Acesso em: 29 out. 2016.

²⁷ Informações obtidas na internet – *História do Campeonato Pernambucano*. Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/pernambuco_historia.html>. Acesso em: 17 jun. 2017.

Corroborando o que foi mencionado até este ponto, e afirmando a especificidade do futebol brasileiro, para DaMatta (1982, p. 55), “O futebol praticado, vivido e teorizado no Brasil seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir.”

Basta andar por aí, para ver os campos de futebol. Eles fazem parte da paisagem urbana e rural deste país. No gramado de um jardim público, no canto de um terreno baldio ou no meio da rua, com dois pedaços de pau e uma bola de meia surge um campo, onde, tarde após tarde, bandos de garotos jogam ventura e desventura, em partidas que parecem não querer terminar. (DAMATTA, 1982, p. 77)

Quiçá essas impressões não sejam mera falácia. Segundo Netto (1999, p. 115), “o verdadeiro celeiro” foi o *futebol de várzea*, que necessitava do esforço e da reunião de jogadores, dirigentes, familiares e amigos. Esse esforço se dava no sentido de se obter um espaço destinado à prática do esporte, com a dedicação de horários livres à atividade desportiva e às mais diversas formas de lazer como piqueniques, almoços e muito mais. Ainda segundo Netto (*ibidem*), a várzea teve grande importância para a profissionalização do futebol, pois, “todo jogador antes de profissionalizar-se, sem dúvida, bateu sua bola em algum campo de várzea.” Esse estágio do futebol possuía suas regras, disputas e conflitos, porém era permeado pela ludicidade e pela alegria, características da prática amadora ali exercida.

Para ficar mais bem entendido esse tal futebol, e mais precisamente, a maneira como ele atrai multidões para os estádios e faz com que milhões de torcedores e torcedoras se apinhem nas arquibancadas, destaca-se então que está se tratando aqui do futebol espetáculo, que enche os olhos e leva as pessoas a sonharem com a taça de time vencedor. Espetáculo como o que foi vivenciado no estádio Ademar da Costa Carvalho, Ilha do Retiro pelos protagonistas que mencionei no início deste trabalho. Um rapaz de 20 e um garoto de 7 anos de idade apaixonados pelo Sport Club do Recife. Como já aludido aqui, e endossado por estes dois torcedores em suas interlocuções, o futebol não nasceu ‘espetacular’. Isso foi resultado de uma construção sociocultural.

Como parte dessa construção sociocultural, via de regra, alguns autores brasileiros mencionam o futebol de várzea, abordado anteriormente, como a categoria mais facilmente encontrada no início do século passado, a exemplo dos trabalhos de Silva (2011) e de Santos (1999), por exemplo.

Silva (2011)²⁸ argumenta que na capital pernambucana, em 1905, a campina do Derby era o lugar preferido dos peladeiros para o jogo de futebol “por ser um local mais espaçoso e arborizado [...] apesar dos inúmeros campos improvisados espalhados pelos subúrbios.” Foi na campina do Derby, no mesmo ano de 1905 que aconteceu “o primeiro jogo de futebol assistido pelo público.” (SILVA, 2011).²⁹

Santos (1999) enfatiza a sociabilidade no futebol de várzea e de periferia em geral. Ele cita como exemplo a cidade de São Paulo, cujos espaços mais recônditos propiciava, nos idos da década de 1920, a prática de sociabilidades, não apenas relacionadas ao futebol, “como também a outras modalidades esportivas e de entretenimento.” (SANTOS, 1999, p. 117).

Então, do início de século XX até a década de 1970, esse esporte passou por diversas modificações, ampliou-se Brasil afora, e o país já havia vencido duas Copas do Mundo (em 1958 e em 1962), inclusive com a reprodução dos jogos por emissoras de televisão. Os brasileiros, contudo, não puderam acompanhar a transmissão destas duas primeiras vitórias do seu país, mas apenas as subsequentes. A Copa de 1970 foi a primeira a ser transmitida para o Brasil (e apenas para o Brasil, dentre os demais países da América do Sul) com o apoio do Ministério das Comunicações, da Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL) e da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT).

Nessa mesma década, aconteceu no Brasil o que Francischini (2009, p. 173) chamou de “febre dos estádios”, em que a construção dos campos de futebol nos diversos estados do país contava com investimentos/apoio do governo e das federações. Em Pernambuco, ainda de acordo com este autor (*idem*), o “Santa Cruz planejava uma arena com capacidade para 80 mil pessoas, o Náutico, um estádio para 120 mil pessoas e o Sport prometia uma arena coberta.” (*ibidem*)

A partir da década de 1970, a profissionalização do futebol brasileiro conheceu inúmeras mudanças. Pimenta (1997, p. 131), afirma que nos anos 80, “a estrutura do futebol no Brasil começou a dar passos rumo ao profissionalismo”, e que isso se deveu a uma necessidade de superação de um momento de crise que o país enfrentava com o governo de então. Pimenta (1997, p. 137-138) elenca, ainda, os marcos dessa mudança estrutural do futebol, que estão mais bem explicitados e comentados a seguir:

²⁸ Informação disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/pernambuco_historia.html>. Acesso em: 02 fev. 2017.

²⁹ Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/pernambuco_historia.html>. Acesso em: 10 mai. 2017.

a) Como primeiro marco, destaca-se a criação do *Clube dos 13* em 1987 (movimento que vem a alterar o resultado do campeonato nacional daquele ano). Treze clubes e mais três convidados se reuniram para formar o Clube do 13 e modificaram o regulamento com o campeonato em andamento. Eram eles: Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Corinthians, Coritiba, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Goiás, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santa Cruz, Santos, São Paulo e Vasco. A página do jornal *O Globo* anuncia que “o objetivo de reunir os clubes mais populares do país num torneio era diminuir os prejuízos obtidos nos jogos contra times menores”³⁰ e que “Flamengo e Internacional, o vice-campeão da Copa União, se recusaram a enfrentar Sport e Guarani”. Após 30 anos de um processo tramitando na justiça, o Flamengo perdeu a disputa judicial e o Sport Club do Recife foi declarado único campeão do torneio daquele ano.

b) Posteriormente, a promulgação da *Lei Zico* em 1993 (que reforçou “o marketing esportivo” e fez surgir o “clube-empresa”). Esta lei previa:

O fim do escravismo na relação clube/jogador dando aos jogadores mais autonomia e liberdade no término dos contratos firmados; (2) o rompimento com o modelo intervencionista do Estado às Confederações, às Federações e aos Clubes; (3) o surgimento do clube-empresa; e, (4) as modificações no sistema eleitoral da CBF e a liberdade de filiação. (PIMENTA, 1997, p. 137)

A folha de São Paulo afirma, entre outras coisas, que o artigo 89 da *Lei Zico* é descumprido quando se estabelecem regras para a admissão de clubes profissionais, pois isso “Fere a *Lei Zico* em vários aspectos, como na autonomia dos clubes e na possibilidade de haver clube-empresa. Além disso, a CBF não cumpre o artigo.”³¹

c) Seis anos depois da *Lei Zico*, foi instituída a *Lei Pelé* no ano de 1998, (como continuidade da *Lei Zico*, modificando a relação clube-jogador). Também chamada *Lei do Passe* foi criada pelo então Ministro Extraordinário dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Rei Pelé, que deu nome à Lei, que ratificava as reivindicações da *Lei Zico*. A preocupação, à época, eram as constantes críticas sofridas pela legislação e fortemente rebatidas pelos seus fundadores.

d) Três anos mais tarde, a criação do *Projeto “Morumbi 2001”* (que nesse ano dá início à reforma do estádio de mesmo nome). À época, a folha de São Paulo³² chegou a

³⁰ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/clube-dos-13-foi-fundado-em-1987-para-negociar-direitos-de-transmissao-organizar-brasileiro-2819872>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

³¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/4/04/esporte/25.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

³² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/970685-morumbi-padece-com-problemas-de-violencia-e-infraestrutura.shtml>> Acesso em: 02 jun. 2017.

apontar a criação de favelas no bairro do Morumbi como resultante da vinda de trabalhadores para a reforma do estádio, e identificou um aumento de 300% no número de habitantes na favela Paraisópolis. A Prefeitura da cidade de São Paulo só veio a emitir alvará para as obras em 6 de julho de 2012.

Em suma, essas decisões e modificações que foram ocorrendo no futebol, e se intensificando desde a década de 1970, têm um viés político que afeta a prática desportiva. Nesse sentido, as declarações de Gonçalves (2006) confirmam mudanças estruturais nesse esporte, diretamente ligadas a alguns aspectos da mercantilização e espetacularização promovidos a partir da profissionalização de sua prática.

[...] diante das transformações no futebol, em face de sua profissionalização, o potencial do mercado que se abriu, sobretudo a partir da década de 1970, provocou ávido movimento de empresas na direção da conquista de direitos de exibição dos espetáculos futebolísticos. [...] foi criada, em 14-8-1978, a Globo Esportes, divisão comercial do grupo de Roberto Marinho, com autonomia de compra e venda de conteúdos para a grade de programação [...] a TV Bandeirantes entregou, no fim da década de 1990, o comando da programação de seu departamento de esportes à Traffic [...] em fevereiro de 2000, o grupo de investimento norte-americano Hicks, Muse, Tate & Furst (HMTF) lançou o Panamerican Sports Network (PSN), um canal esportivo por assinatura para a América Latina, transmitido pela TVA, Net e Sky [...]. (GONÇALVES, 2006, p 13)

Ainda de acordo com a autora, “instituições financeiras e empresas de marketing esportivo, “dispostas a investirem em clubes com grande representatividade nacional e torcida numerosa, foram agregadas, como ‘parceiros’ às organizações futebolísticas visando ganhos de mercado e melhor imagem institucional.” (GONÇALVES, 2006, p 24)

Perceptivelmente, a prática do futebol no Brasil e no mundo – esse “fenômeno de largo alcance da vida e das culturas coletivas” (MURAD, 2011, p. 04), e que “firma-se como uma das instituições sociais mais sólidas do mundo” (PIMENTA, 1997, p. 34) – tem sido objeto constante de investigação e de estudo nas últimas décadas. A apreciação ou exame do principal esporte nacional se confunde com a própria história do país nos séculos XX e XXI. Entende-se que com as pesquisas sobre o tema (incluindo-se a que é empreendida nesta Dissertação, mesmo não sendo seu objeto direto de estudo) busca-se responder a algumas indagações, tais como a que é colocada por DaMatta (1982, p. 78), “Por que este jogo é brasileiro sem ter nascido no Brasil, e nacional sem nos pertencer exclusivamente?” Uma das respostas, senão ‘a resposta’ a essa questão talvez seja: porque “o Brasil escolheu o futebol, que traduz muito bem a nossa cultura.” (FREITAS, 2005, p. 333).

A importância atribuída ao futebol, e que é verificada na prática a partir de toda a referência, inclusive digital, aqui posta, é ratificada por Pimenta (1997). Segundo o autor, o

futebol não se resume a uma brincadeira, a uma arte, em que se chuta, dribla, desliza etc., “ele envolve inúmeros interesses de cunhos ideológicos, econômicos, religiosos, entre outros” (PIMENTA, 1997, p. 39), como, por exemplo, a relação entre T.O e diretoria de clubes.

Sem dúvida alguma, estudar o futebol permite adentrar uma rica seara, abastecida de inúmeros elementos reveladores de características sócio-políticas, sejam elas implícitas ou explícitas, veladas ou desnudas. Como bem coloca DaMatta (1982), “a partir dele [o futebol] se constróem representações ritualizadas de certas identidades sociais. A própria identidade nacional tem nesse esporte uma estratégia importante de definição e manipulação.” DAMATTA (1982, p. 112)

A partir da minha vivência no campo, entendo que não apenas o jogo de futebol, mas também o torcer, envolve um processo lúdico e conquista tanto os adultos quanto as crianças. Mesmo depois da profissionalização, da mercantilização e da modernização do esporte, a ludicidade ainda se encontra presente em torno da prática futebolística. Para reforçar essa afirmação, trago passagens relatadas ou vivenciadas com interlocutores/interlocutoras, ao descreverem o prazer de seu engajamento no torcer pelo Sport Club do Recife. Entre as pessoas citadas a seguir, algumas são organizadas e outras não o são, e se referem ao período em que eram crianças.

Márcio afirma que desde criança já participava de uma T.O “mas não tinha carteirinha porque era menino, e eles só permitiam a partir de uma certa idade. Sempre gostei de torcida organizada.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Para ele, é uma atividade prazerosa e que faz esquecer o mundo lá fora.

Também o Bebeto, paraibano torcedor do Sport, relata o prazer que é torcer pelo time. Tanto ele quanto as irmãs torcem pelo rubro-negro pernambucano desde muito pequenos, quando começaram a frequentar o estádio, porém nunca pensaram em fazer parte de uma organizada, apesar de terem amigos que já fizeram parte da SPORTMANIA. Quanto a torcer pelo Sport, ele afirma: “torço pelo Sport desde que nasci. Nunca pensei em torcer por outro time.” (BEBETO, relato verbal presencial, 2016).

Ariane (primeira formação da SPORTMANIA) relatou que quando bem pequena, “ficava observando o gramado, os jogadores, os fogos, pois tudo era mágico.” (ARIANE, relato verbal presencial, 2016). O que no começo era uma brincadeira nas dependências da Ilha, serviu de caminho para uma T.O, onde ela pôde expressar tudo o que sentia pelo time.

Para finalizar, relembro que a filha caçula de um dos participantes da pesquisa (membro da primeira formação da SPORTMANIA) desenhou um cartão de boas-vindas para nos receber em sua casa, como sempre faz para mostrar que aprecia um visitante rubro-negro

(no caso, um paraibano que me acompanhou à ocasião), e quando quer mostrar o quanto “é bom ser rubro-negra”. Este foi mais um dos rituais que se apresentaram no meu campo, e que se soma àquele jeito de estender a camisa do time no varal (nunca de qualquer jeito ou de ponta-cabeça); ou a não assistir os jogos restantes do campeonato (quando se perde o primeiro jogo e o time vai indo bem, não se assiste aos demais) como uma espécie de superstição.

Toda essa ritualização não me é de todo estranha. Enquanto torcedora também tenho cá meus rituais que, no entanto, não são idênticos àqueles que percebi entre as pessoas que pesquisei. Isso me leva a concordar com Turner (1974, p. 15), quando este afirma que “a vida ‘imaginativa’ e ‘emocional’ do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa.”

Neste tópico, apresentei uma breve cronologia da prática futebolística no Brasil, destacando a mercantilização, a profissionalização e a ludicidade do esporte. Além disso, trouxe algumas interlocuções de torcedores e torcedoras rubro-negros/as, inclusive de integrantes da T.O em análise, que corroboram a ludicidade e a ritualística que permeiam tal prática.

2.1.1 Torcer no Recife

Neste tópico, apresentarei algumas características da cidade do Recife, que dialogam com o meu tema de estudo. Entendendo a importância do futebol e do frevo para a cidade, abordarei esses dois aspectos a fim de contextualizar o cenário em que está inserido o time e a torcida em pauta.

Recife, *A Veneza Brasileira*³³, é a cidade onde se localiza a Sede do Sport Club, cuja uma das torcidas é o objeto de estudo da presente pesquisa. A metrópole é definida na aba *Turismo* do site da Prefeitura, com as seguintes palavras:

Não só de festa vive Recife. Com mais de 1,5 milhão de habitantes, a região metropolitana da capital pernambucana tem um aglomerado econômico de grande densidade e liderança regional, abrigando as principais indústrias do Estado e consolidando-se como um moderno polo de serviços. Recife é considerado o primeiro polo gastronômico do Nordeste, o segundo polo médico do Brasil, além de abrigar o maior parque tecnológico do País, conhecido como Porto Digital. Recife é tudo isso. Bela por natureza. E cheia de personalidade.³⁴ (Site da Prefeitura de Recife).

³³ Recife é conhecida como “Veneza brasileira” - apelido dado à cidade por suas inúmeras pontes, construídas sobre os rios Capibaribe e Beberibe.

³⁴ Disponível em: <<http://www.turismonorecife.com.br/pt-br/a-cidade>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

Com essa citação, a cidade e seus atrativos são apresentados ao público leitor, e só mais adiante, o site faz uma menção ao frevo.

Em grandes eventos como seu famoso Carnaval, o som do frevo arrasta multidões embalando o desfile de blocos e troças, que se misturam a outros ritmos como maracatu, caboclinho, forró, ciranda, coco de roda e até mesmo música eletrônica. (Site da Prefeitura de Recife)

O futebol, no entanto, não é mencionado nem no site da prefeitura nem no site do Ministério do Turismo do Estado de Pernambuco³⁵ possivelmente pelo fato de o interesse dessas duas instituições não passarem pelo futebol, concentrando o destaque e os investimentos de propaganda em atrações que promovam retorno financeiro mais imediato (indústria, gastronomia e tecnologia, por exemplo).

No entanto, para falar sobre o torcer no Recife, entendo que seja importante citar a parceria entre o frevo e o futebol, pois, nessa cidade, ambos são rituais de bastante representatividade e costumam aparecer associados.

É de conhecimento popular, e de meu próprio (desde criança, escuto essa mesma história), que a chegada do futebol na terra do frevo, se deu a partir do ano de 1903, quando o pernambucano Guilherme de Aquino Fonseca retornou da Inglaterra fascinado pelo esporte bretão. Dois anos depois, fundou o primeiro clube da cidade, o Sport Club do Recife. As bibliografias que circulam nos anais do clube e em produções jornalísticas e literárias trazem narrativa semelhante. O que não se costuma problematizar é que a cidade estava repleta de imigrantes ingleses que trabalhavam nas empresas surgidas à época. Com isso, o ambiente era propício ao desenvolvimento das práticas futebolísticas, não se sabendo ao certo, se o fundador do Sport trouxe mesmo consigo o futebol ou se apenas consolidou o esporte que os imigrantes já praticavam informalmente em terras brasileiras.

O trabalho de Lima (2013) faz um interessante contraponto à narrativa de que o fundador do Sport Club trouxera o esporte para Pernambuco. Segundo o autor, antes mesmo do ano de 1900, há registros de práticas denominadas “jogos de bola” na cidade. Ele nos informa que:

Em Setembro [...], 1902, há o surgimento de um novo espaço na cidade do Recife que proporciona o “jogo de bolas”, este é o Clube Internacional, ambiente elitista e de concorridos bailes de carnavais. Esse espaço, frequentado pela elite econômica da cidade do Recife se rende ao “jogo de bolas”. (Lima, 2013, p. 26)

³⁵ Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

Em outro trabalho que contempla histórias e estórias³⁶ em torno desse assunto, Lima (2013) refere-se à produção literária do estado de Pernambuco afirmando que “um processo extremamente complexo e polifônico é minimizado a uma disputa entre clubes Sport e América a favor do profissionalismo e Santa Cruz e Náutico defendendo o contrário.” (LIMA, 2013, p. 130). Se tudo o que é propagado se trata de folclore ou de fatos verídicos, é difícil saber. Guilherme de Aquino faz parte da história do futebol do estado, e não cabe aqui discutir a veracidade dos fatos históricos, apenas entender a ambiência na qual está envolvido o clube em pauta.

Atualmente, a Região Metropolitana do Recife possui três grandes times de futebol e mais outros de menor porte. Para citar alguns, são popularmente conhecidos América (Recife), Cabense (Cabo de Santo Agostinho), Ferroviário do Cabo (Cabo de Santo Agostinho), Guarany Esporte Clube (Camaragibe), Jaguar (Jaboatão dos Guararapes), Náutico (Recife), Olinda (Olinda), Santa Cruz (Recife) e Sport (Recife).

A Figura 3 mostra um mapa da cidade do Recife e a disposição dos quatro principais estádios de futebol.

Figura 3 - Os quatro principais estádios do Recife: José do Rêgo Maciel (Santa Cruz), Eládio de Barros Carvalho (Náutico), Adelar da Costa Carvalho (Sport) e Arena Pernambuco



Fonte: Google Maps

Os três maiores clubes da cidade do Recife e do estado de Pernambuco são Santa Cruz Futebol Clube, Clube Náutico Capibaribe e Sport Club do Recife. O primeiro é representado por, ou tem como mascote, uma cobra coral, o segundo, um timbu, e o terceiro,

³⁶ “Há quem defenda que devemos utilizar o termo história para a narração de fatos documentados e situações reais sobre o passado da humanidade e o termo estória para a narração de fatos imaginários, de ficção.” Informação extraída do *DICIO online*. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

um leão. Cada um desses times possui várias T.O e para citar algumas: INFERNO CORAL, com cerca de 76.000 componentes, se formou a partir das torcidas OS COBRÕES, SANTAMANTE E FORÇA JOVEM, e pertence ao Santa Cruz; TIMBUCANA, TIMBU CHOPP, METAL ALVIRRUBRO e FANÁUTICO (aliada da TORCIDA JOVEM DO BOTAFOGO–PB), pertencem ao Náutico; SPORTMANIA, BAFO DO LEÃO, GANG DA ILHA, TREME-TERRA, SPORT CHOPP, TROPA DE ELITE e JOVEM (que tem a “alcunha TJS” e foi fundada há 22 anos pelo atual presidente da SPORTMANIA), pertencem ao Sport. As torcidas BAFO DO LEÃO, SPORTMANIA E GANG DA ILHA são conhecidas como as que antecedem as demais torcidas do cenário pernambucano. A primeira tem mais de 30 anos³⁷ de atuação, a segunda surgiu em 1982, e a terceira nasceu em 1987, ano da conquista do Campeonato Brasileiro pelo Sport (disputado contra o Flamengo).³⁸

Entre as torcidas rubro-negras citadas no parágrafo anterior, encontra-se a GANG DA ILHA, que recebeu, no início dos anos 1990, dissidentes³⁹ da primeira formação da SPORTMANIA, que, à época, estava sendo desfeita. Lamentavelmente, essas torcidas não costumam disponibilizar o número de componentes, e não consegui encontrar essa informação entre os torcedores que contatei, como também nada consegui nos sítios de internet. Acredito que seria uma informação interessante a ser acrescentada para mais bem entender o contexto das T.O existentes na cidade do Recife, porém não os percebo como dados fundamentais para o desenrolar deste estudo. Entretanto, quanto ao número de associados daqueles que são os maiores times do estado, projetado após pesquisa realizada no ano de 2016, verificou-se o seguinte: Sport Club do Recife – 2.699.592; Santa Cruz – 1.453.626; Náutico – 830.643.⁴⁰ Essas informações, as únicas que consegui coletar, não foram encontradas nos sites oficiais dos clubes, não podendo então ser confirmadas.

Resumidamente, as torcidas que costumam ter maior destaque, aparecer mais frequentemente na mídia e ter reconhecimento como aquelas que detêm maior número de componentes são a INFERNO CORAL, a JOVEM e a FANÁUTICO, do Santa Cruz, Sport e Náutico, respectivamente.

³⁷ Informação disponível em: <<http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-ORGANIZADA-BAFO-DO-LEAO-280.html>> Acesso em: 17 out. 2017.

³⁸ Informação disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Torcida_Gang_da_Ilha> Acesso em: 17 out. 2017.

³⁹ O número aproximado de participantes não consegui obter por falta de registros.

⁴⁰ Informações de pesquisa realizada pelo Plural Pesquisa entre os meses de março e dezembro de 2016, em 288 municípios. Demais detalhes deste e de outras pesquisas estão disponíveis em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2017/08/30/recalculando-as-pesquisas-de-torcida-a-partir-da-estimativa-do-ibge-em-2017/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

Torcer na cidade do Recife, como em todo o estado de Pernambuco, tem peculiaridades que precisam ser registradas e que envolvem provocações, mas também apoio a times adversários. Haja vista o que aconteceu no Campeonato Pernambucano do ano de 2017. Os jogos da final, que aconteceram nas cidades de cada time finalista nos dias 7 de maio e 28 de junho, foram disputados entre o Sport Club do Recife e o Salgueiro Atlético Clube, com vitória do primeiro, que fez o segundo jogo da disputa “em casa”.

À época saiu uma reportagem na *fanpage*⁴¹ do Jornal do Commercio, em que torcedores de outros times, inclusive do Sport, davam apoio ao Salgueiro. Isso era o reconhecimento da trajetória do clube nos três anos anteriores, conquistando assim a simpatia de muitos pernambucanos e pernambucanas. Os incentivos eram do tipo: “Parabéns, Salgueiro. Por tudo que fez em três anos, merece ser campeão”; “Sou Santa Cruz. Meu time não mereceu passar...”; “Rapaz, sou rubro-negro, mas se o Salgueiro ganhar vai ser alegria em dobro! Parabéns, Carcará!”. Esses foram comentários, respectivamente, de torcedores do Náutico, do Santa Cruz e do Sport Club (como já mencionado, os maiores times do estado).

Contudo, essa camaradagem não ocorre rotineiramente. O que se percebe com mais frequência é a provocação e até o insulto entre torcidas e torcedores de times rivais. Os clubes são chamados pejorativamente de apelidos afeminados, entre outras alcunhas, “cachorra de peruca” (referência ao Sport Club do Recife e à sua mascote, o leão), “Barbie” (referência ao Clube Náutico Capibaribe e às suas cores vermelho e branco) e “minhoca colorida” (referência ao Santa Cruz Futebol Clube e à sua mascote, a cobra coral), para citar os maiores. Essa provocação característica do universo do futebol, como nos alerta Gastaldo (2010, p. 315), fornece local e oportunidade para pôr em ação formas competitivas de sociabilidade, ou seja, motivam um circuito de sociabilidade cotidiana. Assim, no caso dos apelidos e provocações, tal interação entre as torcidas não se dá de forma lúdica, mas imbuída de uma jocosidade competitiva, que expõe a rivalidade entre os times.

Importante atentar para o uso de apelidos no feminino. Transparece aí o oposto da masculinidade atribuída ao futebol. A provocação se firma em diminuir a masculinidade do adversário (tentativa de emasculação), a mais grave humilhação que pode ser imposta ao rival.

Existe uma clara distinção entre os torcedores desses três clubes, sob os mais variados aspectos, no que se firma a identidade de cada um deles. Exemplificando, os torcedores do Sport que estudei chegam a preferir encontros em família e compromissos

⁴¹ “*Fanpage* ou Página de fãs é uma página específica dentro do *Facebook* direcionada para empresas ou marcas.” Informação disponível em: <<https://aldabra.com.br/artigo/o-que-e-uma-fanpage>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

pessoais para ir ao estádio e torcer por seu time. As narrativas a seguir são um claro exemplo dessa afirmação.

Se não houvesse o Sport, talvez eu não existisse também. Deixei minha mulher em casa, com um bebê de nove meses, já deixei ela grávida também, e vim pro jogo. Esse meu broder aqui [aponta pra outro membro da T.O], veio e deixou a mulher grávida em casa. [...] A mulher pede pra ele não ir e ele diz que já comprou o ingresso. Mentira. [risos] [...] O Sport é uma razão para viver. É isso. (MÁRCIO, BRUNO E CLÉCIO, relatos verbais presenciais, 2017)

Não tem como separar a minha existência da existência do Sport... sem o Sport, a vida seria horrível. Pra mim, jogo do Sport tá sempre em primeiro lugar, se tiver um compromisso, eu tento adiar. Só se eu for madrinha de um casamento... mas aí eu ia fico querendo saber o resultado. Deixo tudo pra ir pro jogo... Eu viajo e vejo jogos fora, já fui em quase todos os estádios do Brasil (ARIANE, relato verbal presencial, 2016)

Ainda nessa linha de raciocínio, em sua Dissertação de Mestrado, Souza (2012) traz uma análise de algumas T.O do Recife, e aponta o seguinte:

Ao considerar que a *identidade* e a *diferença* estão numa relação de dependência estreita, compreendo que a identidade do *torcedor organizado* depende, neste sentido, do *torcedor comum* e dos componentes das outras Torcidas Organizadas. Ser *Inferno Coral* significa torcer pelo time do Santa Cruz F.C, mas, não “qualquer” torcedor desse clube, da mesma forma que significa não ser *Jovem do Sport* ou *Fanaútico*. (SOUZA, 2012, p. 109-110)

Esse jogo de diferenciação recai no que Hall (1992) postula sobre identidade, quando afirma que “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (HALL, 1992, p. 38). O autor acrescenta, ainda, que “ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ ” (*ibidem*). No caso dos torcedores rubro-negros aqui estudados, a busca por completude da identidade parece se concretizar no torcer organizado.

O processo identitário mencionado por Hall (1992) pode ser utilizado para problematizar o pertencimento de um torcedor a várias T.O ao longo de sua vida. Mesmo alternando entre torcidas (rivais) do mesmo clube, nunca deixa de torcer por este, como é o caso de um dos protagonistas citados no início deste trabalho. Com sua passagem pela primeira formação da SPORTMANIA, em seguida pela GANG DA ILHA, pela TJS e atualmente na segunda formação da SPORTMANIA, o comportamento do atual presidente desta T.O não pode ser generalizado para os demais torcedores. Parece ser um comportamento isolado e não representa uma prática frequente entre torcedores. No entanto, a identificação se

dá com o time e não com a T.O. A impressão que se tem é que a mudança de T.O está associada a outras questões e interesses pessoais.

2.1.2. Recife, a capital do frevo

O processo de identificação dos torcedores em questão, assim como o de outros pernambucanos se firma não apenas no esporte, mas também no frevo. Nesse sentido, pensar o Recife é pensar também o frevo e os significados que tem para os seus moradores.

Trago à baila esse tema por entender que o estudo dos significados, pode, assim como nos alerta Turner (2008, p. 141), “jogar luz sobre os símbolos rituais e políticos ao considerá-los [...] em sua temporalidade plena, como instigadores e produtos de processos temporais socioculturais”. Portanto, além do futebol, o Recife tem o frevo, Patrimônio Histórico de Pernambuco, como uma de suas manifestações rituais. Conhecer o frevo é conhecer a história da cidade e do estado. Nesse sentido, compreendo a importância de estudar o torcer na terra do frevo – tendo esse torcer um gostinho especial.

O frevo é muito mais que um estilo de música. É uma expressão artística original do Brasil reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do nosso país. Além dos sons vibrantes dos saxofones, trombones e pandeiros, o frevo envolve uma maneira única de dançar, de confeccionar e enfeitar roupas, sombrinhas, estandartes (bandeiras de cada grupo de frevo). É uma manifestação cultural complexa e muito rica que representa os saberes, os ofícios e a imensa alegria do povo brasileiro, desde o fim do século XIX. (Site da EBC)⁴²

Os três grandes times da cidade, Santa Cruz Futebol Clube, Clube Náutico Capibaribe e o Sport Club do Recife, tiveram seus hinos compostos em ritmo de frevo ou de marchinha. Esses ritmos nasceram da atuação de bandas militares e, portanto, comumente, percebe-se nos hinos dos maiores times do futebol pernambucano o som de flautas, bumbo, prato, surdo, clarinetes, caixa, entre outros instrumentos típicos das marchinhas de frevo.

E assim como está posto no hino do Náutico, percebe-se a congruência entre o frevo, símbolo do carnaval pernambucano, e o futebol na cidade do Recife, na passagem que diz: “*Nasceu um time que encanta, que manda e desmanda, que faz o nosso Carnaval*”. Essa relação festiva dos times da cidade com o frevo faz com ela seja considerada por muitos (torcedores, críticos de futebol e a grande massa) uma cidade especial para o futebol, que dá

⁴² Informação disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2013/02/o-que-e-o-frevo>> Acesso em: 15 nov. 2017.

um gostinho a mais no torcer, que faz explodir o frevo pelas ruas, seja qual for dos três times que se consagre campeão.

Trago dois exemplos (entre tantos) da euforia que invadiu as ruas da cidade em momentos de vitória. O primeiro foi a conquista do Campeonato Brasileiro de 1987. Naquele dia, especial para o torcedor rubro-negro pernambucano – em que o Sport venceu por 1 a 0 o Guarani Futebol Clube de Campinas-SP –, a Avenida Sport Club do Recife ficou literalmente tomada por uma multidão e as imagens⁴³ foram mostradas por emissoras de televisão, com os detalhes de uma carreata que desfilou pelas ruas do centro da cidade até o bairro de Boa Viagem, nas imediações do Edifício Acaiaca. Na ocasião, era o frevo que rolava solto e animava a comemoração encabeçada pela SPORTMANIA, torcida mais atuante à época.

Fato semelhante se deu no jogo final do Campeonato Brasileiro de 2017, em que o Sport venceu o Corinthians pelo placar de 1 a 0 e desencadeou um mar de frevo pela avenida ao som do “*Cazá, Cazá*”. Com aquela vitória, o time rubro-negro se manteve na Série A do Campeonato e comemorou como se fora a conquista de um título nacional. Um barulho ensurdecedor tomou as dependências do clube e se espalhou pelas ruas repletas de uma multidão rubro-negra que se fazia presente por todos os lados, comemorando ao som do frevo a vitória sobre o Campeão Brasileiro de 2017, o Corinthians Paulista, o Timão (como carinhosamente o Corinthians é chamado por sua torcida). Estive presente na ocasião e pude testemunhar abraços entre desconhecidos, provocações, e por ter sido confundida com uma torcedora do Sport, também fui abraçada durante a comemoração, naquele êxtase que ajudava a expurgar toda a ansiedade rubro-negra (pela iminência do rebaixamento para a Série B) que presenciei antes da partida.

A ‘efrevescência’ da torcida do Sport devia-se à sua continuação na Série A do campeonato, firmando-se então como o único time pernambucano entre os melhores do país. O Santa Cruz e o Náutico, então na série B, haviam sido rebaixados e estão disputando o Campeonato Brasileiro da Série C no ano de 2018. Vale destacar que ver o meu time descer para a Série C e o Sport se manter na Série A, deixou um gosto amargo na boca, enquanto eu presenciava toda aquela euforia rubro-negra.

⁴³ Imagens disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4LI9l4grXIs>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

Outro momento em que se fez presente a mistura frevo e futebol no Recife, em 2017, foi o aniversário de 480 anos da cidade.⁴⁴ O dia 12 de março foi comemorado com frevo, esporte, fogos de artifício e um bolo de 3.500 fatias, no Recife Antigo.

Durante a pesquisa, frevo e futebol apareceram em diversas situações e locais. Destaco o estádio, em especial as arquibancadas da Ilha do Retiro, antes, durante e após os jogos. O pré-jogo e o intervalo do primeiro para o segundo tempo dos jogos são momentos em que as pessoas vão adentrando o estádio ou se deslocam para comprar bebida e ir aos sanitários, ao ritmo do hino oficial do Sport (composto por Eunitônio Edir Pereira), mas também ao ritmo de outros frevos compostos e cantados por artistas locais (Alceu Valença, Lenine e Reginaldo Rossi). No restaurante Varandas, a charanga toca o hino do Sport Club, antes do início dos jogos, animando os torcedores e convidando-os a se deslocarem para o estádio. A cena se assemelha a uma procissão católica em que os fiéis torcedores seguem a charanga em cortejo até o campo de jogo, onde o som continua animando o grupo e o cortejo ganha mais adeptos. Durante os jogos, a cada gol do Sport, o hino oficial é tocado enquanto a multidão rubro-negra comemora o tento e as charangas presentes ao estádio entoam seus gritos de guerra pulando e provocando a torcida adversária. Após o encerramento da partida, o frevo volta a ser presente nos alto-falantes do estádio até que a luz dos holofotes seja desligada.

Além desses momentos, destaco os encontros extracampo da T.O em análise. Como exemplo, a confraternização no final do ano de 2017 contou com enormes caixas de som, de onde saíam os mais variados ritmos, do frevo ao funk, passando pelo hino do time. No mais alto volume, as músicas eram acompanhadas e cantadas pelas pessoas presentes. Apesar de ser difícil se fazerem ouvir em suas conversas, não pareciam incomodadas pelo som alto, pois o importante era aproveitar a festa.

Assim é o torcer no Recife, cidade que respira frevo e futebol, lugar onde nasci e me criei e onde escolhi desenvolver minha Dissertação. Encerrando este tópico em que apresentei especificidades do torcer na cidade, faço uma breve menção a algumas figuras famosas, que também se identificam com os times pernambucanos e que fizeram história e parceria com seus times do coração.

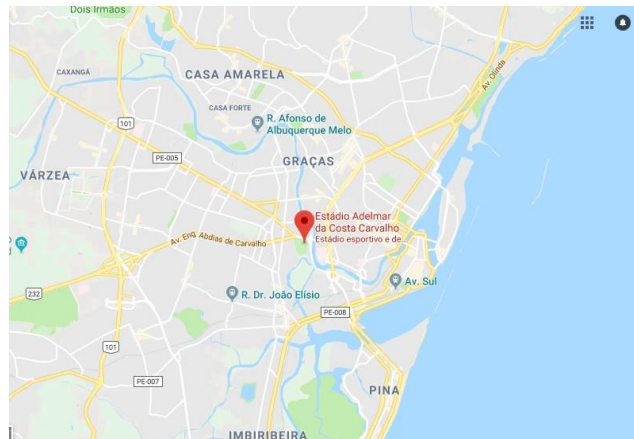
⁴⁴ SEC-PE – Site da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/10/03/2017/aniversario-de-480-anos-do-recife-sera-celebrado-neste-domingo-12-com-musica>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

O Sport Club teve um torcedor declaradamente fiel e apaixonado, o paraibano de nascença Ariano Suassuna, cujas célebres frases foram gravadas na camisa oficial do time: – *“O Sport, pra mim, é – e sempre foi – uma das coisas mais importantes na minha vida”* e *“Felicidade é torcer pelo Sport”*. O Santa Cruz tem torcedores ilustres como o músico tricolor, declaradamente apaixonado pelo time, Lourenço da Fonseca Barbosa, mais conhecido como Capiba. O artista compôs em 1948 o frevo em ritmo de marcha-exaltação ao time, que só veio a ser lançado no ano de 1957 quando da conquista do campeonato pernambucano: *“Santa Cruz, Santa Cruz, junta mais esta vitória/Santa Cruz, Santa Cruz, ao teu passado de glória...”*. O Náutico, por sua vez, teve entre seus ilustres torcedores, um político respeitado em todo o Brasil, o já falecido ex-governador do Estado de Pernambuco, Eduardo Henrique Accioly Campos, neto do também político Miguel Arraes de Alencar e frequentador do Estádio Eládio de Barros Carvalho (conhecido como o Estádio dos Aflitos).

No tópico a seguir, concentro as reflexões no Sport Club e apresento um pouco da sua história e da sua importância para os organizados da SPORTMANIA.

2.2 O SPORT CLUB DO RECIFE

A Sede Social do Sport Club do Recife localiza-se na rua de mesmo nome, Avenida Sport Club do Recife, na Praça da Bandeira, Ilha do Retiro, bairro central do Recife. O clube foi fundado (segundo versão histórica oficial) no dia 13 de maio de 1905 por Guilherme de Aquino e mais outros sessenta e sete pernambucanos, na Associação dos Empregados do Comércio de Pernambuco. A Figura 4 localiza a Ilha do Retiro em um trecho do mapa da cidade.

Figura 4 - Localização do Sport Club do Recife

Fonte: Google Maps.

Na área destacada na Figura 4, se encontra o “estádio Adelmar da Costa Carvalho (carinhosamente chamado pelos rubro-negros de Ilha do Retiro)”⁴⁵ e as quadras de tênis, basquete, vôlei e hóquei. O espaço abriga ainda salas para tênis de mesa, judô, taekwondo e futebol de mesa, parque aquático, estacionamento para os sócios, e lá funcionam ainda uma loja para revenda de artigos esportivos do Sport Club e a Delegacia do Torcedor. O Centro de Treinamento do time não se situa em Recife, mas na cidade de Paulista, localizada na região de Paratibe, distante 20 quilômetros do centro da capital pernambucana. Não creio que seja interessante elencar neste tópico todo o histórico da existência do Clube, cujas informações adicionais podem ser encontradas em sítios da Internet,⁴⁶ que podem ser visitados para observância de maiores detalhes.

A Figura 5 mostra os setores nos quais está dividida a Ilha do Retiro, representados por cores diferentes e informando o portão de acesso e a capacidade (número máximo de torcedores). Para o setor de arquibancadas, são cobrados ingressos a preços populares e é nele que se instalam os torcedores comuns e as T.O (cujos espaços são previamente delimitados).

As cadeiras numeradas e os camarotes possuem assentos individuais, numerados, mais confortáveis que as arquibancadas, protegidos da chuva, e custam mais caro que os demais espaços. As sociais, um pouco mais confortáveis que as arquibancadas, são áreas privadas e destinadas aos sócios mensalistas.

⁴⁵ Passagem retirada do site do clube, onde se pode obter mais informações e conhecer sua história. Disponível em: <<http://www.sportrecife.com.br/o-clube/historia>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

⁴⁶ Informações mais detalhadas quanto à história do Sport Club podem ser encontradas no endereço disponível em: <<http://www.sportrecife.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

Figura 5 - Mapa dos setores do estádio da Ilha do Retiro



Fonte: Site do Diário de Pernambuco

No entorno do clube, existem bares e lanchonetes que funcionam diariamente. Porém, em dias de jogos do Sport é possível encontrar ambulantes vendendo bebida, comida e adereços para os torcedores. Muitas horas antes dos jogos, a venda de camisas, bandeiras, faixas e bandanas se incorpora ao cenário, e divide espaço com os vendedores de cerveja, água mineral, refrigerante e churrasquinho. São homens, mulheres e crianças (pois estas acompanham suas mães e seus pais) desenvolvendo comércio informal, aproveitando o fluxo de torcedores. O burburinho entre vendedores, torcedores e policiais, se soma aos sons do tráfego que se intensifica à medida que se aproxima o início do jogo – tráfego tanto maior quanto mais importante for a peleja. A rua em frente ao estádio fica interdita com a aproximação da hora do jogo, para segurança dos transeuntes. O que poderia ser descrito como poluição sonora, visual e olfativa, é na verdade, um rico laboratório para a observação e o fazer antropológico, pela riqueza das relações ali existentes – e é adrenalina pura. Um dos últimos personagens a se agregar ao cenário é o cambista, que se posiciona em pontos estratégicos para oferecer ingressos a preços altíssimos àqueles interessados (ou desesperados) em comprar seu passe de entrada para o estádio. Vale mencionar que, para perceber a presença desses vendedores não-autorizados de ingressos, precisei da ajuda dos ambulantes que os identificavam facilmente em meio à multidão que circulava ao redor dos portões de entrada do estádio. Com o início do jogo, esse cenário testemunha um ritmo mais pausado, mantendo-se assim até o final da disputa, quando a saída dos torcedores volta a transformar o cenário, trazendo consigo os engarrafamentos, a disputa por espaço e, novamente, o burburinho e os ‘buzinaços’.

Assim costuma ser o entorno do estádio da Ilha do Retiro, sempre que os rubro-negros (incluindo-se aí os integrantes da SPORTMANIA) se deslocam de suas casas para prestigiar seu time, detentor de três títulos nacionais: Brasileiro de Futebol da 1ª Divisão em 1987 (assunto ao qual retornarei no item 2.2.1 deste trabalho); Copa do Brasil em 2008; e Brasileiro de Futebol da 2ª Divisão em 1990. Por ocasião da conquista desses três títulos, a SPORTMANIA só não esteve presente em 2008, pois nesse ano, a T.O estava inativa, voltando a ser reativada logo após a final da Copa do Brasil.

No ano de 2017, no total de todas as competições em que o Sport participou, foram vendidos 141.478 ingressos em 86 partidas. Nenhuma equipe levou tantos torcedores aos estádios pernambucanos quanto o Sport, totalizando 51.037 ingressos vendidos nos jogos em que o time jogou “em casa” – ou seja, em que jogou na Ilha do Retiro.

Foi nas dependências da Ilha que realizei grande parte das entrevistas e pude consubstanciar a observação participante nos anos de 2016, 2017 e início de 2018, com as duas formações da SPORTMANIA. Como resultado das interações obtive fotos, áudios, vídeos, o próprio Diário de Campo e até presentes de torcedores para a “pesquisadora da UFPB”, como me identificavam. Todo esse material físico e/ou digital produzido, ou a que tive acesso, ajudou a compreender o campo, sendo uma parte dele (que considero diretamente relacionada à minha pergunta de pesquisa) apresentada nesta Dissertação. A Figura 6 mostra alguns dos interlocutores desta pesquisa nas arquibancadas do estádio.

Figura 6 - Arquibancada - SPORTMANIA dividindo espaço com os torcedores comuns



Fonte: Arquivo da torcida.

Em uma das idas ao clube, no mês de junho de 2016, tentei conversar com o então presidente do Sport, Sr. João Alberto Martorelli para investigar sua percepção a respeito das T.O do Sport. Conteí com a ajuda de um torcedor rubro-negro, conhecido meu, que agendara uma entrevista para antes do jogo contra o Fluminense, a qual acabou não se concretizando. À época, a torcida não aprovava a administração do presidente e o mesmo, se resguardando, não costumava ir ao clube em dias de jogos (fato que comprovei após essa data, a partir da fala de alguns interlocutores).

Em outra oportunidade, no mês de agosto de 2017, com um pouco mais de sorte, pude fazer uma breve visita ao gabinete e conversar rapidamente (inclusive fotografar – ver Figura 7) com o atual presidente do clube, o Sr. Arnaldo Barros, conhecido como Dr. Arnaldo.

Figura 7 - Pesquisadora no Gabinete do Presidente do Sport Club do Recife



Fonte: Arquivo pessoal

Naquela ocasião, o presidente se prontificou a dar entrevistas, contribuir com a pesquisa e pediu que eu agendasse um horário com sua secretária. Entretanto, até o fechamento da escrita deste trabalho, apesar das diversas tentativas de contato telefônico e via *e-mail*, não foi possível concretizar uma visita nem efetivar as atividades planejadas. O único

ponto de contato foi a sua secretária, Andréa Lima, que nas poucas mensagens (eletrônicas) de retorno que me enviou (no ano de 2017) costumava desculpar-se por ele não poder me receber devido à agenda sempre repleta de compromissos. O último *e-mail* que recebi da secretária data do início de dezembro de 2017.

Infelizmente, as desejadas entrevistas com os citados dirigentes do Sport Club do Recife nunca se confirmaram, apesar de eu avaliar que seria importante ouvi-los, pelo fato de informações sobre suas gestões terem sido mencionadas em várias das conversas com participantes desta pesquisa:

A Mania existe e só não está presente no estádio por conta de política do clube também [...] Devido à política, Júnior se afastou e ficou meio pra baixo...em casa [...] Há 4 anos atrás quando havia uma outra gestão, mais aberta, mais direta, mais comunicativa com as organizadas, nós tínhamos direito de pegar uma quantidade de ingressos, de 30 a 35, dado pelo clube. A gente enviava uma lista pro clube com os nomes dos componentes, outra lista pro batalhão de choque com a lista dos materiais que seriam usados no jogo, mas depois que mudou a diretoria, entrou a oposição...eles começaram a cortar o que eles diziam que era regalia. (Falas sobrepostas de MÁRCIO, JÚNIOR e BRUNO, membros da atual formação da SPORTMANIA, relatos verbais presenciais, 2017).⁴⁷

A partir da fala destes interlocutores, ratificada por outros membros do grupo, é possível subentender que, para eles, uma gestão mais aberta é sinônimo de uma gestão que cede ingressos à torcida. A abertura estaria atrelada a um processo de troca de benefícios, e quando isso não se faz presente na relação diretoria-torcida (e neste caso, da primeira em relação à segunda das partes envolvidas), ocorre o ressentimento, uma vez que não acontece a deferência esperada. (LONGHI, 2012, p. 18)

Apesar de ao longo do tempo da minha pesquisa eu não ter podido ouvir o outro lado da história (os presidentes), entendo ser suficiente, por hora, trazer as vozes dos torcedores organizados, para, através deles, perceber o Sport de um jeito que só eles concebem. Este foi o propósito desde o início da pesquisa, e assim está sendo feito.

Observo, outrossim, paralelos importantes entre as notícias que são encontradas na WWW (*World Wide Web*)⁴⁸ e os relatos proferidos pelos torcedores rubro-negros em relação ao Sport Club. Nada, porém, se compara à riqueza de detalhes e à emoção que transborda nos relatos que obtive em quase dois anos de pesquisa de campo (com extensos intervalos).

⁴⁷ A expressão “Mania” é usada localmente entre os integrantes, ao se referirem à SPORTMANIA.

⁴⁸ “*World Wide Web* significa em português rede de alcance mundial, também conhecida como Web ou WWW. World Wide Web é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet”. Informação disponível em: <<https://www.significados.com.br/world-wide-web/>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Destaco, inicialmente, a visão que os torcedores (sejam eles organizados ou não) têm do time de futebol e do torcer por esse time. A passagem que trago a seguir, de uma das integrantes da primeira formação da torcida, chega muito próximo do que, costumeiramente, ouvi nas arquibancadas da Ilha do Retiro ou nos passeios que fiz em outros locais, acompanhando não-organizados.

A torcida não gosta de jogador que fica enrolando em campo... pode até perder, mas tem que ter raça, entrega... se a gente tem, como é que os caras não têm garra? ... e vaia muito. É um amor intolerante... condena um jogador num jogo e ama no outro. O jogador é apedrejado e depois endeusado. Se fizer um gol vira um amor. (ARIANE, relato verbal presencial, 2016)

Para esses/essas torcedores/torcedoras, ser Sport Club do Recife é ter “uma razão para viver”, e tanto que chegam a afirmar que se o clube não existisse, “talvez eu não existisse também” (respectivamente, JÚNIOR e MÁRCIO, relatos verbais presenciais, 2017).

Para ver o Sport jogar, Ariane já viajou o Brasil inteiro e lembra que no Campeonato de 2008 não esteve presente aos primeiros jogos por conta de problemas de saúde. O time estava indo muito bem, e quando ela se restabeleceu, decidiu não ir mais a nenhum jogo daquele ano: “foi uma simpatia mesmo, não fui ver os jogos pra o time não perder.” (ARIANE, relato verbal presencial, 2017). Percebe-se aqui a presença de uma crença, a chamada ‘superstição’, que faz a torcedora se afastar do estádio para não mudar a sorte do seu time. Para ela, “o mais importante, era que o Sport fosse campeão.” (*ibidem*).

Ao nos enveredarmos pelas páginas da internet, podemos constatar afirmações de torcedores do Sport Club que se declaram “RUBRO-NEGRO PERNAMBUCANO!!! TORCEDOR DO SPORT!!! SUPERIOR, CHATO”⁴⁹, ou ainda, verificar relatos semelhantes ao de um blogueiro torcedor rubro-negro pernambucano que escreveu, após o último jogo do Campeonato Brasileiro de 2017:

Muitos, inclusive esse humilde blogueiro que vos escreve, já não acreditavam mais na permanência do Sport na Série A depois de um péssimo segundo turno, que jogou o time no Z-4 a poucas rodadas do fim do campeonato. Mas as vitórias sobre Bahia e Fluminense colocaram o Leão de volta na briga pra escapar. Conseguimos. [...] Mas após o término da partida, nem deu tempo de sofrer muito com os outros jogos. [...] Festa da torcida na Ilha, que abraçou o time e foi mais uma vez crucial. A festa foi bonita antes, durante e depois do jogo. Ela não merecia amargar uma Série B por incompetência e arrogância dessa diretoria. (BLOG DO TORCEDOR).⁵⁰

⁴⁹ Retirado do fórum *Meu Sport*. Disponível em: <<http://www.meusport.com/forum/showthread.php?t=87633>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

⁵⁰ Sport Fino. GLOBOESPORTE.COM. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/pe/blogs/especial-blog/torcedor-do-sport/1.html>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

No campo pude constatar que aquela torcida não admite erros. O torcedor rubro-negro percebe o seu time como superior aos demais e não é conivente com a derrota. A torcida apoia, sim. Mas, também, xinga, provoca, se irrita com as jogadas erradas dos jogadores. Com a vitória, tudo é festa. Assim, aconteceu em todos os jogos que presenciei, e transparece nas falas da interlocutora que afirma existirem “72 horas entre um jogo e outro, e você esquece [a derrota].” (ARIANE, relato verbal presencial, 2016). Se o time perde, ela jura que não vai mais ao campo, mas na oportunidade seguinte, lá está ela novamente. “É só da boca pra fora”, ela acrescenta. O mesmo me foi relatado por Clécio e Bruno – ambos chegam a jurar que não voltam mais ao estádio após uma derrota, mas são os primeiros a comprar ingressos para o próximo jogo. Ainda, segundo Ariane, nenhuma outra torcida do Brasil é assim. Não apenas esta torcedora como todos os demais torcedores da SPORTMANIA com quem tive contato são unânimes em afirmar que “torcedor do Sport Club do Recife é exigente e chato”, e eles se reconhecem como tal.

A torcida não apoia o time na derrota. A torcida é chata, vai xingar treinador, mandar trocar jogador. Talvez Corinthians e Flamengo tenham uma torcida tão maluca, mas a nossa é chata. Não gosta de ver jogador parado em campo, não. (ARIANE, relato verbal presencial, 2016)

A exigência não vem apenas da parte do torcedor do Sport, vem também da imprensa do estado, que não poupa críticas e costuma fazer cobranças ao clube rubro-negro, único pernambucano a se manter na Série A do Campeonato nos últimos anos – apesar de todas as crises e dificuldades enfrentadas no ano de 2017.

Indefinição. [...] A diretoria ainda não definiu o novo treinador para comandar o time em 2018, não escolheu o nome do novo vice-presidente de futebol do clube [...] O presidente Arnaldo Barros, inclusive, só participou do primeiro encontro da última segunda-feira – passou a semana viajando a trabalho – e, sequer, esteve presente na coletiva de quarta para comunicar a saída de Dubeux. (JORNAL DO COMMERCIO, 08/12/2017)⁵¹

Portanto, a cobrança vem da parte da mídia, da torcida, e até dos adversários, principalmente os tricolores do Arruda, como pressão sobre os jogadores e sobre os que comandam o clube. Faz parte do jogo.

⁵¹ Disponível em: < <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/esportes/sport/noticia/2017/12/08/sport-segue-sem-tecnico-sem-vice-de-futebol-e-sem-acerto-com-atletas-319183.php>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

Como já mencionado anteriormente, detentor de três títulos nacionais, o Sport participou de um dos episódios mais longos do futebol nacional: a decisão do título do Campeonato de 1987, contestada também pelo Club dos 13 (C13).

Quem é torcedor do Santa Cruz, como eu sou, conhece a dramática tentativa de entrada tricolor nesse seletivo grupo. Por exemplo, em 2011, Luciano Bivar, então presidente do Sport Club do Recife (abro parênteses para uma crítica: o incrível, e que não dá para os tricolores aceitarem, é que o clube de Bivar – vice-presidente no ano de 1987 – sofreu com o C13, como será visto a seguir, e ele prejudicou um outro time pernambucano quando poderia tê-lo ajudado), defendeu-se de acusações, até onde tenho conhecimento, verdadeiras. O portal do Diário de Pernambuco fez uma reportagem sobre o assunto e apresentou a defesa do dito presidente:

O que? Eu neguei a entrada do Santa Cruz na entidade? O Santa nunca foi cogitado para entrar no Clube dos 13 efetivamente... O máximo foi ficar como ouvinte, em 1987 (ano da fundação da entidade), mas ficou naquilo. Eu quero ver alguém provar que eu votei negativamente contra o Santa. Isso é mentira. (PERNAMBUCO.COM, 24/02/2011)⁵²

Com o voto de Bivar contra a entrada do Santa Cruz, o Bahia e o Curitiba são beneficiados, conseguem entrar e fazer parte do C13. Para o Santa ser aprovado, a votação teria que ser unânime e o voto de Bivar contra o time foi decisivo para deixá-lo de fora na ocasião.

A bem da verdade, a final do Campeonato Brasileiro de 1987 foi disputada no ano seguinte, em 7 de fevereiro de 1988, ocasião em que o Sport venceu o Guarani pelo placar de 1 a 0. Porém, aquele não foi um campeonato tranquilo, havendo, inclusive, contestação do resultado por parte do Flamengo que não quis decidir o título enfrentando “um time da Série B” (o Sport), como argumentou. No cruzamento entre os módulos amarelo e verde, o Internacional não compareceu ao jogo contra o Guarani e o Flamengo não compareceu ao jogo contra o Sport por discordarem das regras do campeonato. Os dois times que não compareceram foram eliminados por WO.⁵³ O Sport foi declarado campeão após vitória sobre o Guarani por 3 a 0.

⁵² Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2011/02/24/antimateria-do-clube-dos-13/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

⁵³ “WO é uma expressão que significa vitória fácil, sigla do termo inglês walkover. Uma vitória por WO acontece quando não existem adversários ou quando esses não comparecem por algum motivo. A palavra walkover surgiu nas antigas corridas de cavalos na Inglaterra. Para obter a vitória em uma corrida, o cavalo precisava percorrer toda a pista (walkover), mesmo que ele fosse o único competidor.”. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/wo.>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

Essa é uma informação oficial veiculada pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e ratificada por vários dos meus interlocutores, a exemplo de Moca em uma das declarações que me foram feitas no ano de 2016. Para ele, o C13 não respeitou o regulamento.

O Campeonato de 87 não foi modificado no meio, não. Existe um livro chamado a Bíblia do Flamengo, que está na biblioteca deles. Lá diz com todas as letras que o regulamento foi reorganizado antes do início do campeonato. Está lá, não sou eu que estou dizendo, não. (MOCA, relato verbal presencial, 2016)

O interlocutor reconhece que esse campeonato e a vitória do time rubro-negro pernambucano foi um dos acontecimentos mais importantes para a história do clube e da SPORTMANIA enquanto T.O. Ele avalia da seguinte maneira:

Foi o auge da gente... nós vínhamos deste 82 na seca porque 83, 84, 85, 86 e 87, a gente não tinha ganho nem um estadual. A torcida passava por um período em que se firmava, mesmo sem o time ganhar nada, tendo perdido dois campeonatos dentro da Ilha do Retiro com um empate que deu o título para o Santa dentro da nossa casa. E daí, nós ganhamos um título nacional relevante, que era o Campeonato Brasileiro da época. Aquilo foi uma loucura, foi insano aquilo ali. Você estar no campo vendo neguinho roendo as unhas, desmaiando, gritando, se abraçando, beijando gente pela frente que nunca tinha nem visto... Muito marcante pra todos que viveram aquela época. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017).

Apesar de reconhecerem a importância do título, os torcedores do Sport Club não entendem que esse campeonato se configure como ‘mito fundador’ do time. São todos unânimes em afirmar que o Sport é um time vencedor, já nasceu vencedor, sempre fez grandes campanhas e costuma perturbar os times do Sul e do Sudeste do país. Reconhecem ainda, que o time sofre discriminação por ser da região Nordeste. Quando arguido sobre o que pensa a respeito, Moca (2017) argumenta:

Eu não concordo não com essa história de mito fundador do Sport, não. Em 1981, o Sport precisava ganhar com dois gols de vantagem [...], começou a pisar nos calcanhares dos times do sul. Quando chegou em 85, o Sport fez um baita campeonato brasileiro, terminou em quinto lugar, jogou muita bola, e eu estava nesse jogo [...] o Flamengo, que quer se impor como campeão brasileiro, na marra, ficou atrás do Sport. Em 86, também ficou atrás do Sport. Então, dizer que ele surgiu em 87, não. O Sport já vinha numa crescente. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017).

César, também membro da primeira formação da T.O, não concorda que o campeonato seja o mito fundador do time e partilha da mesma opinião que Moca. Ele acrescenta:

Aquele foi muito mais que um título pro SPORT. Representou a briga de um Davi conta um Golias, plagiando a Bíblia... quando você ganha algo bom na sua vida, você sempre vai querer mais, e isto só faz o clube crescer e querer sempre vencer... não concordo com isso de mito fundador. Eu vivenciei toda a briga do Sport junto com Fred Oliveira, e vencemos definitivamente esta batalha após 30 anos. (CÉSAR, entrevista via e-mail, 2017)

Ariane faz uma menção a esse campeonato, destacando o que acha desse questionamento sobre mito fundador e fazendo um contraponto entre ele e a T.O.

Não concordo [com o mito], foi uma grande vitória, por conta da polêmica em torno disso, o Sport ficou nas manchetes é verdade, mas na maioria das vezes de forma negativa [...] O campeonato em si é muito importante, mas não foi significativo para determinar crescimento da torcida. Ela cresceu naturalmente, acho que a partir desta data começaram a aparecer pessoas com outros objetivos na torcida, como ganhar dinheiro, por exemplo, tanto que alguns membros foram expulsos e iniciaram outras T.O. (ARIANE, relato via e-mail, 2018)

Márcio, membro da segunda formação, também corrobora essas narrativas em defesa do seu time, expressando que, em relação ao campeonato não existem dois vencedores, “o campeão é o Sport, time de raça”, que não nasceu a partir de 1987: “acompanho o Sport desde 1971 aqui na Ilha... ele sempre foi um time forte... a prova disso é que foi o campeão daquele ano, do Brasileirão e da Copa do Brasil.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Essa fala é endossada pelos demais componentes da atual formação.

Em minha trajetória de vida, por diversas vezes, ouvi colegas flamenguistas afirmarem, que “o Sport é o Campeão na Justiça, mas o Flamengo é o Campeão de fato.” Essas opiniões discrepantes entre defensores de cada um dos times em questão, ambos rubro-negros,⁵⁴ apenas refletem a problemática criada por esse campeonato, o que faz com que muita gente o perceba como mito fundador do Sport Club do Recife. Ademais, o time não ganhara nenhum campeonato nacional até aquela data. Arrisco-me, nessa questão, a concordar com Simmel (1983, p. 122), e assumir que “o conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes.”

Para finalizar essa problematização sobre o Campeonato Brasileiro de 1987, trago uma citação de DaMatta (1982), na qual o autor analisa disputas entre times considerados grandes e pequenos, e lança luz sobre o enredamento de relações que permeiam os jogos. O destaque é dado ao momento em que se materializada a vitória de um ‘pequeno’ sobre um

⁵⁴ As principais cores que representam o Sport Club Flamengo são o vermelho e o preto.

‘grande’ do futebol. Pequeno e grande são utilizados aqui para que se entenda como os dois times são percebidos pela grande mídia – o Sport seria o pequeno e o Flamengo seria o grande. Apesar de o exemplo de DaMatta (1982) tomar por base seleções nacionais, serve às reflexões postas no presente trabalho, guardadas as devidas proporções.

Era como se o mundo tivesse sido totalizado pelo futebol, de modo que o desempenho futebolístico servia de medida para tudo. Não se tratava mais de equipes de futebol, mas de sociedades cuja essência era medida pelo futebol. [...] Trata-se da reificação que o jogo permite, quando deixa que uma entidade como um “país” ou um “povo” seja experimentada empiricamente como algo visível, concreto, determinado. Como uma equipe que sofre, vibra e vence adversários. Como um time que reage aos nossos incentivos positivos e negativos. Ora, num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes, dentro das hierarquizações do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real vivência de “horizontalização do poder” por meio da reificação esportiva. (DAMATTA, 1982, p. 58)

Após vivenciar (relativamente, de perto) o conflito entre Sport e Flamengo, reconheço que as discussões e controvérsias sobre o Campeonato Brasileiro de 1987 ainda podem durar alguns anos. Independentemente de ser ou não o mito fundador do Sport, e das justiça e injustiças que permeiam o cenário, é inegável que esse campeonato serve para dar destaque e projetar o time pernambucano, que acaba por se beneficiar de toda e qualquer discussão em torno da questão. Isso é fato.

Assim finalizo esse tópico, em que apresentei o Sport Club, sua localização e uma breve explanação sobre sua história. A seguir, trago algumas considerações sobre T.O, inclusive as deste time, uma vez que o estudo se detém sobre uma delas.

2.3. TORCIDAS ORGANIZADAS (OU T.O)

O torcer, seja ele organizado ou individual, é um fenômeno (não apenas) social que tem despertado o interesse de inúmeros estudiosos, haja vista a quantidade de trabalhos acadêmicos desenvolvidos nas últimas décadas em todo o mundo sobre o assunto (alguns dos quais, mencionados a seguir).

Segundo Pimenta (1997, p. 64), “a institucionalização do “jogo de bola” reproduz um envolvimento entre torcedor/jogo/jogador que geram padrões de comportamentos diferenciados dos convencionados pela sociedade”. Haja vista que com o passar do tempo, as arquibancadas, que antes eram preenchidas por “moças de boa família” e “cavalheiros da sociedade” (PIMENTA, 1997, p. 65), transformando o futebol em um acontecimento social,

foram sendo tomadas por famílias inteiras, sócios do clube, torcedores uniformizados e organizados. O autor (*ibidem*) questiona se o fato de os torcedores se identificarem com um clube, e até o antigo costume de usarem adereços com a mesma cor de seu clube, já não seria um comportamento precursor do torcedor organizado que se conhece atualmente.

Em primeiro lugar, faz-se necessária uma breve reflexão/diferenciação acerca de torcida organizada (referida como T.O) e de torcida uniformizada (doravante T.U), para se compreender em que pontos esses conceitos se imbricam ou se são uma mesma categoria de torcida.

Essa diferenciação passa pela própria origem das T.O. Como nos esclarece Souza (2011, p. 12), elas “se originaram no continente europeu, no final da década de 1960, expandindo-se por todo o mundo sob a influência dos *hooligans* ingleses, chegando ao Brasil por volta de 1969, de forma “organizada e independente dos clubes”.

Assim sendo, no Brasil, ainda de acordo com Souza (2011) a GAVIÕES DA FIEL (que inicialmente era uma T.U e que hoje é uma T.O) do Corinthians paulista, teria sido “a pioneira nesse modelo de torcidas no país.” (SOUZA, 2011, p. 12). De acordo com Braga (2010), outras T.U foram surgindo.

No Vasco, surgiu a TUV (Torcida Uniformizada do Vasco), fundada em 7 de março de 1944. No Flamengo, aparecia a Charanga em 11 de outubro de 1942. Botafogo, Fluminense e América também criaram suas torcidas neste período, no entanto, não marcaram uma data específica de fundação. (BRAGA, 2010, p. 3)

Na verdade, existem duas datas, apontadas por diferentes estudiosos como sendo o “marco inicial desses movimentos”, segundo Pimenta (1997, p. 65): os anos de 1942 e 1943. O surgimento costumava acontecer em torno de um líder, via de regra, político e ligado ao clube. Pimenta (*ibidem*) assume como “gênese” das T.O a fundação da “Charanga do Flamengo” em 1942, com a participação de mulheres e a proibição da violência e do uso de palavrões. À vista disso, as T.O na forma como são concebidas hoje surgiram cerca de três décadas depois na Região Sudeste do país e, desta feita, os seus membros se vestiam de forma característica, cantavam hinos alusivos aos clubes e exibiam uma coreografia própria. Para Pimenta (*ibidem*), “o que caracteriza a existência de uma ‘Torcida Organizada’, [...] não é apenas a identificação com o clube, mas sim a estrutura organizativa que cerca esse grupo de pessoas.”

Essa afirmativa se assemelha ao que identifiquei no meu campo, conforme o exemplo de torcedores que se afastaram de uma torcida e adentraram outra, ao identificarem

mudanças na filosofia do grupo. Apesar de continuarem se identificando com o Sport, alguns torcedores deixaram a SPORTMANIA no início dos anos 1990. Outros torcedores saíram dessa torcida e se agregaram à GANG DA ILHA ou a outras torcidas rubro-negras, se juntando a outros torcedores de filosofia semelhante à sua. Quando esses torcedores identificavam que já não existia no grupo aquele espírito de ir a campo para apoiar o time, eles se afastavam da torcida e isso acabou por levar à desativação da T.O em análise.

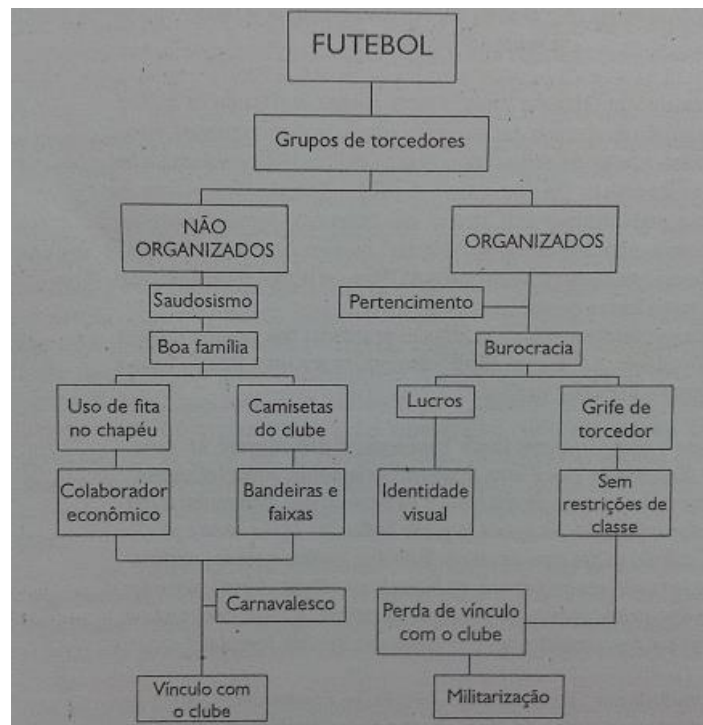
Quando surgiram, as T.U eram vistas por muitos como responsáveis por estabelecer a ordem nos eventos futebolísticos. Nas palavras de Toledo (1993, p. 150), atribuía-se às T.U “um papel dirigente, capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência nos espetáculos esportivos”. Assim acontecia com a SPORTMANIA, segundo relatos que obtive nas interlocuções.

Então, inicialmente, surgiram a TOV – TORCIDA ORGANIZADA DO C. R. VASCO DA GAMA (1944), a TORCIDA JOVEM DO FLAMENGO (1968, dissidente da CHARANGA), a GAVIÕES DA FIEL (1969), a TUSP – TORCIDA UNIFORMIZADA DO SÃO PAULO (1972), para citar as primeiras de que se tem registro. Na concepção de Braga (2010),

O fato dos torcedores irem a campo com roupa dos próprios times ou com as cores dos clubes começava a se tornar uma realidade com o surgimento das torcidas uniformizadas. Nos jornais, vinha a ênfase e o apoio no comportamento organizado dos torcedores no incentivo aos times. (BRAGA, 2010, p. 15)

O diagrama da Figura 8 apresenta distinções entre as características de torcedores organizados e não-organizados (ou torcedor comum), de acordo com a concepção de Pimenta (1997) ao analisar “aglomerações de simpatizantes nos estádios que começaram a formar grupos de torcedores em torno do jogo.” (PIMENTA, 1997, p. 70). A partir desse diagrama, apesar de não pretender esgotar o assunto, destaco algumas aproximações que identifiquei entre a descrição deste autor e as observações feitas no campo de pesquisa.

Figura 8 - Grupos de torcedores



Fonte: Pimenta (1997, p. 70)

Esse quadro é importante para entender a T.O em estudo e a sua filosofia. Nele, estão postas as diferenças entre os torcedores organizados e os não organizados. Entre os organizados se encontra implícito o ‘pertencimento’, ratificado pela ‘grife de torcedor’, determinante de uma ‘identidade visual’ em um agrupamento ‘sem restrições de classe’, com um quê de ‘militarização’. Assim, a identificação com a T.O supera a identificação com o clube.

A identidade com uma T.O está estampada na camisa que os organizados usam. Importante registrar que no meu campo, ou melhor dizendo, entre os torcedores pesquisados, presenciei membros da primeira formação vestindo camisas do Sport, e os da segunda formação vestindo camisas da torcida, a SPORTMANIA.

Para entender um pouco mais como acontece essa relação torcedor-uniforme, trago a maneira como cada uma das duas formações lidou/lida com a questão. Na primeira formação da T.O em análise, para aderir ao grupo era necessário levar uma camisa que recebia, gratuitamente, a serigrafia com a estampa da T.O (identidade visual) e, a partir de então, se passava a pertencer à torcida, a militar pelo time nas arquibancadas. Vale destacar que, nas duas formações, em pelo menos quatro interlocuções foi mencionado que a preocupação era/é

basicamente “não deixar entrar marginais, maloqueiro, ladrão”, sob pena de esse tipo de pessoa ser expulsa ao ser identificada como tal. Vale destacar que, nesta segunda formação, as camisas não são apenas serigrafadas, são vendidas para as pessoas que desejam se associar. A justificativa dada é que o dinheiro arrecadado é destinado à compra de ingressos, para desta forma, a torcida poder frequentar os estádios.

Para ilustrar a diferença entre uniformizadas e organizadas a partir do entendimento do torcedor, cito um episódio que vivenciei durante a pesquisa de campo. Em uma das idas ao estádio no ano de 2017, conversei rapidamente antes de um jogo com uma torcedora comum que aqui vou chamar de Laura, pois não indaguei o seu nome na ocasião e não voltei a encontrá-la em outros jogos. Quando lhe falei rapidamente da minha pesquisa, ela se mostrou interessada e trocamos algumas ideias. O interessante dessa conversa foi perceber a visão da torcedora em relação às T.O diferenciando-as das T.U. O que entendi de sua lógica foi que as T.U vestem o uniforme e vão prestigiar os jogos do time, já as T.O fazem mais que isso – elas têm um posicionamento político, reivindicam ações dos dirigentes, são atuantes dentro do clube. Foram alguns minutos de conversa e o conhecimento que Laura me passou foi interessantíssimo, não consegui encontrar em nenhum livro de forma tão simples e didática. Analisando a atuação da SPORTMANIA nos dias de hoje, ela se encaixaria no perfil de T.U esboçado por Laura, devido às limitações e impossibilidades que está enfrentando, apesar de ter voltado (segundo algumas interlocuções) de forma atuante, ou seja, como uma T.O. Quanto à primeira formação da torcida, iniciou como uma T.U e se tornou aos poucos uma das T.O mais influentes do Sport Club e do estado de Pernambuco, fazendo história e servindo de referência para outras organizadas.

Em suma, os torcedores organizados da primeira formação são unânimes em relatar o bom comportamento da torcida, que era unida e atuante e comparecia em peso aos jogos, até mesmo fora do país. Os da atual formação, apesar de não comparecerem todos por vez em cada jogo do time, se revezam (ou então, é acionada uma rede de solidariedade, na qual quem está em melhor condição financeira ajuda aquele que não está podendo comprar o ingresso naquele dia) em pequenos grupos e comparecem vestindo a camisa da torcida. Os atuais integrantes também já prestigiaram jogos do time fora do Brasil. Assim, eles resistem às dificuldades e restrições, apesar de temerem pelo futuro da T.O SPORTMANIA.

Voltando às origens das torcidas, em todo o Brasil, parece haver unanimidade em trabalhos publicados, quanto ao surgimento das T.U ser anterior ao das T.O. Contudo, aquelas formações iniciais se constituíram de forma diferente do padrão encontrado atualmente. Em outras palavras, foram verificadas muitas mudanças desde então, tanto na expressão do

pertencimento e nas práticas das torcidas, quanto nas ritualizações, na espetacularização, na interação e no gestual de grupos de torcedores uniformizados/organizados. O que parece perpetuar-se, não somente em relação a esses grupos como no entorno das práticas futebolísticas, é o comportamento violento de alguns indivíduos. Este assunto será focado no tópico 3.2, sobre violência no futebol.

Na cidade do Recife, as primeiras T.O surgiram a partir de grupos de amigos e familiares, jovens, em sua maioria, que sentiam vontade de incentivar o time pelo qual torciam e promover encontros e comemorações das vitórias do clube.⁵⁵ Esse é, em verdade, o sentido geral de formação de uma organizada. Porém, cada torcedor caracteriza o seu torcer de uma forma particular, haja vista os depoimentos a seguir, dados por integrantes da SPORTMANIA.

A SPORTMANIA... aqui é todo mundo amigo... a gente quer mesmo é torcer pelo Sport ...que é uma instituição que você se identifica desde o princípio, no seu surgimento... é muito forte. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017) [neste momento, ele não consegue mais falar, a voz fica embargada pela emoção, começa a chorar e bate no braço, dando a entender que o Sport está no sangue].

A SPORTMANIA era um grupo de amigos, gente apaixonada pelo Sport, que queria se reunir, ir pra campo torcer, vibrar, comemorar, fazer amizade, beber juntos, apoiar o time. É uma emoção assim que você não tem como definir... éramos jovens e queríamos fazer parte de uma torcida organizada de jovens, porque só existia BAFO DO LEÃO e TREME TERRA, que era de pessoas mais velhas. (MOCA, relato verbal presencial, 2016).

O que foi verbalizado por estes interlocutores (em especial por Moca) demonstra um posicionamento de torcida que parece se aproximar do conceito de comunidade ou de *communitas* de Turner - “sociedade aberta [...] difere, neste ponto, da estrutura ou da sociedade fechada, pelo fato de ser potencial ou idealmente extensiva aos limites da humanidade.” (TURNER, 1974, p 137) Os integrantes da SPORTMANIA desejavam interagir com outros torcedores, fazer amizade, estar abertos ao encontro de outras pessoas que tivessem o mesmo intuito de torcer pelo Sport Club.

Turner (1974) informa sua preferência pelo termo ‘*communitas*’ em vez do termo ‘comunidade’ – o primeiro termo passaria melhor a ideia de organização com posicionamento superior frente à estrutura. O autor parece conceber a ideia de sociedade aberta como organismo em contínuo movimento, como um processo, i.e. entidade não estática.

⁵⁵ Informação dada por interlocutores deste estudo, por ocasião da pesquisa exploratória conduzida no ano de 2016. Os dados são corroborados pela experiência da pesquisadora com o mundo do futebol.

Um claro exemplo de ‘estrutura’ e de ‘*communitas*’ dado por Turner: “motociclistas da Califórnia, conhecidos como os ‘Anjos do Inferno’ [...] são estivadores, empregados de armazéns, choferes de caminhões, mecânicos, caixeiros e trabalhadores ocasionais em qualquer tipo de trabalho que pague e não requeira dedicação. [...] Chamam-se a si mesmos os um-por- cento [...] Referem-se aos membros do mundo ‘direito’ como ‘cidadãos’, o que implica que eles não são. Eles fizeram a opção de situar-se fora do sistema estrutural [...] constituem uma organização formal, com cerimônias complexas de iniciação e graus de confraria simbolizados por emblemas. Têm um conjunto de estatutos, um comitê executivo, formado por presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, bedéis e reuniões formais, todas as semanas.” (TURNER, 1974, p. 233)

Na *communitas*, “os neófitos tendem a criar entre si uma intensa camaradagem e igualitarismo. As distinções seculares de classe e posição desaparecem, ou são homogeneizadas.” (TURNER, 1974, p. 118). Analogamente, no caso da T.O em análise, o grupamento de torcedores rubro-negros intenciona homogeneizar os torcedores individuais (isolados), criando a *communitas* SPORTMANIA, ganhando assim visibilidade e destaque perante a estrutura social mais ampla estabelecida.

Nesse sentido, percebe-se distanciamentos entre torcidas do mesmo time. A T.O JOVEM DO SPORT, por exemplo, difere da SPORTMANIA, e ambas são torcidas do Sport Club. As filosofias não são semelhantes e uma não tem função de empresa como a outra. Apesar de elas terem vivenciado a liderança da mesma pessoa – quem fundou a TORCIDA JOVEM anos atrás com um grupo de amigos saídos da SPORTMANIA é a mesma pessoa que trouxe esta torcida de volta. Como será debatido no Capítulo 3 desse trabalho, aquele garoto mencionado no início da Introdução desta Dissertação se faz presente nas duas edições da SPORTMANIA, além de ter passado por outras T.O.

As organizadas, como já mencionado anteriormente, são grupamentos de torcedores que se associam para apoiar um time com faixas, bandeiras, charangas, etc., dentro e fora do estádio, usando roupas que identificam a torcida, abrilhantando o espetáculo do futebol. Os indivíduos podem se associar em grupos por motivos outros, além da vontade de apoiar o time, a exemplo do que encontrei no meu campo de pesquisa em relação à SPORTMANIA. Segundo me foi revelado, em relação à segunda formação, “a maioria se associou pra colocar os dependentes, passar ingresso para os não sócios do Sport que não fossem da T.O comprarem o ingresso mais em conta e poder assistir ao jogo.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Isso talvez explique a evasão de alguns membros e a quantidade reduzida de torcedores atualmente, uma vez que já não existe mais o apoio da diretoria na compra de ingressos.

Nas T.O, pode haver hierarquização ou não. No caso em questão, T.O SPORTMANIA, não havia hierarquização na primeira formação, segundo os componentes entrevistados. Nesta segunda, percebe-se a presença de um líder, ou presidente, que intenciona se conservar à frente do grupo para “manter a mesma filosofia”, como ele afirma, não pretendendo abrir eleições para o cargo.

No que se refere à sociabilidade, o campo empírico estudado, inicialmente, seria (explicarei adiante o porquê deste verbo estar no futuro do pretérito) o circuito percorrido pelos/as torcedores/as na vivência de seu pertencimento ao Clube (residência, estádio, áreas de lazer, o percurso entre esses locais e os demais espaços da vida cotidiana vinculados ao futebol). Pensa-se “circuito” como mencionado por Magnani (2005), enquanto lugar que abriga atores diversos com “uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos.” (MAGNANI, 2005, p. 179). O circuito envolveria, então, os espaços que a SPORTMANIA utilizou/utiliza para a sociabilização de seus membros, incluindo os locais em que os eventos e os encontros aconteceram/acontecem, os meios que os/as torcedores/as utilizaram/utilizam para o deslocamento até o estádio em dias de jogos etc., entendendo que esse deslocamento subsome aspectos como segurança e pertencimento. Isto se verifica pelo fato de haver trajetos e espaços permitidos e evitados pela T.O, principalmente em dias de jogos. O sentimento de (in)segurança do torcedor que sai às ruas uniformizado, evidenciando as cores do time ao qual pertence, pode vir a interferir nos trajetos escolhidos por ele e na sua permanência em determinados lugares, por conta da rivalidade entre torcidas. Isso tudo se intencionava averiguar.

Entretanto, o circuito que se pensava testemunhar (por isso o verbo colocado anteriormente no futuro do pretérito), não pode ser investigado da forma planejada (acompanhar os torcedores desde a sede da torcida até o estádio; desde suas residências até o estádio; do estádio para um barzinho; de uma residência a outra; etc.). Nos últimos quatro anos, a torcida não está conseguindo frequentar assiduamente o estádio, por falta de apoio financeiro que facilite o deslocamento de seus membros, até mesmo para ir ao batalhão de choque registrar nomes de torcedores e equipamentos a serem levados para cada um dos jogos do time. Dos treze componentes que ainda permanecem na torcida, apesar de todas as dificuldades, apenas três ou quatro deles vão aos jogos por vez. Não há combinação ou determinação de quem vai ou não, quem puder vai. Também não transportam materiais (faixas, instrumentos musicais, fogos de artifício etc.) para os estádios, e se misturam a outros torcedores e a outras torcidas, porém utilizando o uniforme da SPORTMANIA.

Consegui, entretanto, acompanhar o circuito de alguns torcedores para tentar entender como acontece a interação de uma T.O (acompanhei com mais frequência os da primeira formação e com bem menos frequência os da segunda formação, por conta da situação atual da torcida, que será mais bem explicitada no tópico 3.1.2) ao se deslocarem de suas casas para irem até o estádio e na volta do estádio para casa. Em algumas ocasiões, passavam na residência de um amigo que estava doente ou que por algum outro motivo estava sem condições de ir ao estádio, apenas para “dar uma força” (segundo mencionaram alguns) e ajudar a pesquisadora em seu trabalho de Mestrado. Durante os deslocamentos, o rádio do carro ficava sintonizado em programas esportivos que traziam informações e detalhes técnicos do jogo daquela tarde ou noite e de jogos vindouros. O circuito contemplava ainda, em algumas oportunidades, uma ida à loja de materiais esportivos situada nas dependências do clube – ocasião de compra de presentes para amigos e familiares, como também, uma ida ao restaurante ou aos bares próximos ao estádio.

Para exemplificar, trago a seguir um dos momentos em que acompanhei parte do circuito de torcedores da primeira formação até dependências do clube.

19/06/2016 – domingo – 14h (dia do jogo contra o Fluminense / RJ)

[...] Acabo de chegar à casa de um dos interlocutores da minha pesquisa. Não vamos demorar. Um deles precisa passar na loja do clube para comprar um presente para uma amiga.

Depois de tomarmos café com um delicioso bolo de cenoura e de conversarmos sobre o andamento do meu trabalho (momento em que se organizam para sair), seguimos para o estádio. Eles estão todos paramentados com a camisa do clube.

Durante o percurso, ouvimos a Rádio Clube de Pernambuco, AM 720 kHz, mas a conversa predomina dentro do carro e quase não se escuta a programação da rádio.

[...] Chegamos ao estádio. O movimento de pessoas e vendedores já é grande. Estacionamos na área interna do clube, próximo à piscina. De lá caminhamos para a loja, cuja entrada se localiza na parte externa do clube. Sempre que cruzam com um conhecido, fazem uma festa. Ainda falta cerca de uma hora para o início do jogo e muita gente circula nas calçadas. A loja é espaçosa e tem muitas opções de camisas. Uma delas será escolhida para presentear a amiga. Em pouco tempo, fazemos a compra e seguimos para a bilheteria, e depois para o setor das sociais. [...] As conversas sempre giram em torno do jogo e das expectativas para o placar final. Muitos vendedores de comidas e bebidas estão distribuídos pela sede. Em cada barraca, um aparelho de som que toca os mais variados ritmos. Mais gente vai chegando e meus interlocutores cumprimentam pessoas conhecidas, me apresentando como pesquisadora da UFPB. Algumas pessoas perguntam se podem participar da pesquisa. Consegui alguns contatos de rapazes interessados em me conceder entrevista.

Meus interlocutores parecem orgulhosos por poderem circular ao meu lado. Me sinto um pouco desconfortável por andar entre tantos rubro-negros. O desconforto aumenta dentro do estádio. Lembrei dos *outsiders*. [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 14 jun. 2016).

Esses deslocamentos dentro das dependências do clube foram muito importantes para que eu conhecesse o espaço e observasse a interação entre os torcedores, que mesmo não fazendo mais parte de nenhuma T.O, ainda eram reconhecidos por outros torcedores.

Por outro lado, quando integrantes da atual formação da torcida desejam se deslocar para o estádio, seus integrantes trocam mensagens via aplicativo *WhatsApp* ou se comunicam via ligação telefônica. Esporadicamente, acontecem reuniões entre os integrantes, com participação dos mais próximos ao atual presidente da torcida, para deliberar sobre os mais diversos assuntos relacionados à SPORTMANIA, como explicitarei a seguir. Após combinarem quem tem condições (financeiras, físicas, profissionais) de prestigiar o jogo, fazem os ajustes para o deslocamento até o estádio. Via de regra, o trajeto é feito de carro, algumas vezes em companhia da família, ou de ônibus (por ser mais econômico), e o encontro acontece nas dependências do clube, em áreas que costumam utilizar para a interação entre eles e com outros torcedores comuns. O local do encontro está mais bem explicitado no tópico 3.1.2, em que são descritos detalhes a respeito desta formação da torcida em análise.

No trajeto não costuma haver interação, a não ser nas poucas oportunidades em que utilizam o sistema de caronas – são poucas as oportunidades, porque nem todos os integrantes moram no mesmo bairro. Foi possível observar interação e sociabilidade no estádio, onde conversavam, brincavam, cantavam, bebiam e compartilhavam um churrasco – para o qual cada um colaborava com um petisco ou uma bebida. Essa mesma descontração foi percebida quando o ambiente era a residência de um dos integrantes. Eles costumam fazer revezamento, se reunindo na casa de um deles por vez. Na área externa (quintal, jardim, área lateral) costuma ser montada uma infraestrutura com a colocação de um som para animar o encontro, uma mesa onde fica disposta a comida, vários isopores com bebidas, mesas e cadeiras em um canto protegido do sol, e um espaço para a brincadeira das crianças – vale enfatizar que os integrantes da torcida são casados e/ou têm filhos que costumam ser levados aos encontros e festividades da SPORTMANIA.

Observa-se, também, que a verificação do espaço físico-geográfico utilizado por estes torcedores rubro-negros não envolve o espaço virtual das redes sociais, do mundo da WWW. A não inclusão desse espaço virtual na observação participante deve-se ao fato de a primeira formação da torcida SPORTMANIA não o ter utilizado (uma vez que a *web* não possuía, na década de 1980, a dimensão testemunhada nos dias atuais), e ao fato de a atual formação não estar se utilizando de *e-mails* e de redes sociais em seu nome, pelos motivos discutidos ao longo deste trabalho.

Desde o ano de 2016, procurei investigar quais valores os/as organizados/as agregam ao seu pertencimento à SPORTMANIA, a partir de reflexões apoiadas no trabalho de Simmel (1950). As interlocuções apontam mais frequentemente que fazer parte de uma T.O é uma maneira de prestigiar o time e estar mais presente, atuante. Ariane acrescenta que “pra quem ama futebol é uma forma de estar mais perto do clube, das notícias, da política do clube.” (ARIANE, relato via e-mail, 2018) Aparece aí, de forma clara, o papel ativo da T.O na relação diretoria-torcida, demonstrando que as decisões políticas da instituição passam pelo crivo da organizada – a qual se percebe em uma posição de destaque e como grupo unido e coeso, importante para o sucesso do clube e do time, reivindicando o lugar de protagonista no cenário futebolístico. Para Simmel (1983, p. 157), a unidade dos membros continua efetiva quando o grupo se mantém consciente desta unidade como algo de interesse vital”.

Percebi que para se socializarem, interagirem, eles procuram se reunir sempre que acontece um jogo do Sport, mas também realizam encontros, cuja periodicidade depende da pauta para planejar as ações da torcida, pensar formas de vender as camisas e buscar opções de venda de produtos para ajudar a comprar ingressos para outros torcedores que não se encontram em condições financeiras para fazê-lo. Desses encontros, em específico, a família não participa. Segundo me informou o presidente da torcida, com frequência, ele chega “a tirar do próprio bolso para confeccionar as camisas, comprar ingressos, colocar combustível nos carros, pra que o pessoal consiga ir pro jogo.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017).

Como colocado por este interlocutor e corroborado pela quase totalidade dos torcedores da SPORTMANIA, fazer parte da torcida, se sociabilizar com outros integrantes, é a maneira que eles encontram de esquecer o mundo “lá fora”, de aliviar o estresse, e de viver “aquele mundo do futebol”. Ir para o estádio, encontrar a turma antes de cada partida, tomar uma cerveja, ou seja, se reunir com os amigos para torcer pelo Sport, é “uma válvula de escape, ajuda a esquecer os problemas lá fora.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Tal constatação está em concordância com o que Simmel (1961, p. 45) enuncia: é na sociabilidade, que grande parte da sociedade encontra “uma solução que não é possível em nenhum outro lugar”.

Assim, os momentos de interação e socialização entre os torcedores estão relacionados com o processo de identificação com o grupo ao qual pertencem, e com o bem-estar que auxilia no alívio do estresse, a partir do interesse que têm em comum – torcer pelo Sport. São momentos de encontro de pessoas de várias faixas etárias, classes sociais e credos, todos, porém, com o mesmo interesse. Torcer pelo Sport ao lado daquelas pessoas tem uma importância fundamental na vida dos torcedores que estudei. É aquilo que eles gostam de

fazer, é lá onde eles querem estar e com quem querem estar, não importando se foi o presidente da torcida que bancou o encontro ou se todos puderam colaborar, ou ainda se nem todos puderam comparecer. É um momento em que eles não falam dos problemas do cotidiano, pois ali só tem espaço para o futebol, para o Sport.

Segundo nos informa Simmel (1961), na sociabilidade, “riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades e aptidões especiais, podem não desempenhar qualquer papel”, SIMMEL (1961, p. 46), estes são “meros matizes do caráter imaterial com o qual se permite que a realidade adentre a sociabilidade.” (*ibidem*). Pude presenciar nos encontros da torcida, universitário brincando com pequeno comerciante, chefe de cozinha dialogando com ambulante, todos parceiros defensores de uma mesma causa, portadores de um diálogo único: “Pelo Sport, tudo.” Testemunhei então a mescla de classes sociais, raças e credos enquanto estudava a torcida.

Os membros da T.O em pauta percebem, então, dois mundos distintos “lá fora”: um permeado pelo estresse e outro com o qual as pessoas se identificam e que serve de válvula de escape. Ao analisar esse processo identitário, Hall (1992) afirma que “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior.” (HALL, 1992, p. 39).

A menção a essa busca por uma totalidade me faz perceber, *faute de mieux*, certa similaridade com o controverso⁵⁶ conceito de *tribus*, atribuído por Maffesoli (1998), em que interesses semelhantes unem os membros de um grupo aparentemente homogêneo, em que a socialidade não tem finalidade nem utilidade, como nos alerta o autor – seria algo como querer “estar junto à toa.” No presente caso, não estou adotando uma visão reducionista da T.O SPORTMANIA a uma tribo, no sentido maffesoliano de estar junto, se reunir, interagir sem um motivo. Não percebo como sendo à toa que os integrantes da torcida decidem se encontrar. Porém, a experiência que tive com os integrantes da segunda formação permite que eu vislumbre o que eu poderia chamar de um modelo tribal de interação em que se percebe os outros como iguais, com quem se tem uma convivência espontânea, com fortes laços de amizade. Sob essa perspectiva, o conceito de *tribus*, aqui mencionado *en passant*, se adéqua ao meu objeto de estudo.

Os atuais participantes da SPORTMANIA formam uma comunidade, no sentido em que convivem e se apoiam mutuamente, até “tirando dinheiro do bolso para comprar ingresso

⁵⁶ Maffesoli costuma afirmar que o individualismo acabou e que vivemos o tempo das tribos (daí, o conceito de *tribus*), cujas formas de socialidade são diferentes das que existiam nos anos 1980. A controvérsia advém de esta opinião não ser corroborada pelos demais estudiosos e intelectuais.

pros amigos que não tão podendo comprar”, segundo alguns deles afirmaram repetidas vezes, sentindo prazer em estar reunidos para torcer pelo time.

O termo ‘comunidade’ é discutido aqui a partir das teorizações de Bauman (2003). Não como definição, mas como explicação do termo, o autor coloca:

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”. (BAUMAN, 2003, p. 7).

Ainda segundo o autor, “numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos.” (BAUMAN, 2003, p. 8). A partir do entendimento desse conceito, percebo meu objeto de estudo como uma comunidade na qual ocorrem “discussões amigáveis”, e um “estar juntos ainda melhor e mais agradável”, sem nunca desejar “má sorte uns aos outros”, e com a certeza de que se “querem bem.” (*ibidem*).

Além disso, investigar o pertencimento ao clube e à T.O forneceu dados que me permitiram analisar a maneira como esses torcedores percebem a violência, como eles se relacionam com os diversos atores do espaço futebolístico, como eles se sociabilizam no Recife e nas cidades para onde se deslocam, e muito mais. É um exemplo de etnografia realizada “por cima dos ombros dos nativos”, como nos fala Agier (2011, p. 19), na cidade do Recife, no Sport Club, e na SPORTMANIA, enfim. Faz-se premente levar em conta, que o autor (*idem*, p. 32) nos alerta sobre uma etnografia “produzida pelo antropólogo a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos cidadãos que ele próprio observa diretamente e em situação”.

Nos discursos de dois membros da atual SPORTMANIA, Bruno e Márcio, está sempre presente a questão do ‘pertencer’ se confundindo com o ‘ser’ Sport. Esse segundo interlocutor aborda o assunto:

[...] e assim, a gente como organizado, antes de ser organizado ou SPORTMANIA, somos Sport, torcemos pro Sport, a gente só tá aqui por conta do Sport. Existe MANIA, JOVEM, BAFO, uma torcida muito antiga, da década de 70, BAFO DO LEÃO, essa questão é... [interrompido por um colega, que passava do outro lado da calçada, ele não concluiu a frase. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017).

A partir do discurso deste interlocutor, podem ser feitas algumas análises quanto ao seu processo identitário. Ele se identifica com uma comunidade que é a T.O SPORTMANIA, mas admite que sua identificação é primeiramente com o time. Assim, ele reconhece que,

hierarquicamente, existe uma estrutura maior à qual sua T.O, ou o seu torcer, está subordinado. Hall (1992) nos diz que “a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.” (HALL, 1992, p. 12).

A citação a seguir mostra a percepção de um dos componentes em relação a outras torcidas e suas maneiras de interagir, ou de ser Sport. Ele faz uma crítica, inclusive, ao comportamento de clubes que não apoiam suas organizadas, ao mostrar a atitude de grandes clubes e de grandes torcidas do Brasil em contraste com a realidade que ele vivencia no Sport e que, segundo ele próprio, o incomoda bastante.

A gente vê uma torcida do sul do país, tipo GAVIÕES DA FIEL...o clube idolatra o pessoal lá...idolatra no sentido de apoio, saber que eles são fortes, que o clube só se fortalece, só joga quando eles estão empurrando...que eles são grandes. E a GAVIÕES é muito antiga, e eles têm uma ideologia. Se você puxar a história dos GAVIÕES DA FIEL, você vai ficar impressionada, porque eles têm uma ideologia, eles têm uma forma de pensar no Corinthians, de torcer pelo Corinthians, que é totalmente diferente das outras T.O....pra você ter uma ideia, eles são eles e eles e eles...eles não precisam de...como acontece com a JOVEM: tem amizade com a CAMISA 12 do Internacional...então a gente tem amizade com a TORCIDA JOVEM DO FLAMENGO, tem amizade com a INDEPENDENTE em São Paulo. A GAVIÕES não tem isso. A ideologia deles é o Corinthians, torcer pelo Corinthians, apoiar o Corinthians e mais nada. Não que as outras torcidas que têm esse tipo de situação não vá apoiar seu clube, não vá amar seu clube, mas não dá brecha pra ninguém usar uma camisa da INDEPENDENTE dentro do estádio, de uma MÁFIA AZUL do Cruzeiro... que acontece muito aqui, entendeu? São ideologias. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

Reflexões nesse sentido nos fazem entender que fazer parte de uma T.O agrega poder (segundo consta nessa fala do interlocutor, “eles são grandes”), pois não se trata de um torcedor isolado, anônimo e enfraquecido. O organizado tem uma “ideologia” que é compartilhada com um grupo, cuja unanimidade lhe fortalece e acaba por reforçar a união e o poder de cada um e de todos enquanto grupo. Esse poder adviria, desse modo, da socialização e da interação entre os membros da torcida.

Hall (1992) nos esclarece como essa socialização do sujeito é investigada dentro da ciência denominada Sociologia, e ajuda a problematizar a externalização dos conteúdos individuais dos sujeitos estudados:

A sociologia [...] forneceu uma crítica do “individualismo racional” do sujeito cartesiano. Localizou o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas as quais, argumentava, subjaziam a qualquer contrato entre sujeitos individuais. Em consequência, desenvolveu uma explicação alternativa do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas ; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. Essa

“internalização” do exterior no sujeito, e essa “externalização” do interior, através da ação no mundo social [...], constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização. (HALL, 1992, p. 31)

Os/as integrantes da T.O em pauta, enquanto grupo reunido em torno de um ideal futebolístico permeado por emoções e afirmação de identidade, compartilham de um sentimento de pertença e expressam-no de variadas formas, com intensidade e entusiasmo, dentro e fora do estádio. Na atual formação, pude observar um grupo de amigos, companheiros, apoiando-se uns aos outros. Clécio, um dos membros mais jovens, confidenciou como o fato de conhecer a SPORTMANIA mudou a sua vida.

Eu era agressivo, brigava por qualquer coisa. Não podia ver um cara do Santa ou do Náutico que já queria sair brigando. Era assim... era muito explosivo... e quando conheci os meninos, o Márcio e tal, a Mania, eu vi que não é pra ser assim, que era diferente. Eles conversaram comigo e eu vi como eles são, tranquilos... e eu mudei, hoje sou outra pessoa. Aqui é só torcer, brincar, sem violência, sem drogas. (CLÉCIO, relato verbal presencial, 2017)

No depoimento desse interlocutor, aparentemente, houve uma mudança em seu comportamento e em sua autoestima, além de se subentender uma busca por estar entre pessoas que ocupam uma posição de respeito e de reconhecimento social. O termo ‘reconhecimento’ é pensando a partir de Honneth (2003), que nos traz esclarecimento sobre a citação anterior.

[...] o desenvolvimento da identidade pessoal de um sujeito está ligado fundamentalmente à pressuposição de determinadas formas de reconhecimento por outros sujeitos; pois, com efeito, a superioridade da relação interpessoal sobre a ação instrumental consistira manifestamente em que ela abre reciprocamente para os sujeitos comunicantes a possibilidade de se experienciar em seu parceiro de comunicação como o gênero de pessoa que eles reconhecem nele a partir de si mesmos. (HONNETH, 2003, p 78).

Na interlocução, a frase “eles conversaram comigo” pressupõe aceitação, interação. É reconhecer o outro e ser reconhecido por ele. Nestes termos, “uma luta por reconhecimento, como força moral, promove desenvolvimentos e progressos na realidade da vida social do ser humano” (HONNETH, 2003 *apud* LONGHI, 2012, p. 15), como o que foi mencionado na narrativa do torcedor rubro-negro.

O que venho apresentando neste trabalho é o processo de ‘sociação’ do torcedor rubro-negro do Recife, a partir da interação de integrantes da T.O SPORTMANIA, acessando seus sistemas de colaboração e cooperação, e vislumbrando seus interesses. Para cada um deles, nada se compara ao que sentem, ou à forma como sentem, pelo Sport. Como nos

informa Simmel (1983, p. 166), “a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses.” Em sua socialização, ou nos momentos de interação, os integrantes da T.O em pauta acabam por demonstrar suas paixões em atos, no convívio com as pessoas que fazem parte de seu meio, de sua *network* (sua rede de relacionamentos). Por exemplo, ao estender a camisa do Sport que o marido vai usar no jogo do dia seguinte, a esposa não a coloca de ponta-cabeça no varal, afinal de contas, é “a” camisa do time do coração e não, qualquer camisa; no almoço, em dia de jogo do time, no restaurante do clube (frequentado, em sua maioria, por torcedores de classe média alta), o amigo rubro-negro leva uma garrafa de uísque Chivas Regal 12 anos para degustar com outros dois amigos rubro-negros, enquanto discutem sobre o desempenho do time no penúltimo jogo do campeonato; na janela da residência, estende-se a flâmula rubro-negra, motivo de orgulho, para a visualização dos transeuntes. Esses são apenas alguns exemplos identificados no campo de pesquisa, que atestam as maneiras como os torcedores rubro-negros demonstram o que sentem.

Enfim, pude atestar momentos de sociação entre os organizados, quando acompanhei alguns componentes das duas formações da SPORTMANIA fora do estádio, ao lado da família (inclusive com crianças e até bebês) toda indumentada com camisas da torcida ou do time, para me receberem e conversarmos, ou para irem aos jogos. As músicas (as que animaram a confraternização da torcida e as que foram cantadas nas arquibancadas, por exemplo), as brincadeiras (em que os times rivais serviram de deboche e o Sport foi exaltado), os gritos de guerra (de torcedores comuns e de organizados, nos jogos e nas ruas da cidade), a parceria na ornamentação dos espaços de comemoração (todos se revezando no preparo dos ambientes onde se reúnem), são aspectos da interação e da socialização da organizadas que a observação participante me permitiu testemunhar, e em que verifiquei o prazer da convivência entre seus membros. Mesmo os componentes da primeira formação, apesar de não estarem mais fazendo parte da torcida, mantiveram esse comportamento eufórico, de provocação, ao falar sobre o time quando estavam em família ou com outros torcedores, mesmo não organizados, até mesmo nas vezes em que o grupo se reuniu para conceder entrevistas à pesquisadora.

A efusão (e, por vezes, uma verdadeira explosão) de torcedores se apresentou em vários níveis no meu campo de pesquisa. Posso citar desde jocosidades para comigo e outros torcedores do Santa Cruz, que me acompanharam em algumas oportunidades, até agressões e brigas em frente ao estádio da Ilha do Retiro, além de xingamentos entre torcidas na Ilha em dias de jogos. Vale mencionar, ainda, momentos de grande felicidade, como aquele em que o

Sport conseguiu se manter na Série A do Campeonato Brasileiro de 2017; e como aquele em que o Sport virou o jogo dramático sobre o Santa Cruz, vencendo por 5 a 3, quando os ânimos ficaram alterados durante todo aquele dia, não apenas durante o jogo. Toda essa euforia é característica do ambiente futebolístico. Assim, nos esclarece Toledo (1993):

Na percepção genérica dos torcedores, o acontecimento *futebol* é o momento e o lugar da permissividade, dos contatos verbais e corporais mais intensos e extremos, da subversão dos espaços, do ritmo das ruas e da ocupação dos equipamentos urbanos, trens, ônibus e metrô: irrupção de solidariedades, preferências, *vontades gerais* de grupos que se identificam e se contrapõem [...]. (TOLEDO, 1993, p. 21)

A forma como se comportaram os torcedores que estudei se diferenciou da forma que eu presenciei em outras organizadas, no estádio e fora dele. Isso afirmo porque foram inúmeras as oportunidades em que as brigas se iniciaram ao meu lado ou a alguns degraus mais à frente nas arquibancadas e nas sociais – brigas entre os próprios torcedores (inclusive não organizados) do Sport. Nesses casos, as brigas aconteceram sempre que o time estava perdendo, ou seja, em desvantagem no placar. O mesmo observei nas ruas próximas ao estádio da Ilha do Retiro, em situações que necessitaram da intervenção de policiais para conter os ânimos, pois o comportamento da torcida estava se alterando e as provocações e xingamentos se proliferavam. Em alguns desses momentos, me senti vulnerável e assustada, tamanha a euforia daquele mar vermelho e preto feito de pura adrenalina.

Dentro do estádio, entretanto, o movimento se invertia e essas mesmas torcidas costumeiramente faziam coro ao xingar o juiz. Lembrando o que afirma Toledo (1993), “[...] as torcidas se unem, numa espécie de acordo implícito para apupar tanto as figuras ambíguas do jogo, [...], quanto aquelas que hierarquicamente representam o poder [...]” (TOLEDO, 1993, p. 25), fazendo efervescer o palco do futebol – esporte que Toledo (*idem*) assim define e destaca:

Fenômeno recorrente do imaginário popular acionado verbalmente no discurso cotidiano e que é recriado e reinventado diariamente através de uma linguagem que transcende o tempo e o espaço ritualísticos do momento de cada partida. (TOLEDO, 1993, p. 20)

Toda essa agitação e aparente descontrole é inerente ao cenário de entorno do futebol. Como enuncia Turner (1974, p. 213), “emocionalmente, nada satisfaz tanto como o comportamento extravagante ou ilícito temporariamente permitido”, o que traz à tona as mais diversas nuances da identidade individual e grupal. Bauman (2005) coloca que a ‘identidade’ seria algo como

[...] uma idéia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes [...] parece um grito de guerra usado na luta *defensiva*: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora). (BAUMAN, 2005, p. 82-83)

Na prática futebolística, *pari passu* com a sociabilidade, encontra-se então implícita, a noção de ‘grupamento de pessoas’. Para Simmel (1950), há outros aspectos envolvidos, e “todas essas associações também são caracterizadas, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de serem sociados, e pela satisfação derivada disso.”⁵⁷ (SIMMEL, 1950, p. 43). Para o autor (*idem*, p. 44), a necessidade de se agrupar “extrai o puro processo de sociação como um valor apreciado.”⁵⁸

Entre os torcedores da segunda formação não presenciei brigas nem discussões em meio a contatos corporais e verbais. Eles afirmam ter assumido postura semelhante à da primeira formação, com mesma filosofia, e que a diferença reside apenas em não poder atuar nos estádios enquanto organizados. Os contatos ficam então reduzidos a eles próprios, ao torcer nos jogos, sempre que podem prestigiar, e à participação em encontros organizados nas residências dos componentes – o que tem acontecido muito esporadicamente.

O contato e a interação de torcedores da primeira formação da SPORTMANIA não puderam ser verificados, uma vez não se encontram há anos. Todos são unânimes, porém, em afirmar que nos anos em que fizeram parte da T.O, independentemente de o time estar ganhando ou perdendo, eles enchiam as arquibancadas e provocavam as torcidas adversárias com seus gritos de apoio ao time. Nesse caso, não houve a observação participante da interação entre membros da primeira formação da SPORTMANIA no estádio, e seus relatos são a única forma de acesso à conteúdos que ajudam a entender a identidade do grupo e de cada indivíduo que o compunha.

Enfim, problematizando aqui o conceito de identidade, para Hall (1992):

é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. (HALL, 1992, p. 38)

Compreendo então que a identidade do torcedor da SPORTMANIA seria formada na sociabilização de cada um com o grupo composto pela T.O e estaria vinculada à filosofia e à estrutura desse grupo.

⁵⁷ Tradução para *all these sociations are also characterized, precisely, by a feeling, among their members, of being sociated and by the satisfaction derived from this.*

⁵⁸ Tradução para *extracts the pure process of sociation as a cherished value;*

Neste capítulo, discuti sobre as especificidades do torcer (organizado ou não) no estado de Pernambuco, e fiz uma apresentação do Sport Club. Finalizei com algumas colocações sobre as T.O, explorando aspectos como a formação e a sociabilidade desses agrupamentos de torcedores, dando ênfase à T.O em estudo. No próximo capítulo, concentro as reflexões na T.O SPORTMANIA, seu histórico e as peculiaridades das duas formações.

CAPÍTULO 3 – SEGUNDO TEMPO DO JOGO: “LEÕES” DA SPORTMANIA

O cenário é o estádio Ademar da Costa Carvalho no bairro da Ilha do Retiro. Os protagonistas, um rapaz de 20 e um garoto de 7 anos, idades que tinham quando a SPORTMANIA surgiu. O enredo, a paixão de ambos pelo Sport Club do Recife. Com essas palavras, dei início à *Introdução* deste trabalho e, agora, retomo o texto para explicitar o motivo de tê-las escolhido. Na Figura 9, um momento da atual formação da SPORTMANIA no estádio.

Figura 9 - SPORTMANIA no estádio



Fonte: Arquivo da torcida.

Os protagonistas a que me referi no parágrafo anterior, são responsáveis por liderarem a torcida em pauta, em dois momentos de sua existência. Por serem conhecidos e reconhecidos como líderes da T.O, eu os escolhi para representarem aqui os torcedores organizados do Sport Club do Recife, motivo pelo qual são mencionados mais vezes neste trabalho. Moca foi o primeiro líder, ou seja, o primeiro presidente da primeira formação da SPORTMANIA e um dos seus fundadores nos idos de 1981. Márcio, o atual líder, é presidente da segunda formação da SPORTMANIA e um dos responsáveis por trazer de volta o nome da primeira torcida da qual participou.

Compreendo que o estudo das narrativas desses dois líderes e das pessoas que estão em seu entorno esclarece muitas das questões postas no início desta Dissertação. Aos 7 anos

de idade, Márcio já “fazia parte da Mania, mas não tinha carteirinha porque era menino ainda.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). À época, conheceu Moca e demais integrantes da torcida, frequentava o estádio e já desejava ser um torcedor organizado. Devido à pouca idade, precisou esperar alguns anos para concretizar efetivamente seu desejo. Ele afirma, contudo: “antes de ser organizado, sou Sport, torço pelo Sport.” (*ibidem*).

Moca deixou a “Mania” (nome pelo qual os próprios integrantes costumam se referir à SPORTMANIA) em 1989 e não voltou a participar de nenhuma outra organizada. Márcio, por sua vez, ao deixar a SPORTMANIA, fundou a TORCIDA JOVEM DO SPORT com o amigo Júnior. Após alguns anos, quando a JOVEM passou a ter o elemento empresa associado às suas funções,⁵⁹ os dois resolveram se desassociar e por muito tempo cogitavam voltar a ser torcedores organizados. Foi quando pensaram em trazer de volta aquela que fora a maior T.O do Sport, a SPORTMANIA. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017).

Mas, afinal, o que faz com que um grupo de torcedores queira reeditar o nome de uma torcida já extinta? A resposta me é dada por Márcio (2017):

Foi a vontade de fazer com que a torcida tivesse o nome de volta dentro do estádio... um nome bem forte, SPORTMANIA... um nome bem atrativo em relação a tudo, tanto ao clube quanto uma coisa que é mania da gente vir a jogo, gostar do Sport. Foi esse o motivo de voltar com a Mania. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

Seria como uma volta às origens, à primeira T.O da qual ele participou. Nesse sentido, desde que descobri a volta da torcida, por ocasião da pesquisa exploratória, considereirei que valia a pena estudar esse fenômeno, pois ficava questionando se o que voltou foi apenas o nome ou mais que isso: toda a “filosofia” (como mencionado por vários interlocutores) que embalou aquele grupo que no ano de 1981 pensou dar início à torcida.

Os torcedores da primeira formação da SPORTMANIA eram, segundo Moca, “um grupo de amigos loucos pelo Sport, que queria ir pro estádio torcer pelo time, se divertir, brincar juntos.” Não havia hierarquia, todos eram iguais, porém alguns cargos (presidente, vice-presidente, secretário, diretor de materiais) foram criados muitos anos após a criação da T.O por reivindicação de alguns integrantes. O presidente (escolhido pelo grupo, era uma referência, mas não havia regalias de qualquer ordem) transportava os materiais da torcida em seu carro, recortava papel para soltar na hora do jogo, enquanto as/os demais integrantes

⁵⁹ Ter o elemento empresa associado às suas funções significa que “Os recursos financeiros são obtidos através de venda de produtos das próprias torcidas e de torcidas aliadas, como camisas, bonés, agasalhos, canecas, chaveiros, canetas, entre outros, comercializados nas lojas das sedes, lojas virtuais, centro comerciais da cidade, e nos estádios em dias de jogos.” (SOUZA, 2012, p. 33)

realizavam os preparativos para a festa no estádio. As decisões eram tomadas com a participação de todos e todas. Como afirma César (2017), aquela era “uma torcida de amigos apaixonados pelo SPORT, apenas isto.” (CÉSAR, entrevista via e-mail, 2017).

Por sua vez, os torcedores da segunda formação da SPORTMANIA, se definem como amigos apaixonados pelo Sport, que gostam de fazer parte de T.O. A hierarquia está presente e aparece na própria fala de seu atual presidente, o qual não pretende “abrir eleição para nova presidência.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Ou seja, ele pretende se manter no cargo. A hierarquia se apresenta como um dos diferenciais entre as duas formações.

Por ocasião da volta da T.O, alguns membros da primeira formação da torcida, entendendo que a filosofia da mesma estava sendo “desvirtuada” com a venda de camisetas e outras ações que desaprovavam, precisaram ir às redes sociais registrar seu posicionamento. “[...] Então, explicamos em redes sociais para que nosso nome não ficasse associado àquele grupo.” (ARIANE, relato via e-mail, 2018). Verifica-se que, mesmo não fazendo mais parte da T.O, seus antigos membros zelam pelo nome e pela reputação da torcida, que como eles costumam mencionar “sempre fora elogiada e respeitada pelo seu comportamento.”

Na primeira formação, surgiu a “Ala das Mulheres” comandada por Ariane, que “exercia uma liderança natural sobre todos os membros da torcida.” (CÉSAR, entrevista via e-mail, 2017). Como me informou César (*idem*), “surgiu a ala feminina, a primeira de Pernambuco, por iniciativa de Ariane.”

As diferenças mais claras entre as duas formações parecem ser resultantes, principalmente, do momento político em torno do Sport Club, como afirmam, unanimemente, os interlocutores. Em sua primeira formação, a torcida dispunha de uma sala nas dependências do clube e participava das reuniões da diretoria. Ademais, chegou a contar com a colaboração de patrocinadores do Sport para confeccionar o material utilizado nos jogos e poder incentivar o time. Hoje, a nova formação da torcida não tem mais direito aos ingressos destinados às T.O, não participa (e nunca chegou a participar) das reuniões da diretoria do clube, nem recebe qualquer apoio deste, segundo me foi relatado por seus membros. Essa situação não é experimentada apenas pela SPORTMANIA, mas também pelas demais T.O do Sport Club, que se encontram impossibilitadas de atuar amplamente nos estádios. As razões serão discutidas mais adiante.

E a categoria “leões”? A mascote do time foi mencionada em vários momentos da pesquisa (é uma categoria nativa), e a mim pareceu ser algo internalizado, razão pela qual aparece no título desta Dissertação. Alguns torcedores do Sport se dizem “leões” ou dizem identificar-se com o animal escolhido como mascote do time, e até se referem aos demais

amigos torcedores rubro-negros como “leões”. Eles mencionam que “o leão é forte como o torcedor do Sport.” (BEBETO, relato verbal presencial, 2016)

A escolha do leão como mascote do Sport Club do Recife aconteceu como segue. No dia 3 de abril de 1919, no Pará, o Sport venceu o combinado Remo-Paysandu por 2 a 1, recebendo um troféu de bronze francês, o *Leão do Norte*,⁶⁰ no qual se encontrava estampado um imponente leão. A torcida adversária, decepcionada e enraivecida, invadiu o navio onde os dirigentes rubro-negros guardavam o troféu e destruíram a cauda do leão. Daí, a inspiração para se criar um novo brasão para o Sport, colocando um leão como símbolo central.

Após alguns meses em campo, procurei verificar que valores estariam agregados ao torcer por um time que tem um leão como mascote. Inicialmente, a investigação se estendeu a todos os torcedores (organizados ou não) que, à época, participavam da pesquisa, e posteriormente, se limitou aos integrantes da SPORTMANIA. Entendo que essa reflexão recai sobre o conceito de totemismo. Segundo Lévi-Strauss (1986, p. 23), “o mundo animal e o mundo vegetal não são utilizados apenas porque existem, mas porque propõem ao homem um método de pensamento.” O autor (*ibidem*) acrescenta ainda que “a formação de um sistema, no plano social, é a condição necessária do totemismo.” E o que seria totemismo então? Como nos informa, o próprio Lévi-Strauss (1986),

O totemismo é, antes de tudo, a projeção fora do nosso universo, e como que por exorcismo, das atitudes mentais incompatíveis com a exigência de uma descontinuidade entre o homem e a natureza, que o pensamento cristão considerava essencial” (LÉVI-STRAUSS, 1986, p.13).

Seguindo esse raciocínio, pode-se inferir que o torcedor rubro-negro pernambucano ao se identificar com um leão está projetando no seu exterior, ou seja, exorcizando, características como bravura e força. Ele assim o faz apoiado em um símbolo que reúne tudo o que experimenta enquanto torcedor. O leão, na qualidade de totem, funcionaria tanto como um elemento de identidade do grupo de torcedores, quanto como um talismã – seguindo os preceitos levistraussianos mencionados anteriormente.

Ainda dentro do raciocínio totêmico, em consonância com o que foi verificado em campo, o rei do mundo animal (ícone de nobreza) inspira os torcedores rubro-negros pernambucanos a se sentirem reis, pois eles verbalizaram incontáveis vezes que torcem por “um time superior” aos demais times do estado – um time que “é sinal de resistência no

⁶⁰ O Troféu Leão do Norte de 1919 foi uma competição de futebol realizada entre três times dos estados de Pernambuco e do Pará (Sport, Remo e Paysandu). O Sport Club do Recife saiu vencedor da partida, que valia o troféu, disputada na cidade de Belém do Pará.

Nordeste, que já brigou com times do Sul.” A própria razão da escolha da mascote, a partir do *Troféu Leão do Norte*, também inspira o torcedor a se apropriar de tais características, qual *vishnu*⁶¹ a desfilar pelos estádios brasileiros (para não dizer do planeta) com a postura que lhe é própria, conhecida por todos, e que, por vezes, o faz ser enxergado como um torcedor chato (como visto anteriormente, eles próprios assumem essa característica como verdadeira).

Por fim, a imponência que inspira respeito aparece até na forma como a camisa do time é estendida no varal – nunca de ponta cabeça –, conforme registrado e mencionado anteriormente.

3.1 O PERTENCIMENTO E SUAS MOTIVAÇÕES – SIGNIFICADOS DO TORCER ORGANIZADO

Uma das primeiras frases que ouvi de um dos membros da T.O SPORTMANIA (citação que abre o presente trabalho) foi: “Eu não sou rubro-negro, eu sou torcedor do Sport Club do Recife.” (MOCA, relato verbal presencial, 2016). Com isso ele mostrava que ‘rubro-negros’ podem ser outros torcedores, inclusive os do Flamengo do Rio de Janeiro, e até por isso mesmo, ele fazia questão de registrar a exclusividade do seu torcer.

É nesses termos que tentarei apresentar significados e formas de torcer pelo Sport Club, de pertencer à SPORTMANIA, segundo o ponto de vista de torcedores/torcedoras rubro-negros/as estudados/estudadas. Menciono que ‘tentarei’ por lembrar da afirmação de um dos interlocutores quanto à minha condição de pesquisadora e tricolor: “Você não vivencia, fica difícil de você entender.” Ainda outros (que também manterei no anonimato) afirmaram que “não dá pra explicar. É uma coisa que se sente. Mais forte que qualquer coisa.”

Assim sendo, aponto os relatos desses torcedores e dessas torcedoras, cujos testemunhos evidenciam o que ensejo apresentar. Afinal, eles e elas, melhor do que eu, podem nos falar sobre esse pertencimento e suas motivações.

Segundo a grande maioria dos interlocutores da torcida em questão e de alguns não organizados, “torcer pelo Sport é como um casamento, você briga, xinga, mas depois tá amando de novo e já esqueceu porque brigou.” (CLÉCIO, relato verbal presencial, 2017). Para muitos outros, e para a quase totalidade deles, “é como uma religião.” Pareceu-me na ocasião dos relatos, que eles e elas percebiam a religiosidade no seu sentido mais sagrado, e não profano.

⁶¹ “No textos purânicos do Hinduísmo, Narasimha (‘homem-leão), a encarnação ou (avatar) de Vishnu, metade leão, metade homem, é adorado por seus devotos e salvou o devoto filho Prahlada de seu pai, o malévolo rei demônio Hiranyakasipu; Vishnu assume a forma metade leão/metade humana. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%A3o>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

Em uma das conversas que tive com Márcio da SPORTMANIA, na Ilha do Retiro, ele tentava explicar sua relação atual com o Sport, num misto de desejo e frustração. Para ele, é difícil conviver com a atual realidade imposta às torcidas e ter que esperar que as coisas mudem para poder fazer com que a organizada ocupe o merecido espaço nas arquibancadas. Ele dá o seguinte depoimento:

É uma pena muito grande, a gente fica revoltado, mas ...é a verdade...a situação que a gente passa hoje não tá fácil. Quatro jogos este mês na Ilha do Retiro, 180 reais vai ter que tirar do bolso só pra assistir os jogos. Ingresso a 40 reais e, às vezes, o Sport bota a 60 reais a frontal. É complicado, não adianta eu tá insistindo numa coisa que eu sei que não vou ter nenhum retorno. Se não vou ter retorno, não adianta continuar. Vamo cada um ficar em *standby*, pronto. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

Ainda refletindo sobre pertencimento e motivações para o torcer, em um dos primeiros contatos que tive com membros da primeira formação da SPORTMANIA no ano de 2016, encontrei-me com Ariane. Em um dos bares localizados nas dependências do Sport, ela me relata que seu filho nasceu na mesma época da final do campeonato de 1987. Seu testemunho é repleto de emoção e denota o desejo de assistir a um jogo, mesmo estando à espera de seu primeiro filho e com restrições médicas para ir ao estádio. Num dia de domingo, a interlocutora insistiu em ir para a Ilha, aos sete meses e meio de gravidez. O médico a acompanhou, pois havia preocupação quanto à sua saúde. Ela afirma: “Eu não podia perder o jogo... o médico veio comigo.” (ARIANE, relato verbal presencial, 2016). Quinze dias após o episódio, nasce seu filho, faltando uma semana para completar os 8 meses de gestação. (*ibidem*). O episódio ratifica a minha afirmação de que o time é colocado em primeiro lugar na vida dos torcedores do rubro-negro pernambucano.

Em 2017, desta feita em uma conversa no restaurante Varandas (na sede do Sport), Ariane relembra a final do Campeonato Pernambucano de 2006, dia 9 de abril, quando o jogo foi decidido nos pênaltis depois de o Sport perder por 1 a 0 para o Santa Cruz no tempo regulamentar. Ela conta que chorava muito e que não quis ver os pênaltis. Saiu do estádio e encontrou uma mulher nas dependências do clube, e esta desconhecida a abraçou dizendo que o Sport seria campeão. Ariane dirigiu-se até a capelinha de Nossa Senhora de Fátima, que se localiza no pátio do clube, onde um rapaz humilde orava e pedia que o Sport ganhasse. Após catorze cobranças de pênaltis, o Sport venceu, e Ariane só conseguiu ouvir os gritos de campeão, enquanto um rapaz bem vestido jogou-se sobre aquele que estava rezando, e os dois se abraçaram. “O playboy abraçou-se com o pobrezinho. Isso, eu acho fantástico no futebol.” (ARIANE, relato verbal presencial, 2016). Essa passagem corrobora os resultados do trabalho

acadêmico de Freitas (2005), em que ele constata que “o futebol pernambucano é, na concepção dos atores sociais, um elemento *democratizante* de *união* entre distintas classes.” (FREITAS, 2005, p. 331). Apesar dessa afirmação, acredito que essa não seja uma verdade única e que as opiniões possam divergir do resultado encontrado por Freitas (*idem*). Porém, os argumentos que possuo para fazer essa colocação são resultantes de minha vivência com o futebol e escapam às experiências que tive durante esta pesquisa.

Atualmente, por questões de saúde, Ariane (2016) assiste aos jogos nas cadeiras e não mais nas arquibancadas, como sempre costumou fazer. E reconhece: “Lá [nas cadeiras do estádio] as pessoas não trocam ideias. É diferente. É muito chato... não tem pobre.” (ARIANE, relato verbal presencial, 2016). Como já mencionado neste trabalho, as cadeiras são os espaços mais bem localizados no estádio, cujo valor do ingresso é mais caro e proporcionam mais conforto. Torcedores e torcedoras que se posicionam nesses espaços têm um perfil realmente diferente dos que se situam nas arquibancadas e são mais comedidos/as em suas formas de torcer. É um público mais reservado e de maior poder aquisitivo.

Como exemplo de pertencimento, em um determinado momento da pesquisa, antes da partida contra o Fluminense, válida pela 18ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série A, na Ilha, conversei com Júnior, atual integrante da T.O SPORTMANIA. Ele me explica que perdeu o emprego por ter se ausentado do escritório para pintar as estrelas⁶² localizadas por trás das traves do gol no estádio da Ilha do Retiro. Para ele, o mais importante era dar aquela colaboração para o clube, e entre o trabalho e o Sport, ele preferiu o trabalho e escolheu o Sport (característica rubro-negra, como já frisei anteriormente).

Conseguimos tinta pra pintar as estrelas. Só a mão de obra que foi nossa mesmo. Perdi emprego porque eu faltei 4 dias seguidos pra poder pintar...vou dizer até onde eu trabalhava... trabalhava na Honda, perdi o emprego porque passei 4 dias pintando, peguei insolação nas costas. No dia da inauguração, que foi jogo contra a LDU, à noite, assisti ao jogo sem camisa, só sentado, não podia nem fechar o braço. Então, é muito sacrifício feito, pra nem ser reconhecido por ninguém. Também, não precisa ser reconhecido mas... respeitar quem sempre fez alguma coisa. E ainda hoje faz. (JÚNIOR, relato verbal presencial, 2017).

Nesse torcer pelo Sport, aparecem ainda relatos de memórias de viagens que os torcedores consideram “engraçadas”, “divertidas”. Por exemplo, Moca (2017) relembra uma viagem de ônibus que a torcida fez até o Peru. No ano de 1988, o Sport foi jogar a Libertadores da América, enfrentando dois times daquele país. A SPORTMANIA se preparou para uma viagem até a cidade de Lima, mas não conseguiu chegar lá.

⁶² Cada estrela representa um título de campeão do time.

Na ida, nós paramos numa região de conflito entre Acre e Rondônia... e havia um destacamento do governo brasileiro para evitar os conflitos na região. O sargento ficou desesperado e feliz da vida porque era torcedor fanático do Sport [...] e fizeram um jogo entre o time do ônibus, que nem era time, e o time do quartel. Esse sargento apitou e roubou tanto, que o time do ônibus ganhou. Essa é uma das histórias divertidas daquela época. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017)

Moca (2016) relata também que o jogo entre “o time do ônibus” e “o time do quartel” foi um verdadeiro campeonato, com direito a um almoço para os torcedores do Sport e gritos de “*Cazá, Cazá*”. Por coincidência, na volta, o ônibus quebrou nesse mesmo local: “48 malucos dentro do ônibus, mato de todos os lados, e o ônibus quebrou a embreagem em Nova Califórnia.” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017). Por se tratar de uma região perigosa com tráfico de armas, “terra de ninguém”, o sargento colocou o destacamento do quartel para vigiar e proteger os torcedores e o ônibus, até que este fosse consertado. Enquanto isso, “mataram um tatu pra comer, tomando cachaça.” (*ibidem*).

Segundo este interlocutor, que se reconhece como possuidor de uma memória privilegiada, “é preciso conhecer essas histórias pra saber o que é verdade e o que não é.” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017). Em um momento de nossa conversa em sua residência, estávamos trocando ideias sobre os times de futebol do Recife e, lembrando ele que sou torcedora do Santa Cruz, uma história do meu time veio à baila.

Tem um amigo meu que costuma dizer que eles [os torcedores do Santa Cruz] dizem que a torcida deles é mais bonita que a do Barcelona. Ele diz que a torcida fala da construção do clube, de tudo que fizeram para construir o muro... tudo balela. José Lins do Rêgo Maciel, governador biônico do Estado de Pernambuco, construiu o Mundão do Arruda em 72. Ao invés de construir o do Sport. As histórias que eles contam não são nada daquilo. (MOCA, relato verbal presencial, 2016). [Nesse momento, a história é corroborada por outros torcedores presentes à roda de conversa]

Logo em seguida à fala deste interlocutor, todos os presentes iniciaram um fervoroso debate, narrando histórias dos times pernambucanos. O chamado compartilhamento de informações pelos diversos atores sociais acerca do contexto futebolístico é mencionado por Gastaldo (2010) e colocado como pré-condição para o estabelecimento de uma relação jocosa futebolística. Para este autor, na prática da sociabilidade, “os eventos ocorridos nos últimos jogos, a posição de cada clube na tabela e assim por diante, são elementos fundamentais.” (GASTALDO, 2010, p. 318). Lembrando o que já foi mencionado na *Introdução* desta Dissertação, a sociabilidade é aqui entendida, a partir dos postulados de Simmel (1950), como

play form of sociation, ou seja, como uma forma divertida de participação – neste caso, entende-se ‘participação’ como ‘associação’ ou, ainda, ‘envolvimento’ social.

No caso da citação em que Moca (2016) narra “tem um amigo meu que costuma dizer que eles [os torcedores do Santa Cruz] dizem que a torcida deles é mais bonita que a do Barcelona”, (MOCA, relato verbal presencial, 2016, retirada do Diário do Campo), a interação ocorreu entre torcidas adversárias. Mesmo sendo pesquisadora em campo, não deixei de ser vista como uma tricolor, as provocações apareciam esporadicamente sem maiores consequências. Isso aconteceu com mais frequência em contato com a primeira formação do que com a segunda. Esta última, porém, antes de cada jogo que presenciei na Ilha, costumava pedir que eu torcesse pelo Sport, não ficava bem definido se o pedido era sincero ou uma provocação.

Esse contexto (no qual decidi empregar algumas vezes o léxico do teatro – cenário, protagonista, espetáculo, por exemplo – como pano de fundo para dissertar sobre meu trabalho de campo) possibilita trazer para a discussão alguns apontamentos e conceitos de Goffman (1999), uma vez que o autor utiliza a linguagem teatral para trabalhar conceitos das Ciências Sociais. A possibilidade de fazer essa discussão advém da impressão de que, no jogo das relações existentes no campo de pesquisa (e na vida, enfim), os indivíduos são atores, estão desempenhando papéis e estes são regulados por uma intenção. Na interlocução, há uma impressão que se deseja transmitir, uma intenção de convencer, e segundo Goffman (1999) um ator pode até cuidar de “(...) dissimular ou desprezar as atividades, fatos e motivos incompatíveis com a versão idealizada de sua pessoa e de suas realizações.” (GOFFMAN, 1999, p. 51). E, ainda, como parte do processo de interação, os interlocutores corroboram com as proposições do narrador. Para Goffman (*ibidem*), o ator pode ser de três tipos: convencido de que sua encenação é real; inteiramente engajado em sua atuação; ou, um ator cínico.

Talvez, não seja possível identificar os tipos de atores que interagem em meu campo de pesquisa, porém, o que interessa, antropologicamente falando, é que em meio a essas histórias, se pode perceber um pouco do que pensa o torcedor rubro-negro sobre o seu pertencimento, até mesmo, ao mencionar seus adversários. Ou seja, as brincadeiras e ironias demonstram que os torcedores rubro-negros se percebem como superiores aos demais torcedores. Haja vista um encontro na casa de Moca, quando estávamos reunidas cerca de oito pessoas e o anfitrião lembrou dois episódios em que provocou o time adversário antes de jogos que aconteceram na Ilha na década de 1980.

Em um jogo do Sport contra o Santa Cruz, Moca e mais alguns organizados amarraram uma camisa do time tricolor em uma galinha de granja e jogaram-na no campo

pouco antes do jogo começar. Em outro episódio, desta feita, com o Sport jogando contra o Náutico, eles chutaram um timbu para o meio do campo com o jogo rolando. Ambas as situações tinham o claro intuito de provocar os adversários. Como nos indica Gastaldo (2010, p. 321), “o universo do futebol na sociedade brasileira tem como parte inextricável de sua apropriação cotidiana – e como boa parte de seu sucesso – a presença de relações jocosas futebolísticas.”

Numa roda de conversa nas dependências do clube, Bruno (2017) ratifica uma afirmação de Júnior sobre pertencer ou ser Sport: “é um sentimento que não tem explicação... não dá pra explicar... Sport é Sport.” (BRUNO, relato verbal presencial, 2017). Clécio (2017), após a fala de Bruno, começa a sorrir e me conta sobre uma criança cujo pai dizia:

Você só vai saber por qual time vai torcer, quando for nos três estádios... levou o menino no Arruda, depois levou nos Aflitos, e quando foi na Ilha e ouviu o *Cazá*, *Cazá*, o menino gritou “eu quero ser Sport, eu quero ser Sport”... [começam todos a sorrir e só momentos depois me explicam que esse tal menino era o próprio Bruno. E as brincadeiras continuaram] (CLÉCIO, relato verbal presencial, 2017)

No caso de Bruno, Márcio e alguns outros integrantes da torcida, percebo que o pertencimento ao clube se mantém e só o pertencimento a uma T.O variou de objeto ao longo dos anos. Ao sair de uma torcida e entrar em outra, eles buscam poder vivenciar seu amor pelo Sport ao lado de pessoas que tenham o mesmo pensamento em comum. Mudou o pensamento, mudam de torcida. Parece que pertencer ao time apenas não é suficiente, sendo necessárias outras formas de pertencimento. No entanto, apesar de entender que a identificação desses organizados da SPORTMANIA com o time, com o Sport Club, continua e está acima da identificação com a T.O, observo que não é com a camisa do time que os organizados saem às ruas e frequentam os estádios. Eles se vestem como membros da T.O, mas discursam que é por causa do Sport que estão ali. A Figura 8, resultante dos estudos realizados por Pimenta (1997), mostra que a identificação com a T.O supera a identificação com o clube, mas isso parece não ter se confirmado nesta pesquisa que desenvolvi com os rubro-negros da SPORTMANIA.

Neste tópico, apoiei minha análise nos escritos de autores como Goffman (1999) e Simmel (1950) para pensar o pertencimento e suas motivações, o conceito de identidade e a interação entre os torcedores organizados. Os subtópicos a seguir trazem detalhes das duas formações da SPORTMANIA, com dados históricos sobre formação, extinção e retorno da torcida, complementando os dados trazidos até este ponto.

3.1.1. Primeira formação da SPORTMANIA

Neste tópico, apresentarei as observações e interlocuções dos primeiros membros da T.O SPORTMANIA, cujo surgimento teve início quando dois amigos, Moca e Adriano desejosos de “criar uma torcida organizada” procuravam um nome para ela. Eles não queriam “copiar nada de fora, do sul do país”, como afirma Moca (2017) queriam algo que fosse deles. Começaram então a pesquisar palavras e expressões que pudessem ser usadas para dar nome à torcida tão desejada.

Determinado dia, Adriano pegou um papel e ficou em casa escrevendo nomes de torcida até a madrugada. Às três da manhã, a avó de Adriano entra no quarto e fala pra ele: “vá dormir, Adriano, pare com essa mania de Sport.” Aí, já viu né? Mania de Sport, SPORTMANIA, e a torcida estava batizada. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017)

Era setembro de 1981 quando a torcida foi “batizada” e a ideia foi difundida entre um grupo de jovens amigos que queriam se reunir para torcer juntos pelo time. Em 1982, a torcida foi fundada oficialmente e iniciou um processo de crescimento a partir da adesão de novos torcedores. César relembra que havia um bar na rua das Creoulas⁶³, bairro das Graças, que era o ponto de encontro desses amigos rubro-negros. Lá aconteciam as reuniões da SPORTMANIA e “no final se tomava aquela cerveja.” (CÉSAR, entrevista via e-mail, 2017)

Em busca de registros escritos, fotos e demais materiais que documentassem a atuação da T.O SPORTMANIA, além dos que me foram fornecidos por seus membros, encontrei fotos da torcida na internet. Não encontrei nenhum material impresso e os interlocutores desconhecem a existência de reportagens escritas sobre esta torcida. Nada foi encontrado na crítica desportiva, na literatura, nem história da cidade, por exemplo. No entanto, me foi informado que todo material de que têm conhecimento são reportagens feitas pela Rede Globo, décadas atrás por ocasião do Campeonato Brasileiro de 1987 e em 2008 no retorno da torcida.

Durante cerca de 10 anos (a extinção se deu no ano de 1992), a T.O esteve em atividade e chegou a possuir uma sala dentro da sede do Sport Club (local em que, atualmente, funciona a Delegacia do Torcedor), onde os componentes preparavam o material a ser utilizado nos jogos de futebol, faziam reuniões, pintavam gratuitamente as camisas dos torcedores que quisessem se associar, etc.

⁶³ O bar frequentado pela T.O, cujo nome os interlocutores não recordam, pertencia ao proprietário do Macunaíma, restaurante que se encontra em atividade no número 268 do referido logradouro.

Tínhamos uma sala no estádio, mas na maioria das vezes fazíamos reuniões em bares/restaurantes. A sala era de obrigação de todos, limpar, e manter organizado. Os que moravam mais perto da Ilha do Retiro normalmente tinham a chave para dar uma revisada no material, colocar no sol, por conta de ratos, baratas, traças. Quando chovia e o material ficava molhado, era dividido de acordo com a disponibilidade de todos e em algumas situações, esses que moravam mais perto vinham para abrir esse material no sol para secar. (ARIANE, relato via e-mail, 2018)

Independentemente da reiterada atuação da T.O e do reconhecimento que tinha por parte de dirigentes e da mídia local, nunca foi registrada, oficialmente, a existência da SPORTMANIA, ou seja, o nome não está vinculado a nenhum membro. Uma característica da T.O, que se faz bastante presente nas interlocuções, é que ela fora criada por pessoas apaixonadas pelo Sport com a intenção de apoiar o time. Os fundadores não imaginavam a abrangência que a torcida teria com o passar do tempo.

A questão de a torcida possuir uma sala na sede do time e se relacionar com os dirigentes não era privilégio apenas desta T.O, as maiores torcidas da época também viviam situação idêntica como se pode verificar no relato a seguir. Até onde estes interlocutores têm conhecimento, os organizados não adentram os vestiários atualmente, até por conta da situação já mencionada ao longo do trabalho. Porém, esta prática também não era verificada no passado. Na seguinte interlocução, podemos perceber alguns detalhes desse relacionamento diretoria-torcida.

Mesmo na nossa época já existia relação com a diretoria, visto que todas [as T.O] tinham sala dentro do estádio, ganhávamos ingressos para a charanga e eventualmente coordenávamos ônibus em caravanas para jogos no interior que eram pagos pelo Sport. A T.O NAÇÃO RUBRO-NEGRA ganhava muitos ingressos. (ARIANE, relato via e-mail, 2018).

Quando a torcida “começou a criar vulto” (MOCA, relato verbal presencial, 2016), mais precisamente no ano de 1984, chegou a ser feito um estatuto (após pressão de alguns integrantes, que chegaram inclusive, a ser expulsos, posteriormente) para regular o funcionamento interno. A partir desse movimento, Moca foi escolhido como presidente para um mandato de dois anos. Ele deixou a torcida em 1989. Segundo seu relato e de outros interlocutores, “com o aumento da torcida, aumentaram também as exigências internas, para criar um estatuto, etc., demandas vindas de pessoas que queriam aparecer, se destacar.” (MOCA, relato verbal presencial, 2016). A criação do estatuto foi uma decisão tomada muito mais para proteger a torcida de “pessoas sem escrúpulos que queriam usar o nome da SPORTMANIA pra coisas que não eram a sua proposta.” (*ibidem*). Não se entendia como

necessário formalizar as atividades, “gerando CNPJ, ou fazendo um registro do nome da torcida, por exemplo.” (*ibidem*). Para se ingressar, bastava procurar aqueles que já integravam a torcida e começar a se engajar nas suas atividades. Com isso foram chegando pessoas que tinham filosofia diferente da que já estava instalada na SPORTMANIA. A filosofia da T.O foi assim definida por uma interlocutora:

Torcer, ajudar o Sport e sempre andar de mãos dadas com ele, sem ganhar nada com isso. Só recebíamos os ingressos para a entrada dos músicos da charanga porque eles eram muito pobres e isso ajudaria o Sport a fazer festas bonitas no estádio, que era uma das formas de estar junto incentivando o clube. (ARIANE, relato via e-mail, 2018).

Neste e em diversos outros relatos, está presente a preocupação dos integrantes em não obter lucro com o nome da torcida e de apoiar o time sempre. Percebe-se, contudo, que com as reivindicações de alguns integrantes daquela formação inicial, as mudanças foram ocorrendo e parece ter se iniciado aí um processo de diluição que gerou a extinção da SPORTMANIA.

Segundo me foi relatado, a T.O tinha um bom relacionamento com outras torcidas e com a diretoria, chegando a estar presente às reuniões com os dirigentes e patrocinadores do Sport também, recebendo apoio financeiro destes para movimentar as ações da torcida no estádio. O depoimento a seguir ratifica o que está posto no parágrafo anterior.

Nunca tivemos problemas de adversidade com outras torcidas não, até tínhamos e temos até hoje, amigos no meio das torcidas do Santa Cruz. Na mídia, tínhamos livre acesso porque quem ia era eu, Ariane, Eduardo, pessoas de nível, sabíamos nos comportar. Na época, só havia SPORTMANIA, FALCÕES (estudantes do Marista São Luiz, com quem eu estudei) e NAÇÃO RUBRO-NEGRA. Com esta, existia uma tanto de animosidade, por ela querer ser a maior... as bandeiras dela pareciam mais banners de empresa de tanta publicidade que colocavam lá. As nossas bandeiras não eram assim. E eles eram mais antigos e queriam colocar as faixas no nosso lugar. Aí a gente dizia: “Opa! Aqui não.” Entendeu? Tínhamos que ser firmes, mas nunca aconteceu de trocar tapa, não. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017).

Houve um momento na história da torcida em que a empresa pernambucana Cimento Nassau (uma das doze empresas que compõem o Grupo João Santos, radicada em Recife e patrocinadora do clube) enviou o equivalente a R\$ 1.500,00 para a torcida comprar material e assim poder apoiar o time que estava na iminência do rebaixamento – de acordo com o primeiro presidente da T.O, todas as notas fiscais eram guardadas e a prestação de contas era feita periodicamente.

Este é mais um exemplo de relacionamentos de cumplicidade que existem pelo Brasil afora entre torcidas e diretorias de clubes. Vale citar, neste ponto da reflexão, a T.O INDEPENDENTE do São Paulo Futebol Clube, que se reuniu no final do ano de 2017 com o presidente Carlos Augusto de Barros e Silva (conhecido por Leco) e com o diretor executivo de futebol, Vinícius Pinotti. A reunião teve o objetivo de discutir o planejamento do São Paulo para 2018 e contou com a presença de dez torcedores que representaram a T.O na ocasião. Em 2015, o presidente do Flamengo, Eduardo Bandeira de Mello, conversou com integrantes da RAÇA RUBRO NEGRA para pedir que esta apoiasse o time nos jogos em que ele necessitava da vitória e enfrentava um momento difícil no campeonato.

O site *globo.com*⁶⁴ veiculou no ano de 2015 a seguinte notícia:

No Rio, os quatro grandes têm relações distintas com as organizadas. Embora todos afirmem não fornecer ingressos, há casos de maior proximidade. Recentemente, Flamengo e Botafogo, por exemplo, abriram suas dependências para estas torcidas. Em reunião fechada, a cúpula alvinegra pediu apoio irrestrito para o elenco que tentará voltar à Série A. Já na Gávea, o clube promoveu um torneio de futebol entre membros de organizadas, com o intuito oficial de agregar os diferentes grupos. (GLOBO.COM, 2015).

No presente trabalho, vem sendo observado que os relacionamentos de boa convivência entre torcida e dirigentes costumam pressupor ou evidenciar trocas de favores, apoio político e cumplicidades, o que nem sempre se dá de forma explícita. No caso da torcida em pauta, a partir do seguinte relato, verifica-se como se dava a concessão de ingressos e de apoio financeiro.

Havia [apoio financeiro da diretoria para ao T.O], mas depois da gestão de Martorelli tudo foi retirado. Recebiam ingressos para jogos que muitas vezes eram acima da capacidade da torcida e portanto, comercializados, tipo, a torcida tinha 10 membros e recebia 20 ingressos, aí vendia a diferença. (ARIANE, relato via e-mail, 2018)

Colocando à parte o relacionamento da T.O com a diretoria, entendo que o modo de funcionamento dessa primeira formação da SPORTMANIA se assemelha à *communitas* (TURNER, 1974, p. 137), ou seja, a uma “sociedade aberta” como organismo em contínuo movimento, como um processo, uma entidade não estática, diferentemente do que foi constatado na segunda formação. Esta, pelo menos para o momento, tem uma organização mais fechada, em nada se assemelhando à *communitas*.

⁶⁴ Notícia veiculada no site *globo.com*. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/promotor-reclama-de-cumplicidade-de-clubes-com-torcidas-financiam-acobertam-15303176.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

Apesar de as reuniões da primeira formação da torcida acontecerem também nos bares⁶⁵ onde seus integrantes se juntavam para conversar, beber, etc., sua sede funcionava nas dependências do clube na Ilha do Retiro. Além disso, a torcida realizou muitas viagens na década de 1980, uma das quais citada na seção 3.1, e contava com o apoio da diretoria para prestigiar o time em jogos fora do país.

Deduz-se então, que a torcida, enquanto *communitas*, tinha o poder de colocar-se acima da estrutura, e dessa forma, pertencer à *communitas* permitia que se experimentasse uma sensação de poder e de superioridade. Isso possibilita entender o volume da expressividade e a pressão exercida por uma T.O a partir da união de seus membros. Parafraseando Turner, os indivíduos aí envolvidos podem perceber a vida social enquanto processo dialético, com experiências do alto e do baixo, de igualdade e de desigualdade, em que os opostos se relacionam. (TURNER, 1974, p. 120)

O relacionamento da primeira formação da torcida com a direção do clube, como já mencionado anteriormente, era bastante amistoso. Prova disso, foi a festa de aniversário de seis anos de existência da T.O, nas dependências do clube, quando os diretores se fizeram presentes e reconheceram a importância das ações da SPORTMANIA para o Sport Club do Recife. As portas da sede foram abertas aos torcedores e aconteceram premiações e discursos de agradecimento. Episódios como este nos ajudam a compreender o processo implícito de troca que permeava essa relação diretoria-torcida, em que as ações de uma eram reconhecidas (para não dizer recompensadas) pela outra e vice-versa.

Assim, o relacionamento diretoria-torcida não era constituído de ações gratuitas nem aleatórias. Pelo contrário, havia uma motivação ao reconhecimento da dádiva – termo introduzido por Mauss (1974) e expresso como alicerce de sociabilidade. Para este autor, as relações se baseiam em um dar e receber constante, numa troca infundável, pois não se concebe a dádiva sem que esteja implícita a ideia de retribuição. Assim, pode-se fazer uma análise, compreendendo que as atividades da organizada apoiavam o clube, a diretoria, o time também e, da mesma forma, algumas ações da diretoria serviam de apoio para as atividades da torcida. De acordo com as interlocuções, era “tudo pelo Sport”, sem que se visassem vantagens pessoais.

Com referência à Copa do Brasil, Ariane (2018) menciona a importância que a T.O teve para o clube e para o time:

⁶⁵ Um dos bares mais frequentados pela torcida em análise se situava na Rua das Creoulas, bairro das Graças, centro do Recife. Era o ponto de encontro desses amigos rubro-negros e de outros torcedores do Sport. Não foi possível obter o nome do bar, pois os interlocutores já não se recordam do nome.

Tenho a teoria de que aquele campeonato foi mágico, pois a torcida fez um papel que nunca tinha feito antes, desde as rodadas iniciais, a maior parte da torcida acreditou numa vitória e se jogou nessa jornada junto com o time. Desde a rodada com o Palmeiras que já estavam na frente de hotéis soltando fogos, tinha eventos em treinos antes dos jogos, vídeos motivacionais feitos por torcedores e que foram exibidos pelo treinador, tudo se encaixava perfeitamente, e tínhamos um time limitado tecnicamente. Na minha leitura, quem ganhou a Copa do Brasil de 2008 foi a torcida, que inclusive, consolidou a imagem da Ilha do Retiro como um lugar difícil de se jogar, por conta da torcida. (ARIANE, relato via e-mail, 2018)

A interlocutora faz uma interessante análise de como a torcida era percebida por pessoas externas a ela, que entendo ser necessário problematizar.

Éramos bem vistos por estarmos em uma classe social privilegiada e sermos em sua maioria brancos. Por não arrumarmos confusão e sempre estarmos presentes. Na época, não havia essa rivalidade grande como hoje entre as torcidas adversárias, chegamos a criar uma Organização da Torcidas Organizadas de Pernambuco, juntamente com torcidas do Náutico e Santa Cruz, onde eu e um membro da FALCÕES DA ILHA éramos os coordenadores. Fizemos até protesto e passeata para baixar ingressos. (ARIANE, relato via e-mail, 2018).

Esse relato ratifica a atuação da T.O, inclusive com protestos, passeatas e até a criação de uma instituição que reunia várias torcidas rivais em prol do bem comum. Vários outros interlocutores também mencionaram o bom relacionamento da SPORTMANIA com outras T.O do Sport.

No entanto, o que chama atenção nas proposições da interlocutora é o fato de a imagem da torcida estar vinculada à presença de integrantes “em sua maioria brancos”. Subentende-se que ela percebe (ou que deduziu a partir de sua vivência como torcedora organizada) que a cor da pele associada à posição social fez com que a torcida fosse bem vista (como ela coloca) e percebida como formada por pessoas confiáveis e que não iriam arrumar confusão (o que também aparece em sua interlocução). Esse modelo de T.O na qual a SPORTMANIA se enquadrou difere do modelo de torcida que presenciamos nos dias atuais pelo Brasil afora e que é projetado pela mídia, no qual T.O é sinônimo de bagunça e precisa ser extinta – percepção que é estudada e analisada por vários estudiosos: Toledo (1993), Pimenta (1997), Silva (1999), Souza (2011), entre outros.

Mas eis que, após 10 anos de existência, a SPORTMANIA encerra suas atividades (Moca já havia saído, há cerca de dois anos) e outras torcidas começam a aparecer e crescer (como é o caso da GANG DA ILHA), cada uma delas representando um bairro específico, como mencionado em algumas interlocuções. Naquela época, não apenas em Pernambuco, mas em todo o país, as T.O foram atingidas por mudanças – tais como o aparecimento do

modelo clube-empresa e a criação das leis *Zico* e *Pelé*. Também vale citar os fenômenos de massa na música, que atingiram o estado de Pernambuco à época, como o Manguê Beat e o Funk – este último sendo proibido em alguns bairros da capital, acabou impulsionando os jovens em busca de diversão para as T.O.⁶⁶ Creio ser importante esclarecer que os membros da torcida em pauta não participaram da migração de bailes funk para a organizada em análise.

A SPORTMANIA foi a primeira torcida pernambucana a ser extinta, porque “não dava mais pra controlar... muitos falavam em nome da torcida pra conseguir dinheiro”, informa Ariane (relato verbal presencial, 2016). “Antes da torcida acabar definitivamente, algumas pessoas acabaram sendo expulsas e foram se associar à GANG DA ILHA”, continua. (ARIANE, relato via e-mail, 2018). A extinção pode ser interpretada como um marco na história das torcidas de Pernambuco e na história da própria torcida, pois destaca a mudança na filosofia que regrava (controlava) as ações dos seus integrantes, fazendo surgir outras organizadas, e crescer algumas já existentes. O que mantinha o grupo unido, no início, era o compartilhamento de um mesmo pensamento, ou seja, a partilha dos mesmos interesses e intenções. No momento em que acontecem rupturas de ideias e de objetivos, o grupo perde sua coesão. Como nos informa a interlocutora, não era mais possível administrar os atos de todos os integrantes e, após algumas expulsões, entenderam como necessário tomar a decisão de extinguir a torcida por reconhecerem que a filosofia que a fez surgir havia desaparecido.

Ariane esteve como membro da SPORTMANIA desde praticamente o seu início – ingressou no dia 13 de maio de 1984 (dia em que a Ilha do Retiro estava sendo reinaugurada após uma reforma, com um jogo contra o São Paulo Futebol Clube) e permaneceu até o final das atividades da torcida. A liderança da T.O, na época em que foi extinta, ela dividia com Felipe. Nem ela nem Felipe voltaram a participar de outras organizadas, segundo relato da interlocutora. (ARIANE, relato verbal presencial, 2016).

Nos dias atuais, os membros da primeira formação que ainda residem no estado raramente vão a jogos do Sport e quando o fazem se deslocam até a Ilha apenas. Não estão mais viajando para acompanhar o time, e assim sendo, eu os acompanhei mais frequentemente em suas residências, raramente no estádio ou no restaurante e nos bares do clube, nas poucas vezes em que prestigiaram os jogos do Campeonato Brasileiro de 2017. Seus filhos não estão fazendo parte de T.O, apenas um deles frequentou a T.O BRAVA ILHA por um tempo. Com

⁶⁶ Informação obtida no site do Jornal do Commercio *online*. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/esportes/futebol/noticia/2016/07/12/torcidas-organizadas-a-diversao-virou-violencia--243549.php>>. Acesso em: 12 out. 2017.

o encerramento das atividades da torcida, não se cogitou em voltar nem se imaginava que um dia isso poderia acontecer.

Nos anos de 2016 e 2017 estive com alguns desses ex-integrantes da primeira formação, em suas residências e na Ilha do Retiro, porém sempre individualmente, nunca os vi em grupo, em contato. Segundo me foi dito pelas pessoas com quem conversei, eles e elas não costumam se encontrar, nem se sociabilizar entre si. Esporadicamente, se falam por telefone ou *WhatsApp*, mas isso tem ocorrido cada vez com menos frequência. Também não mantêm nenhum tipo de relacionamento com os membros da atual formação da SPORTMANIA, e são bastante categóricos em afirmar isso.

Moca (2017) afirma que ainda frequenta os jogos esporadicamente, como pude testemunhar. Dono de uma memória privilegiada, como ele próprio afirma, comenta sobre o campeonato de 2008, ano da volta da torcida.

Na vitória do Sport, Campeão da Copa do Brasil de 2008, ficou marcado como quartas-feiras mágicas, onde a cidade parava, Pernambuco parava. Era uma loucura aquilo ali, todos os bairros da cidade paravam. A gente ia pro estádio e sabia que ia ganhar. Criou-se uma aura, uma atmosfera de time vencedor. Tanto que após a vitória contra o Palmeiras na Ilha do Retiro - que a gente tinha metido 4 a 1 lá, que foi o primeiro grande time que a gente derrubou naquele campeonato -, eu virei pra um amigo e disse: “tá cheirando a título esse campeonato”. E se você olhar a história de todos os times campeões da Copa do Brasil, nenhum... repito... nenhum teve a epopeia que o Sport teve. Afinal de contas, nós, os inferiores, os timezinhos pequenininhos lá do Nordeste, eliminamos quatro mitos, gigantes do Campeonato Brasileiro: Palmeiras, Internacional, Vasco da Gama e Corinthians. Times que têm, teoricamente, mais status, que são mais ricos, e fomos lá e mostramos, viemos e fomos campeões, e acabou-se. O Sport mostrou que não existe essa história, quando o time tá querendo fazer, vai e faz, pronto. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017).

Alguns interlocutores da primeira formação da SPORTMANIA fizeram críticas à imprensa pernambucana, dizendo que ela “supervaloriza as vitórias de Santa Cruz e Náutico, e diminui o Sport.” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017). Afirmaram ainda, que “a imprensa pernambucana tem uma necessidade grande de querer nivelar o campeonato do estado”, e “todo ano tenta encontrar um craque no Santa Cruz – esse ano tiveram umas três tentativas.” (*ibidem*). O posicionamento deste e de outros interlocutores rememora sempre a superioridade do time rubro-negro, considerando ser uma afronta a comparação com outros times da capital.

E suas críticas não param por aí: “quando aparece um jogadorzinho que bate umas faltinhas e faz uns golzinhos” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017), a imprensa chega a questionar (fato ocorrido no ano de 2017) se o treinador do Sport “não tem um pouco de

invejinha de o Santa Cruz ter um especialista como Anderson Sales pra bater falta.” (*ibidem*). Esse relato se refere a uma crítica dos torcedores rubro-negros a repórteres que faziam a cobertura do Campeonato Brasileiro de 2017. Os interlocutores me apresentaram ainda a resposta do treinador aos tais repórteres.

O Ney Franco que era treinador à época, respondeu: “Não. Porque eu vou ter inveja de Anderson Sales? Quem é Anderson Sales? Quem tem Magrão, Rithely, Diego Souza e etc., vai ter inveja de Anderson Sales? Me poupe.” E o repórter saiu caladinho depois de uma pergunta ridícula dessa. (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017)

Com essa afirmação, fica subentendido que eles contestam a igualdade ou a equidade entre os times pernambucanos, admitindo apenas a superioridade do Sport sobre os demais times do estado.

Mas afinal, que mudanças se efetuaram, no tempo, na estrutura organizativa e de sociabilidade da SPORTMANIA? No tópico a seguir, tentarei responder a esse questionamento ao me deter sobre especificidades da segunda formação da torcida.

3.1.2. Segunda formação da SPORTMANIA

Neste tópico, apresentarei as observações e interlocuções dos atuais membros da T.O SPORTMANIA, cujo retorno será aqui explicitado. Estou trazendo a segunda formação, a partir do que eu vivenciei com eles e do que eles falaram, da mesma forma que fiz com os membros da primeira formação.

Ao se afastar da primeira formação da SPORTMANIA, Márcio se associou à T.O GANG DA ILHA que tinha Júnior como presidente. Este, ao concorrer à reeleição para a presidente da GANG, foi derrotado, e no ginásio onde funcionava a sede desta torcida, Júnior juntou-se a Márcio e Siri (como me informaram alguns interlocutores), no ano de 1995, para fundar a TORCIDA JOVEM DO SPORT – torcida que, vale destacar, já ultrapassou os noventa mil integrantes. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017).

Além de mudar de torcida, Márcio mudou também seu posicionamento dentro do grupo, pois não aderiu à TJS como mais um integrante, e sim como parte da diretoria da mesma. Processo idêntico se deu na sua mudança da TJS para a atual SPORTMANIA. Nesta, alcançou o posto máximo, a liderança. Esse movimento demonstra sua necessidade de se agrupar com pessoas que compartilhem de seu entendimento sobre a filosofia de uma T.O, e

ratifica ainda seu relato de sempre ter desejado participar de uma organizada. Essas reflexões podem ser analisadas sob a luz da teoria de Bauman (2005), segundo o qual

Nós habitantes do líquido mundo moderno [...] buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (BAUMAN, 2005, p. 32)

Já afastados da JOVEM, juntamente com outros dissidentes desta torcida, Márcio e Júnior estudavam a possibilidade de voltar com uma T.O. Júnior, na época radialista da Rádio Ilha⁶⁷, sugeriu que voltassem com a SPORTMANIA, que falassem com os antigos integrantes, e assim Márcio o fez.

Moca, Evaristo, Eduardo e Ariane avaliaram o pedido feito por Márcio, e, apesar de não haver unanimidade entre eles, por decisão da maioria, foi dada a permissão de utilização do nome. Entendia-se que não adiantaria “negar, criar um clima de animosidade, que não levaria a nada, pois o nome da torcida não estava preso a nada.” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017). Apenas, foi pedido ao novo grupo (e acordado entre as partes), “que não transformassem a SPORTMANIA numa TORCIDA JOVEM, por exemplo” (*ibidem*), pois a SPORTMANIA fora “elogiada pelo comportamento padrão, apaixonada, mas que não se envolvia em falcatruas, nem em confusões”, segundo relato de Moca (*ibidem*). Assim sendo, após o entendimento entre as partes, a torcida voltou a existir outra vez. O retorno oficial se deu no dia 09 de novembro de 2008, com direito a entrevistas para o Globo Esporte Pernambuco. Na ocasião, o repórter esportivo André Galindo fez uma cobertura do retorno da torcida e entrevistou um dos interlocutores desta pesquisa. Este fez questão de me relatar o episódio e pediu que eu procurasse pelo vídeo⁶⁸ no canal *Youtube*⁶⁹, para conferir a informação. Após o retorno, a torcida se reorganizou e absorveu novos torcedores.

Voltamos com todo o gás, galera bacana, bandeiras, instrumentos, faixa, sinalizador quando jogava à noite... e voltou com a vontade de fazer com que a torcida tivesse o nome de volta dentro do estádio, um nome bem forte, SPORTMANIA, um nome bem atrativo em relação a tudo, tanto ao clube quanto uma coisa... que é mania da gente vir a jogo, gostar do Sport. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

De acordo com o que alguns interlocutores da primeira formação me informaram, a primeira camisa usada na volta da torcida “foi retrô da antiga camisa da SPORTMANIA.”

⁶⁷ Rádio que faz a cobertura de eventos futebolísticos do Sport Club do Recife.

⁶⁸ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FrDhCUOHcF8>>. Acesso em: 25 dez. 2016.

⁶⁹ Site de compartilhamento de vídeos via Internet.

(MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017). Com o passar dos anos, novos modelos e *designs* comemorativos foram sendo criados (ver Figura 10, onde podem ser verificadas três versões de três anos diferentes – 2010, 2014 e 2017).

Figura 10 - Três modelos diferentes de camisas



Fonte: Arquivo pessoal.

Reiteradamente, me foi informado que o relacionamento de Moca, Eduardo, César, Ariane e demais membros (primeira formação) com os gestores do clube era de muita cordialidade, respeito e colaboração. Também me foi informado que o relacionamento dos membros (segunda formação) da torcida com os atuais gestores é inexistente. Segundo me relata Júnior, “com a atual direção não tem conversa, não. Eles não querem diálogo. A gente tá só esperando mudar pra voltar a atuar.” Essa é mais uma interlocução que nos remete às reflexões sobre violência trazidas por Zaluar (1999, p. 14), em que o sujeito se sente “esmagado pela arbitrariedade dos poderosos que se negam ao diálogo.”

Aqui, observando-se os dois momentos históricos da SPORTMANIA, parecem se destacar modelos distintos de relacionamento, o primeiro de cumplicidade e o segundo de divergência. Nesse contexto, a MANIA vive um momento de indefinição, mas parodiando Simmel (1983, p. 52), “subsiste em sua unidade.” Porém, houve momentos, há cerca de cinco anos atrás, em que ela conseguia se relacionar bem com os gestores do clube. Márcio relata um desses momentos.

Tem dois escudos atrás das barras, não sei se você já prestou atenção. Ninguém imaginava em pintar os escudos que tavam já queimados, deteriorados... tava uma coisa absurda. A gente como tinha espaço dentro do clube, a gente podia frequentar o clube com o nome da torcida e conhecer diretores e etc. etc., eu fui ao diretor, na época, Dr. Otávio Coutinho, falei com ele e pedi pra que ele liberasse que a Mania reformasse, pintasse o escudo e colocasse a estrela que tava faltando. Ele pediu que a gente pedisse isso por escrito. A gente foi, fez em papel ofício, entregou em mãos, e ele assinou, autorizando... e a gente fez, mão de obra, pedreiro, tinta. Corri atrás de fornecedores rubro-negros, torcedores mesmo. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017).

O relacionamento distante entre diretoria e torcida não se restringe à SPORTMANIA apenas, conforme relata Bruno (relato verbal presencial, 2017): “a JOVEM não tá mais no estádio...se você prestar atenção, não tem mais faixa aqui, já foram tantas e tantas e tantas que sumiram, que desapareceram.”

Apesar desta constatação, em várias interlocuções da antiga formação me foi informado que “atualmente, as pessoas se associam com a mão das T.O para votar em candidatos que elas apoiam na eleição.” (ARIANE, entrevista via e-mail, 2018). Isso reforça a narrativa de atuais integrantes da torcida quanto à volta da SPORTMANIA aos estádios com toda força “assim que a diretoria que está aí cair fora” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017), pois esta torcida apoia a oposição. Percebe-se, nessas verbalizações, indícios do que já foi discutido neste trabalho sobre o reconhecimento e a dádiva, um processo de troca de benefícios entre diretoria e torcida.

O processo de troca acontece também em forma de reivindicação, como me relata Júnior, no caso de uma das torcidas que não estavam conseguindo levar seus integrantes ao estádio.

A TREME TERRA, depois de muita pressão da torcida nessa diretoria que tá aí, muita gente pediu, fez com que ela voltasse... porque pediram. Eles cortaram até o ingresso de cinco pessoas que são cinco músicos pra animar as Sociais do clube. Dinheiro tem, não é possível que cinco pessoas vão quebrar o clube.” (JÚNIOR, relato verbal presencial, 2017)

A TREME TERRA conseguiu voltar, mas os atuais “Leões” da SPORTMANIA enfrentam um momento difícil. Afirmam, entretanto, que apesar da chegada da modernização, “a ideologia atual não é transformar a MANIA em uma JOVEM da vida.” (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Pelo fato de a torcida não estar podendo atuar com mais ênfase nos estádios, os seus espaços de encontro e de interação estão reduzidos. Desde o meu primeiro contato com os atuais membros da organizada, percebi que a área próxima à quadra do clube costuma ser o local onde se reúnem antes dos jogos do time. Para explicitar o que afirmo,

apresentarei alguns trechos do meu Diário de Campo, a fim de apresentar o espaço onde a MANIA costuma se posicionar.

08/11/2017 – quarta-feira – 16h30 (dia do jogo contra o Botafogo)

Sob um calor infernal, chego à Ilha do Retiro e ligo para Márcio. Ele me informa que está próximo à sauna e à quadra do clube. Dirijo-me até lá. No caminho, vejo torcedores com uniformes rubro-negros, bebendo e falando alto. Os equipamentos de som dos carros fazem muito barulho e tocam os mais variados ritmos, frevo, samba, funk. Muitos grupos reunidos, se alimentando e conversando ruidosamente sobre o jogo que irão assistir.

Tanto Márcio (que está usando a camisa da torcida) como também o Júnior e o Bruno estão encostados no carro, tomando cerveja. Clécio chega logo depois com a esposa e a filhinha. Existem muitos carros estacionados, apenas de torcedores associados (regra do clube, como me confirmaram posteriormente). Eu os cumprimento, falamos sobre o calor daquele dia, e procuro saber quanto tempo temos para conversar antes de entrarmos no estádio. “Uma meia hora”, responde Bruno. Peço permissão para gravar nossa conversa, e eles me concedem. [...] Alguns outros amigos e organizados, todos do sexo masculino, estão ao redor, conversando, me olhando e bebendo. Começamos a conversar, e aos poucos, todos estão contando suas histórias e fazendo interferências. [...] Ficamos de pé ali mesmo enquanto conversamos. Temos pouco tempo. [...] Alguém me oferece cerveja, mas relembro que não consumo bebida alcoólica e eles se desculparam. “Vai uma picanha?”, afirmo que sou vegana. Eles pedem desculpas, novamente, mas não parecem constrangidos nem surpresos. [...] Quarenta minutos depois, encerro a gravação do áudio, pois precisamos entrar no estádio. (DIÁRIO DE CAMPO, 08 nov. 2017).

Assim, o espaço em que meus interlocutores da segunda formação costumam se reunir nas dependências do clube não costuma variar. Eles ficam em áreas próximas à quadra, embaixo das árvores, onde abrem as malas dos carros para ouvir o som, colocar as caixas de cerveja e fazer churrasco. Quando outros torcedores querem encontrá-los, já sabem que é lá que eles estarão, pois já se tornou um lugar de encontro dos amigos em dias de jogos. Essas áreas seriam o que Magnani (2002) intitula de *pedaço* e supõe “a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.” (MAGNANI, 2002, p. 18). Identifico esse espaço ocupado pela SPORTMANIA como ‘pedaço’, pela própria característica que Magnani (2002) lhe atribui, por ser uma ‘referência espacial’ para os integrantes da T.O e para os demais torcedores.

Naqueles locais, eles se refrescam com uma cerveja gelada, conversam e me contam suas histórias. Só saem de lá quando se aproxima a hora de começar o jogo. Como a T.O em pauta não possui sede, é ali que seus integrantes costumam se reunir para conversar, beber e rever outros torcedores (não organizados, inclusive), ou então, se reúnem nas suas residências, por ocasião de festividades. Bruno (relato verbal presencial, 2017) lamenta a situação: “A gente tá assim, se reúne, se junta de 8 a 10 pessoas, era até 50.” Em uma dessas ocasiões, ouvi o seguinte relato:

Eu só fico preocupado em não puder te mostrar a gente atuando dentro do estádio... é o que eu queria fazer, a gente com as bandeiras, os instrumentos, a gente cantando. Nos últimos quatro anos, a gente não tá fazendo nada. A gente tá indo pro quinto ano fora do que a gente gosta de fazer. É uma coisa que pra mim, se tá no sangue, não tem pra onde correr. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

No dia 17 de dezembro de 2017, houve a confraternização da SPORTMANIA, na casa do Márcio, e fui convidada a participar. Aceitei o convite e participei da festa que foi organizada com muito capricho. Cheguei logo cedo, antes que todos estivessem presentes para observar detalhes do preparo e da interação entre anfitrião e convidados. A Figura 11 retrata um dos momentos em que os integrantes preparam a área externa da casa, onde aconteceu a festa.

Figura 11 - Membros da torcida organizando o espaço da confraternização



Fonte: Arquivo pessoal

Assim que cheguei ao local onde algumas pessoas já estavam reunidas, me senti estranha e estrangeira, uma *outsider*, como nos informa Elias e Scotson (2000)⁷⁰, e como nos lembra Magnani (2002).⁷¹ Eu estava ‘dentro’ sendo ‘de fora’, não conhecia todas aquelas pessoas. No auge da festa, escutei alguém pegar o microfone e anunciar minha presença. Até

⁷⁰ Para desenvolver a noção de *outsider* (que seria um estranho, um estrangeiro ao grupo), Elias analisa a interação social entre grupos de estabelecidos em uma comunidade de determinada região e a sua relação com pessoas de outra comunidade. Isso permite estudar relações de poder.

⁷¹ Magnani define o olhar de cunho etnográfico como sendo ‘de perto e de dentro’, o qual permite identificar e refletir sobre aspectos não contemplados quando a visão é ‘de fora e de longe’.

recebi de presente uma camisa da torcida, confeccionada alguns dias antes, em comemoração aos 10 anos de seu retorno, e registrei o momento (ver Figura 12).

Após o “Cazá, Cazá” ser reproduzido por um D.J. rubro-negro em caixas de som gigantes, foi a vez do som regional (frevo, forró) aparecer. O som alto, a feijoada, o burburinho, o coquetel de frutas servido pelo garçom (torcedor do Náutico) e eu, pesquisadora, (torcedora do Santa Cruz) acompanhada de um amigo paraibano (torcedor do Flamengo), compúnhamos aquele ambiente festivo ao qual eu não pertencia e que precisava problematizar.

Vivências como esta, nos são proporcionadas pelo fazer etnográfico (PEIRANO, 1999), atestando nossa condição de ser ‘o outro’, também do ponto de vista do ‘outro’ que estudamos.

Figura 12 - Confraternização da SPORTMANIA



Fonte: Arquivo pessoal

Na ocasião, pude perceber a interação dos componentes da torcida, entre eles e com seus familiares, em um ambiente diferente da Ilha. Nesse dia, conseguiram reunir o maior número possível de componentes da SPORTMANIA. Os interlocutores lamentaram viver a situação de não poder exercer todas as demais atividades que se espera de uma T.O – por

exemplo, utilizar as redes sociais para divulgar as ações da torcida, ir a campo com seus materiais, instrumentos e fogos para apoiar o time, ter uma ‘charanga’⁷² própria, etc. Para o presidente da torcida, se esta tivesse apoio da diretoria, voltaria a “ser grande”. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). Esse relato nos mostra a importância que é dada ao tamanho da torcida e à sua presença no estádio.

Se na eleição que passou, o grupo que a gente apoiou tivesse ganho, a gente hoje tava com todo mundo de volta e estaria grande novamente. Grande, assim...porque não adianta ser 5, 6, 10 mil pessoas como a JOVEM e não ter o comando na mão. A minha ideia não é essa, a minha ideologia é ter um grupo bom, um grupo grande, forte mas que eu pelo menos comande, porque toda a responsabilidade é minha, eu que sou o presidente, eu que vou responder pelos atos da torcida. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

Na confraternização, foi a primeira vez em que tive contato com as esposas dos integrantes. Elas são as únicas mulheres que acompanham a torcida no momento, mas já houve várias componentes no auge de sua atividade, segundo fiquei sabendo a partir das interlocuções. Fui autorizada a gravar, fotografar e filmar a festa em que os integrantes, todos do sexo masculino, usavam a camisa comemorativa dos 10 anos ou de outros aniversários da torcida.

Todos eles são unânimes em afirmar que desejam que esse conflituoso momento político passe, pois querem estar presentes ao estádio e ampliar suas atividades. Eles discordam da atuação da diretoria, de seu posicionamento político e endossam que com os dirigentes “não tem conversa”. Se posicionam na condição de torcedor que lembra aquela mencionada por Perrusi (2000) na seguinte passagem: “enquanto torcedor, não estou condenado à passividade política, à alienação e à reprodução das relações de dominação.” (PERRUSI, 2000, p. 8). O protesto da torcida se resume a não darem apoio aos dirigentes, uma vez que não há muito que possam fazer no momento, segundo me informaram. Isso vem a confirmar que “a base da interação é o conflito, e sua gramática, a luta por reconhecimento” (HONNETH, 2003, p. 17), uma vez que aqui se identifica também uma relação de troca entre a diretoria e a formação atual da torcida. Não obstante, se trata de uma relação diferente daquela que existia entre a diretoria do clube e a primeira formação, na qual a troca era permeada pelo reconhecimento.

⁷² Segundo o Dicionário Aurélio, charanga é um conjunto de músicos que tocam principalmente instrumentos metálicos de sopro. DICIONÁRIO AURÉLIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

O incômodo causado pela passividade, ou pela impossibilidade de ação, da SPORTMANIA aparece tanto na citação anterior quanto na fala dos participantes da T.O, deixando claro que o torcer pressupõe atividade, ação, posicionamento político, alguma forma de espetacularização que o justifique, para a partir dessa espetacularização os torcedores poderem se expressar – e nesse sentido, o torcedor rubro-negro “fanático”,⁷³ segundo classificação de Giulianotti (2012), se mantém esperançoso de poder voltar a atuar nos estádios e expressar o seu sentimento pelo Sport Club do Recife.

A partir das limitações vivenciadas pela T.O e investigando-se “padrões de troca e de espaços para a sociabilidade” (MAGNANI, 2002, p. 26), pode-se dizer que não existe sociabilidade entre as duas formações desta torcida, uma vez que não foi identificado um “regime de trocas entre esses diversos atores sociais.” (*ibidem*). Membros das duas formações não dividem/compartilham espaço, não entram em contato, nem estabelecem vínculos. Pude constatar que, de fato, não existe relação entre os membros da antiga e da atual formação, pois não houve nenhum contato, nem interação nos estádios, nas comemorações, nem em nada que envolvesse a T.O ou o Sport Club. Essa ausência de interação, além de observada durante a pesquisa, também foi verbalizada por membros de ambas as formações, sem que se explicasse tal fato. Posso apenas presumir que talvez a volta da torcida pode não ser totalmente aceita pelos antigos membros, ou que a atual formação não deseja ter sua imagem associada à antiga formação, cujos motivos desconheço. No final, são apenas conjecturas que faço com base na observação participante.

Os modelos das duas fases da torcida assemelham-se em alguns aspectos e se distinguem em outros. As semelhanças encontradas entre ambas são: formação a partir de um grupo de “amigos apaixonados pelo Sport, que queriam torcer pelo Sport”, como me informou Moca (relato via *WhatsApp*, 2017); a filosofia de ambas é torcer pelo time, se encontrar com os amigos, brincar, conversar, fazer amizade, curtir junto, comemorar; o desejo de não transformar a torcida em empresa aparece nas falas de interlocutores das duas formações; o bom relacionamento com outras T.O foi mencionado por antigos e atuais membros. As diferenças são: havia um bom relacionamento entre a primeira formação e a diretoria do clube, e com a segunda formação isso não acontece; havia um grande número de mulheres na primeira formação e nenhuma na atual; a ideia de hierarquia dentro da T.O é mencionada na segunda formação, mas na primeira não existia, pois não havia atribuição de tarefas definidas por cargo – isso nos possibilita supor a existência de um modelo vertical de sociabilidade na atual SPORTMANIA, pela presença de hierarquia entre os participantes.

⁷³ Giulianotti (2012) refere-se ao torcedor que está sempre apoiando seu time como “fanático”.

Em suma, a filosofia parece se manter, mas a atuação difere entre ambas as formações por apresentarem particularidades que as singularizam, por fim. Portanto, a partir do que foi posto, pude refletir sobre a formação atual da T.O, levando em conta questões tais como a evasão, as interdições, a falta de apoio, entre os demais aspectos já mencionados. Acredito, portanto, que as falas trazidas até o presente momento neste tópico ajudam a vislumbrar, ou ilustram, o contexto que envolve a formação da torcida no seu segundo momento. Isso foi o que eu pude acompanhar – e perceber a partir do que me foi dito –, enquanto mulher, antropóloga, pesquisadora. Menciono esses aspectos, pois eles podem reger as relações em campo e podem ter sido definitivos para o tipo de informação que obtive dos participantes da pesquisa.

No tópico a seguir, trago algumas reflexões sobre violência, um elemento que costuma permear as relações das T.O e ser propagada pela mídia brasileira e mundial.

3.2. TORCIDA E VIOLÊNCIAS

Neste tópico, interessa pensar a violência verificada no espaço futebolístico, sem, entretanto, adotar uma postura determinista. Contudo, é possível pensá-la, tendo em mente que está relacionada à prática do futebol desde tempos remotos. Segundo nos informa Pimenta (1997, p. 64), “a violência nas arquibancadas dos estádios não é coisa nova e acompanha o futebol desde que passou a aglomerar ao seu redor apaixonados por esse ou aquele clube.”

No século XVI, esse esporte já se torna bastante popular na Inglaterra, de acordo com Unzelte (2002, p. 17), ao ponto de a violência crescer e o futebol ser considerado “um jogo bárbaro, que só estimula a cólera, a inimizade, o ódio, a malícia, o rancor”. Ainda segundo ele, essa visão a respeito do futebol deveu-se aos enfrentamentos entre os jogadores, que via de regra, machucavam-se seriamente nos confrontos, dentro e fora do campo, e a “assassinatos resultantes da rivalidade no jogo.” (*ibidem*)

Um exemplo de violência, dentre tantos possíveis, que se apresenta no espaço do futebol brasileiro – não se limitando a este apenas – é a demonstração obtusa de racismo contra jogadores, já nas primeiras décadas após a chegada do esporte ao país. É corriqueiro observar-se, mesmo nos dias atuais, xingamentos dirigidos por torcedores e torcedoras a jogadores negros, através do uso de termos pejorativos como “macaco” e “urubu”, para citar alguns, e envolvendo até agressões físicas. A presença de jogadores negros em um campeonato oficial só começou a ser observada a partir de 1923, quando o time do Vasco da

Gama incluiu negros em seu plantel – apesar de que o Corinthians, em 1918, já possuía jogadores negros no time. Após esses eventos, vários jogadores negros foram se destacando e aparecendo com mais frequência nos jogos, alguns deles tornando-se ídolos reverenciados pelos torcedores. Como exemplos, podem ser citados o inventor da famosa “bicicleta”, Leônidas da Silva, o *Diamante Negro*⁷⁴, carioca também conhecido como “homem-borracha”, jogador do São Cristóvão nos anos de 1930⁷⁵, e Pelé, *o Rei do Futebol*, o qual dispensa maiores apresentações. Além dessas formas de violência direcionada a atletas (não vou aqui aprofundar a questão, pois pretendo apenas atestar sua existência), existem outras com teor homofóbico, xenofóbico, misógino, etc.

Com o surgimento das T.O, outras formas de violência foram sendo registradas. A torcida foi lentamente substituindo o torcedor comum, impondo uma nova dinâmica nos estádios, e inevitavelmente, propiciando o aparecimento de conflitos (TOLEDO *apud* STAHLBERG, 2009, p. 154)

Seja como for, o surgimento das torcidas organizadas trouxe a necessidade de se separar as torcidas de times rivais por conta da violência praticada dentro e fora dos estádios, e isso acabou por afastar as mulheres dos estádios, os quais se consolidam como arenas da masculinidade. (STAHLBERG, 2009, p. 154).

Um momento que marcou a história do esporte nacional foi o episódio conhecido como “Batalha Campal do Pacaembu”, mencionado nos trabalhos sobre torcida organizada produzidos desde então, haja vista os trabalhos de Toledo (1993), Pimenta (1997), Silva (1999), Damo (2002), Reis (2006), Murad (2007). Uma mostra das primeiras repercussões midiáticas desse acontecimento pode ser conferida em Pimenta (1997, p. 139-140), a partir dos depoimentos de: Rubens Approbato Machado, substituto de Eduardo Farah na presidência da Federação Paulista de Futebol; Ivo Carotini, Secretário Municipal de Esportes da Prefeitura de São Paulo; jornalista Boris Casoy; Pelé; e os repórteres esportivos Flávio Prado, Armando Nogueira e Juca Kfourri.

Contextualizando, no dia 20 de agosto de 1995, o Palmeiras sagrou-se campeão da 2ª Supercopa São Paulo de Futebol Junior, após uma vitória por 2 a 1 sobre o time do São Paulo. O gol da vitória foi marcado pelo então atacante Rogério, aos seis minutos do 1º tempo da

⁷⁴ Informações disponíveis em: <<http://observatorioracialfutebol.com.br/a-historia-do-racismo-no-futebol-do-pode-arroz-a-aranha/>>. Acesso em: 24 out. 2016.

⁷⁵ Informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%B4nidas_da_Silva>. Acesso em: 18 out. 2016.

prorrogação, com a chamada ‘morte súbita’.⁷⁶ Aquela, porém, foi uma final marcada por um fato lamentável, não havendo motivos para comemoração do título alviverde⁷⁷ – os jogadores do Palmeiras tiveram que se retirar para o vestiário e não puderam dar a volta olímpica no Estádio do Pacaembu.

Naquele jogo não foram cobrados ingressos e apenas trinta policiais faziam a segurança do local. Depois que o atacante Rogério marcou o gol, os torcedores palmeirenses invadiram o campo para comemorar a vitória, provocando os torcedores são-paulinos que se armaram com pedras e restos de materiais da reforma do estádio, jogando-os contra os alviverdes. Inicia-se um dos momentos mais violentos do futebol brasileiro, com transmissão ao vivo pela Rede Bandeirantes de Televisão. O gramado é invadido, os alambrados e as arquibancadas são destruídos e, presencia-se cenas de uma verdadeira guerra. Como consequência, o estádio foi interditado, vinte e dois policiais e oitenta torcedores saíram feridos, e o torcedor são-paulino Márcio Gasparin veio a falecer, depois de oito dias hospitalizado, devido aos golpes sofridos. O torcedor palmeirense Adalberto Benedito dos Santos foi o único condenado e após 14 anos de prisão encontra-se em liberdade.

Este foi o primeiro caso de briga entre torcedores levado a julgamento no país, mudando definitivamente a atuação das T.O em estádios brasileiros. Sua atuação passou a ser regulada pelo Ministério Público, e passou a ser cogitada, com mais veemência, a extinção das organizadas no Brasil.

Para citar um exemplo do Nordeste, em 2012, antes do início do jogo nos Afritos entre Náutico e Central, na primeira fase do Campeonato Pernambucano, o jovem Lucas de Freitas Lyra, de 19 anos, foi baleado na cabeça quando um ônibus com torcedores da TJS passou pela concentração da torcida alvirrubra. Entre provocações e pedras atiradas, um batedor que escoltava o ônibus atirou e acertou Lucas Lyra, torcedor da FANÁUTICO. Como consequência, foi proposta uma Ação Civil Pública para extinção das organizadas FANÁUTICO, TJS e INFERNO CORAL, supostamente envolvidas em vários crimes. Curiosamente, no ano anterior, 2011, o Ministério Público do Estado de Pernambuco recomendara a proibição das organizadas em eventos futebolísticos.

Outros casos de violência se sucederam envolvendo torcidas brasileiras, como o ocorrido na Libertadores de 2013. Corinthians e San Jose jogavam na Bolívia, quando um

⁷⁶ No futebol, morte súbita “ou gol de ouro (em inglês, *golden goal*) é um método utilizado no futebol para decidir o vencedor de partidas eliminatórias que terminam em empate. O primeiro time a marcar um gol na prorrogação é declarado campeão. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_s%C3%BAbita_\(futebol\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_s%C3%BAbita_(futebol))>. Acesso em: 03 jun. 2017.

⁷⁷ As cores do Palmeiras são o branco e o verde.

torcedor corintiano atingiu um rapaz de 14 anos, Kevin Espada, que faleceu antes de dar entrada no hospital. Como consequência, os torcedores não puderam mais acompanhar o time brasileiro no restante do campeonato.

Segundo Murad (2013, p. 140), “O Brasil é um dos países com maior número de mortes entre torcedores de futebol.” O autor nos esclarece:

Em 2012, o Brasil foi o campeão mundial de mortes de torcedores. Mortes em consequência de conflitos entre torcidas organizadas. Mortes comprovadas. [...] O que aconteceu e acontece, efetivamente, para termos chegado a essas preocupantes estatísticas? Causas macro e microssociais, estruturais e conjunturais, históricas e culturais, sociológicas e antropológicas devem convergir, de modo articulado, para um entendimento consistente dessa problemática, que agride a nossa consciência coletiva e exige medidas integradas de combate, de curto, médio e longo prazos. E esse quadro provoca, necessariamente, reflexões, investigações, proposições. (MURAD, 2013, p. 141).

A violência apresenta-se, outrossim, como característica da cultura brasileira, e nos estádios de futebol, indubitavelmente, é um fato. Contudo, de acordo com Pimenta (1997, p. 70), ela “não pode ser considerada um problema exclusivamente brasileiro, nem pode também ser tratada como uma questão atual.” Na verdade, a violência teria surgido na Inglaterra, terra dos *hooligans*⁷⁸. Para o autor (*ibidem*), entretanto, essa afirmação não pressupõe “que inexistiram tragédias futebolísticas anteriormente a esta data, entre os torcedores denominados comuns.”

Vários/as autores/as brasileiros/as estudam e discutem o fenômeno da violência na prática futebolística e são mencionados a seguir. Pimenta (1997, p. 71) apresenta uma lista de países, os quais entre os anos de 1946 e 1985 presenciaram tragédias que marcaram confrontos entre torcedores. Dentre eles, Inglaterra, Itália, Turquia e Colômbia com dois registros cada, e Peru, Cairo, Argentina, Escócia, Alemanha, Grécia, Moscou, Holanda, México e Bélgica com um registro cada. No total, 836 mortos e centenas de feridos. O autor (*ibidem*) destaca ainda que os episódios de violência e agressão independem “do grau de desenvolvimento econômico” e do “sistema político”, haja vista os países mencionados por ele. (*ibidem*).

Conforme Silva (1999, p. 179), “a polícia, por sua vez, desenvolveu seu próprio modelo de torcedor *fanático*, e esse modelo corresponde aos membros de torcidas

⁷⁸ Definição segundo o *Oxford Dictionary*: jovem perturbador, violento, tipicamente de gangue. (tradução nossa). De acordo com Pimenta (1997, p. 72), essa é a denominação dada pela mídia inglesa para os torcedores violentos que frequentavam as arquibancadas dos estádios.

uniformizadas e organizadas.” A autora (*ibidem*) destaca que a definição da categoria *fanático* é dada por Eduardo Galeano e que remete às T.O. Silva (*ibidem*) corrobora, ainda, que “a idéia do *fanático* como um indivíduo humilhado por sua condição social e as regras da sociedade de consumo em que vivemos é muito comum na imprensa também.” (*ibidem*). Mais uma vez, aparece a noção de que torcer é algo como fazer uma catarse, jogando para fora do indivíduo os conteúdos reprimidos no dia a dia. Ainda segundo Silva (1999),

uma investigação mais profunda revelaria que, na maior parte das vezes, o agressor e o agredido já haviam se confrontado anteriormente, os conflitos se arrastam dos bairros para o estádio e vice-versa. (SILVA, 1999, p. 180).

Outro aspecto presente em trabalhos acadêmicos sobre violência no futebol é o fato de este esporte ter sido transformado em um ‘negócio’ – em boa parte das vezes, fonte de lucros exorbitantes. Relacionando negócio, futebol e T.O, Pimenta (1997, p. 133) afirma que “gradativamente o *negócio futebol* incompatibilizava-se com a violência das ‘Torcidas Organizadas’” – ainda segundo o autor (*ibidem*), essas torcidas representavam um negócio altamente rentável, fazendo como que o futebol entrasse “no rol das empresas privadas com a intenção de aferir lucros.” (*ibidem*). Em seguida, acontece a profissionalização do jogador, ampliando a influência do futebol na sociedade, o aparecimento de empresas que contratavam jogadores e a eles pagavam altos salários. Pimenta (*ibidem*) traça então um paralelo entre as influências, a militar de anos anteriores, e a empresarial de então, sobre os jogadores e sobre a prática futebolística. O objetivo dos militares era construir uma “identidade nacional brasileira”, ao ponto de as empresas visarem transformar o atleta em funcionário pagando-lhe altos salários com a possibilidade de “ganhos extras” com o que era denominado de “bicho”, ou seja, prêmios em dinheiro como recompensa por resultados positivos. (*ibidem*).

Não causa admiração que muitos estudos acadêmicos tenham como foco a violência que rodeia o futebol, cujas conclusões e resultados despertam o interesse dos mais diversos setores da sociedade. E são muitos os casos de violência na esfera do futebol, que nem sempre ocorre entre torcidas, como pode ser verificado na fala dos interlocutores desta pesquisa. A imposição de medidas arbitrárias, de cima para baixo (dos diretores de clubes para as T.O) também se constitui como violência, hierarquizada, como verifiquei no meu campo. Seria interessante investigar o ponto de vista dos dirigentes para fazer um contraponto à opinião dos torcedores, mas não foi possível fazê-lo dentro do tempo de desenvolvimento desta pesquisa, pelos motivos já mencionados neste trabalho.

Há sempre uma tentativa de compreender o que desencadeia ou alimenta a violência de torcidas e de torcedores que buscam, aparentemente, se sociabilizar. Entende-se, contudo, que os grupos são formados por indivíduos, que por sua vez são formados por uma gama de conteúdos e vivências, que entram em confronto na interação com o outro, o que exige ajustes e maneiras de lidar com as diferenças.

No texto *The Sociology of Georg Simmel* (1950), ao estudar sociabilidade e conflito, Simmel e Wolff afirmam:

Esse mundo de sociabilidade, o único mundo em que uma democracia do igualmente privilegiado é possível sem atritos é um mundo artificial. Ele é composto de indivíduos que não têm outro desejo senão criar uma interação completamente pura com outros, que não seja desbalanceada por estresses de qualquer natureza. Podemos ter a noção errônea de que entramos na sociabilidade puramente “como humanos”, como o que realmente somos, sem todos os encargos, conflitos, exageros e carências, o que na vida real perturba a pureza de nossas imagens [...] nos imaginamos retornar à nossa existência natural e pessoal.⁷⁹ (SIMMEL; WOLFF, 1950, p. 49).

Com base nos argumentos de Simmel (1950), o conflito faz parte da sociação, do reconhecimento. Um grupo só entra em conflito com o outro quando o reconhece enquanto grupo, como um adversário. A ausência do conflito poderia indicar ausência de reconhecimento ou ausência do outro. As T.O são um ótimo exemplo de interação em que o conflito costuma tomar grandes proporções, ganhar destaque e, por vezes, fazer despertar nos representantes do Estado, na mídia, e em alguns setores da própria sociedade⁸⁰, o desejo de exterminar ou, ao menos, sufocar a expressão dos torcedores.

Como já mencionado, anteriormente, a violência no futebol não teve início com o advento das T.O, ela sempre existiu e se fez presente não apenas entre torcedores, mas também, entre jogadores, dirigentes, equipes, etc., fato que alguns parecem não recordar – particularmente, a imprensa. Para Silva (1999, p. 180), a postura da imprensa é a de querer pacificar os estádios de futebol, buscando apontar os culpados pela violência, incentivando até a extinção das T.O no país. Neto (2013) corrobora essas afirmações e coloca a cobertura midiática como responsável pela disseminação da ideia de que o torcedor organizado é

⁷⁹ Tradução para *Yet, this world of sociability the only world in which a democracy of the equally privileged is possible without frictions is an artificial world. It is composed of individuals who have no other desire than to create wholly pure interaction with others which is not disbalanced by a stress of anything material. We may have the erroneous notion that we enter sociability purely "as men," as what we really are, without all the burdens, conflicts, all the too-much and too-little which in actual life disturb the purity of our images [...] we fancy ourselves to return to our natural-personal existence.*

⁸⁰ Destaca-se, aqui, que essas são as figuras responsáveis por evitar a violência no futebol. Vide Estatuto de defesa do torcedor, Art.1º-A, Capítulo I, DISPOSIÇÕES GERAIS.

violento e perigoso, e pelo incentivo à extinção das T.O. O autor ratifica, outrossim, que a violência nos estádios já existia antes da instituição das organizadas.⁸¹

[...] a violência sempre esteve presente quando o assunto é Torcida Organizada, porém, este fenômeno tem sido, desde a década de 80, cada vez mais tratado pelos meios midiáticos. Desde as décadas de 60/70, o torcedor comum que vai ao estádio percebe a diferença de comportamento entre ele e o torcedor organizado, e a truculência seria um destes fatores diferenciais. (NETO, 2013, p. 33).

No entanto, é recorrente nas pesquisas sobre torcidas o deslocamento de focos de tensão entre torcedores. Em outras palavras, os confrontos não se dão apenas nos estádios, mas também fora deles, em outros pontos da cidade, nos ônibus, nas ruas ao redor do estádio em dias de jogo, deixando a sensação de que há algo mais nesse torcer violento além do amor por um time ou do pertencimento a uma T.O.

No dia 11 de novembro de 2016, estive no Estádio Aldemar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro) para assistir a um Clássico das Multidões, como é chamado o jogo entre Sport Club e Santa Cruz (que acabou com a vitória do primeiro por 5 a 3). Eu estava nas arquibancadas sociais⁸², junto com alguns dos meus interlocutores. Esse jogo teve início às 16 horas. Cerca de quinze minutos antes do pontapé inicial, um torcedor do Sport, que estava sentado à minha frente, ouvindo rádio, fala para um de meus colegas: “um cara do Santa morreu agora a pouco lá na Caxangá. Uns dos nossos deram um pau nele.” A fato que resultou na referida morte ocorreu na Avenida Caxangá, Zona Oeste da cidade de Recife. Posteriormente, recuperei a informação de que o presidente e o diretor da T.O INFERNO CORAL foram agredidos por mais de 10 torcedores rubro-negros munidos de pedaços de madeira. A notícia da morte se espalhou rapidamente entre os torcedores do estádio, que lamentavam o ocorrido, sem fazer maiores comentários. Após o final do jogo, busquei informações sobre os feridos e soube que eles não haviam falecido, estavam vivos, passando por exames em um hospital de emergência da cidade. Esse foi apenas um dos acontecimentos violentos de que tive notícia ou presenciei em campo. Porém, nem todos envolviam membros de T.O.

⁸¹ “No campeonato carioca, foi Clube Vasco da Gama o primeiro a permitir negros e mulatos em seu time, o que resultou em um domínio no campeonato carioca e em revolta dos torcedores dos outros times, ainda conservadoramente brancos em sua totalidade. Um episódio interessante relacionado à violência ocorreu decorrente desta questão de raça. Em 1923, revoltados com o as “zoações” dos torcedores do Vasco devido à força de seu time “mestiço”, a torcida do flamengo levou remos enrolados em jornais ao campo e, a cada gol feito por seu time, lascavam remadas sobre a torcida do Vasco, e o jogo acabou com intervenção policial e, de acordo com a mídia da época, com uma “batalha campal” dentro do campo de jogo, invadido pelos torcedores. Nota-se que este evento ocorreu quase seis décadas antes da consolidação das Torcidas Organizadas como se vê hoje, porém a violência já era elemento presente nos eventos deste esporte.” (NETO, 2013, p. 30)

⁸² Na Figura 6, o espaço destinado às sociais, cujo portão de acesso é o 3, está destacado na cor lilás.

Episódios de agressão, como esse ocorrido na Avenida Caxangá, ocorrem vez por outra na cidade do Recife, quando os torcedores não se deslocam em grupo para o estádio. Isto é fato. No entanto, Toledo (1993) nos traz outra realidade, a partir de sua experiência, que parece se opor ao que foi observado durante a presente pesquisa.

Quando torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios, é raro configurar-se este estado de ânimo *alterado* observado quando estão em grupo. Sozinhos, rompem o sentimento de *pertença* e retornam ao anonimato da individualidade. Cessam os xingamentos e as provocações. (TOLEDO, 1993, p. 27).

Constatei, por fim, que os grupos rivais podem se provocar e xingar a caminho do estádio, mas os torcedores uniformizados quando sozinhos, podem ser agredidos fisicamente por um grupo rival, e então o enfrentamento não seria apenas verbal. São estágios distintos de enfrentamento, determinados talvez pelas oportunidades e pelo nível de rivalidade.

Toda essa violência contribui com o pensamento equivocado de que a extinção das torcidas resolveria o problema. Murad (2011) assim argumenta sobre essa tentativa de extinção:

Proibir as organizadas, sob a alegação de que perderam os seus rumos originais? Se no Brasil pegasse esta e por este motivo, como ficariam o Congresso, a Saúde e a Educação? Não é por aí, como ficou provado na experiência de extinção da torcida “Mancha Verde”, do Palmeiras, em São Paulo, 1995. (MURAD, 2011, p. 70)

Muitas outras variáveis estão imbricadas nesse clima de violência que permeia o futebol, seja a conjuntura política e econômica do país, a insegurança da vida urbana, a espetacularização do esporte, e várias outras realidades que rodeiam os torcedores. A esse respeito, Pimenta (1997, p. 143) afirma que “o banimento e a intolerância com as ‘Torcidas Organizadas’ podem ser explicáveis diante da própria ‘modernização do futebol’, que o transforma, juntamente com as torcidas, em um ‘negócio altamente rentável’.” (*idem*, p. 133). Ademais, como nos informa Murad (2013, p. 143), “essas são violências mais *no* futebol que *do* futebol. Manifestam-se no ambiente do futebol, mas não são exclusivas dele.” Na minha pesquisa, verifico esse aspecto em relação à SPORTMANIA, ao estudar a (e por que não dizer, apostar na) sociabilidade dessa T.O.

Márcio, atual presidente da SPORTMANIA, costuma afirmar que tenta mantê-la sob suas rédeas, não permitindo, por exemplo, que o elemento empresa seja cogitado dentro dela. A partir de sua afirmação, entendo que este interlocutor percebe a instalação de atividades comerciais relacionadas ao nome da torcida como uma ameaça ao controle que ele exerce

sobre seus membros. Quanto mais gente entra, mais difícil fica de controlar, e o dinheiro acaba sendo um problema a mais que é preciso administrar. (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017). O discurso de todo o grupo é coerente com a filosofia empregada pelo seu líder. Tanto ele, quanto alguns outros componentes verbalizaram que não querem que sua torcida se transforme no que a JOVEM se transformou, uma empresa com grande número de sócios, famosa pelas brigas nas quais se envolve e com sérios problemas internos.

Ademais, como bem coloca Silva (1999), ao tratar dos conflitos entre as T.O, “a possibilidade de experimentar a aventura e pôr em prova a masculinidade nos confrontos físicos é um ingrediente marcante em toda a história da cultura juvenil.” (SILVA, 1999, p. 180). Por esse motivo, os jovens procuram se associar às torcidas mais numerosas e importantes. Vale dizer: quanto mais a torcida se envolve em conflitos, mais associados ela ganha e com isso mais violência é gerada. É um círculo vicioso, uma retroalimentação deveras complexa e que chama atenção da sociedade, da polícia, da imprensa e dos jovens torcedores, em especial.

Para Hall (1992), o fortalecimento de identidades pode ser visto na forte reação defensiva dos grupos entre si, revelando identidades defensivas. Assim, nesse embate entre o individual e o grupal, conceitos como ‘identidade’ e ‘sociação’ se destacam; e as necessidades e os interesses específicos fazem com que os seres humanos se unam.

Na época da Batalha Campal do Pacaembu, muitas providências foram pensadas como, por exemplo, a modernização dos estádios brasileiros e o aumento do valor do ingresso, o que vem a produzir efeito direto sobre o público que prestigia os jogos de futebol. Silva (1999, p. 181) afirma que “projetos de modernização dos estádios parecem apontar também para essa seleção do público” na tentativa de transformar esses eventos “nos encontros cordiais que eram no passado [...]” (*ibidem*) que, segundo a autora “nunca existiu, ou melhor, existiu sim, mas na memória da crônica esportiva, e o simples exame de seus arquivos provaria o quanto isso é fantasioso.” (*ibidem*). E não poderia ser diferente, ou os atores deste cenário não seriam seres humanos, haja vista a afirmação de Simmel (1950), quando este se refere à existência do conflito em quaisquer grupos sociais. Segundo o autor, uma razão para o conflito “é o fato de que, nos próprios indivíduos, os elementos sociais se fundem no fenômeno particular chamado ‘sociedade’.”⁸³ (SIMMEL, 1950, p. 58).

No fim das contas, é fato que, antes mesmo das T.O aparecerem no cenário futebolístico, o conflito e a violência decorrentes dessa atividade esportiva já se faziam

⁸³ Tradução para *is the fact that, in the individuals themselves, social elements fuse into the particular phenomenon called “society”*.

presentes e foram combatidos de diferentes formas a depender da época. Neto (2013, p. 30) confirma que a violência existia antes da instituição das T.O.⁸⁴

Os eventos envolvendo o futebol no período medieval ocorriam em paralelo com datas comemorativas, e era comum o abuso no consumo de bebida alcoólica, que terminava, na maioria das vezes, com feridos ou mesmo vítimas fatais. A violência era tolerada, sendo vista como comportamento natural dos participantes do esporte. No entanto, a partir do século XIV, o futebol, que havia crescido em números de praticantes, passou a sofrer tentativas de controle. (RODRIGUES, 2017).⁸⁵

Para citar um exemplo europeu, segundo Mignon (1999, p. 268), em Paris, a estatística da violência apontada nos idos de 1970, mostra que as pessoas presas em jogos e perseguidas são jovens (entre 16 e 22 anos), alguns desempregados, mas muitos têm um emprego (para uma metade, qualificado; e para outra metade, não qualificado). Em sua maioria, são estudantes. Esses jovens são referidos como “delinquentes” e de origem social em classes populares. Realidade semelhante à brasileira.

No entanto, Mignon (1999, p. 271) aponta que “o futebol oferece toda uma gama de possibilidades identificatórias que podem dar conta do desenvolvimento dos grupos de torcedores.” É o ‘fazer parte’ de um grupo, de uma junção de pessoas com ideais semelhantes, evidenciando a necessidade que o ser humano tem de pertencer, de se agrupar mesmo. Citei uma experiência francesa, porém é possível observar paralelos interessantes com a forma como o torcedor brasileiro se comporta, e que pode ser atestada ao se observar o comportamento de determinados torcedores dentro ou fora do campo de jogo – “ser torcedor, fanático ou *hooligan* é apoderar-se desse novo lugar de visibilidade e de ação.” (MIGNON, 1999, p. 271). No Brasil, observa-se que quanto mais uma torcida recebe associados, tanto mais ela se envolve em situações de conflito, ganhando destaque e atraindo mais torcedores desejosos de se associar a ela. Assim, parece evidente uma espécie de círculo vicioso na busca por visibilidade e ação, em que a violência pode ser interpretada “como um instrumento e não como um fim.” (ZALUAR, 1999, p. 13).

⁸⁴ “No campeonato carioca, foi Clube Vasco da Gama o primeiro a permitir negros e mulatos em seu time, o que resultou em um domínio no campeonato carioca e em revolta dos torcedores dos outros times, ainda conservadoramente brancos em sua totalidade. Um episódio interessante relacionado à violência ocorreu decorrente desta questão de raça. Em 1923, revoltados com o as “zoações” dos torcedores do Vasco devido à força de seu time “mestiço”, a torcida do flamengo levou remos enrolados em jornais ao campo e, a cada gol feito por seu time, lascavam remadas sobre a torcida do Vasco, e o jogo acabou com intervenção policial e, de acordo com a mídia da época, com uma “batalha campal” dentro do campo de jogo, invadido pelos torcedores. Nota-se que este evento ocorreu quase seis décadas antes da consolidação das Torcidas Organizadas como são hoje, porém a violência já era elemento presente nos eventos deste esporte.” (NETO, 2013, p. 30)

⁸⁵ Informação disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/hooligans.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

O futebol é uma das múltiplas formas de ação pelas quais os grupos adolescentes e pós-adolescentes colocam em cena sua relação com a sociedade e tentam dar forma a uma experiência coletiva. A prática de torcer engajada responde, assim, à sua maneira, às questões que se colocam certos grupos sobre o lugar que ocupam na sociedade, sobre os modos de ação que podem exercer sobre ela, bem como sobre as formas de ligação social, o sentido que podem dar à sua experiência” (MIGNON, 1999, p. 271)

Como mencionei anteriormente, Stahlberg (2009, p. 153) afirma que “as brigas entre as torcidas podem ser compreendidas como fortemente associadas à construção da masculinidade.” Também Bourdieu *apud* Rojo (2008), aborda esse tema.

A virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’ (...) A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino (BOURDIEU *apud* ROJO, 2008, p. 03).

Entretanto, durante o tempo em que estive desenvolvendo a pesquisa, não percebi nem presenciei episódios violentos envolvendo a SPORTMANIA. Também, em momento algum, houve incitamento à violência. Tanto o discurso dos participantes quanto suas práticas são coerentes e uniformes contra atos violentos e alguns afirmaram que quando acontecia de entrar um membro que não tinha “a mesma filosofia” do grupo, não lhes permitiam ficar. Inclusive, um dos interlocutores (o Clécio) mencionou sua mudança de comportamento após conhecer os membros da atual SPORTMANIA (observe-se sua citação posta no tópico 2.3). Antes, ele era agressivo, violento e brigão e passou a ser uma pessoa menos agressiva ao lado dos amigos que compõem a T.O em análise, os quais são unânimes em afirmar que desejam apenas se divertir e apoiar o time do Sport Club.

Tais membros não se inserem, portanto, no processo descrito por Simmel (1983) como “sociação” (explicitado no tópico 2.3 deste trabalho).

Refletindo sobre comunidade, sociabilidade e comportamentos relacionados à prática do futebol, entende-se que também os excessos e a violência compõem o cenário em que os diversos atores sociais envolvidos interagem. A seguinte afirmação de Toledo (1993) vem a auxiliar a reflexão sobre o assunto.

[...] *comportamentos expressivos* observados, que ditam a conduta torcedora dentro do ritual futebolístico, quando extravasados dos limites socialmente aceitos ou mesmo aproximados às condutas que regulam a esfera cotidiana, perdem o caráter de permissividade e certa tolerância, passando a adquirir características nitidamente transgressoras [...] (TOLEDO, 1993, p. 28)

Como nos lembra Zaluar (1999, p. 8) acerca da violência, “além de polifônica no significado, ela é também múltipla nas suas manifestações.” Interessante lembrar que até este ponto da escrita, a violência mencionada esteve mais focada nos torcedores, melhor dizendo, entre torcedores, os organizados em especial, sem que se problematizasse uma outra nuance de violência verificada no campo de pesquisa, e percebida como tal nas interlocuções. Refiro-me ao posicionamento da diretoria do clube para com as diversas T.O do Sport, não no sentido de impedir seu acesso às arquibancadas, mas no de negar o apoio (na forma de ingressos gratuitos) que vinha sendo dado e com o qual as torcidas contavam para poderem se fazer presentes no estádio. Essa atitude é vista pelos torcedores como violenta – a esse respeito, encontramos em Perrusi (2000, p. 2) uma menção à violência “dos dirigentes, no seu *modus faciendi*.”

Como menciona Bruno (relato verbal presencial, 2017), “eles [os dirigentes] começaram a cortar o que eles diziam que era regalia.” Os torcedores da atual formação da SPORTMANIA não acreditam que uma quantidade mínima de ingressos cedidos seria suficiente para levar o clube à ruína. O ressentimento dessa torcida, e de algumas outras T.O rubro-negras, para com os dirigentes é recorrente nas narrativas cheias de indignação de integrantes da torcida em estudo (e de outros interlocutores com quem conversei no estádio) que, segundo afirmam, se doaram para o clube e até perderam emprego por causa disso. Eles lamentam o posicionamento político e a falta de reconhecimento dos dirigentes, e afirmam que “é muito sacrifício que foi feito, pra hoje não ser reconhecido por ninguém.” (BRUNO, relato verbal presencial, 2017). Percebe-se nessa afirmação, que o interlocutor espera o reconhecimento do clube, o qual deveria se sentir privilegiado pela ação do torcedor, concedendo-lhe de volta o benefício retirado. Esse comportamento é descrito por Zaluar (1999, p. 13): “a violência como o não reconhecimento do outro.”

Ainda nos mantendo nesta perspectiva de análise, observamos o que Longhi (2012, p. 18) nos informa a esse respeito: “ao falarmos de reconhecimento mútuo, estamos falando de algo compartilhado. Compreender o ressentimento do outro nos introduz numa dimensão moral dos sentimentos”. Ainda, para a autora (*ibidem*),

A desconsideração ou o insulto aparece como um ato significativo, tanto nos casos em que o desprezo ou a depreciação da identidade do outro é dramatizada pelo agressor, como quando ocorre a inexistência de uma deferência esperada. (LONGHI, 2012, p. 18).

Dando continuidade à reflexão sobre o momento no qual se encontra a torcida em pauta, trago para a discussão as colocações de dois teóricos. O que segundo Murad (2007, p. 107) seria um axioma maquiavélico “a violência como política e a política como violência”, aparece também em Bourdieu (2007), em *O poder simbólico*, quando o autor afirma que a eficácia do poder é exercida não no plano da violência física, mas no do sentido e do conhecimento. A violência (percebida pela torcida) verificada no campo de pesquisa residiria na “recusa da troca” (troca de serviços prestados por ingressos), que, de acordo com Cardoso de Oliveira (2004 *apud* Longhi, 2012, p. 18), “enquanto padrão de sociabilidade, é vivida pelo interlocutor como afirmação de indiferença ou como agressão.” Os integrantes da torcida explicam a situação da seguinte forma:

É como você ter sua aposentadoria e, sobre ela, um bônus, e, de repente, eles cortarem esse bônus...mais ou menos isso. Como é que você ia se sentir? (MÁRCIO, relato verbal presencial, 2017)

É uma ajuda, não é uma obrigatoriedade, mas é uma ajuda, por tudo que todo mundo sempre fez e faz até hoje. A gente não tem nenhum tipo de ajuda, mas continua atrás. (JÚNIOR, relato verbal presencial, 2017)

A referida arbitrariedade dos dirigentes é sentida pela torcida como uma violência contra seus direitos, pois se percebem como merecedores daquilo que não lhes é mais permitido ter.

Assim, em última análise, violência e futebol sempre caminharam juntos, e isso se justifica pelas próprias características do esporte. Neste, a disputa e a individualidade se mesclam às emoções e ao sentimento de pertença, moldando comportamentos e suscitando sociabilidades e afirmação de identidades, como constatado neste trabalho a partir das teorias abordadas.

No tópico a seguir, apresento algumas breves reflexões sobre gênero, pensando a mulher no cenário futebolístico e trazendo as motivações para tais reflexões.

3.3 MULHERES, FUTEBOL E TORCIDA

Este tópico enseja registrar sucintamente a presença feminina no futebol e nas torcidas, pelos seguintes motivos: a pesquisa foi desenvolvida por uma pessoa do sexo feminino em um campo divulgado como predominantemente masculino (conforme reflexões trazidas no Capítulo 1 desta Dissertação); e, foi verificada a presença de mulheres na primeira

formação da SPORTMANIA. Por isso, entendo que a problematização além de ensejada se mostre indispensável.

Apesar de a segunda formação dessa T.O ser composta unicamente por integrantes do sexo masculino, mesmo assim entendo que seja importante fazer uma breve reflexão sobre essa questão, pois a própria ausência de mulheres na torcida se configura como um dado a ser analisado. Ademais, foi constatado que as integrantes da primeira formação da SPORTMANIA tiveram papel fundamental nas atividades da torcida, desenvolvendo ações pioneiras, no estado de Pernambuco em especial.

Na revisão bibliográfica da presente pesquisa foram identificados três papéis desempenhados por mulheres no âmbito das práticas futebolísticas: jogadora, torcedora comum, torcedora organizada. No campo de pesquisa, foram identificadas a torcedora comum e a torcedora organizada. Esta última é o ponto de interesse deste estudo. As demais são apenas brevemente mencionadas a fim de deixar mais bem esclarecido o espaço de atuação das mulheres no contexto futebolístico.

Iniciando essa reflexão, e pensando a mulher enquanto jogadora de futebol, identifico o que para Unzelte (2002, p. 673) seriam “os outros tipos de futebol”, nascidos do tradicional praticado na Inglaterra e difundido mundo afora.

Verdadeira paixão nacional (e internacional), o futebol não é só disputado da maneira profissional, essa que recebe ampla cobertura da mídia. Jogo democrático, passível de ser praticado em qualquer lugar – desde que haja dois times, uma bola e material para a demarcação das traves -, ele acabou inspirando a criação de uma série de “filhotes”. (UNZELTE, 2002, p. 673)

Um dos “filhotes” mencionados pelo autor é o futebol feminino, o qual, curiosamente, assim como o futebol masculino, “também começou na Inglaterra, em 1895, quando 8 mil pessoas estiveram presentes a um jogo entre seleções de mulheres do Norte e do Sul do país” (*ibidem*), apesar de os ingleses considerá-lo uma prática “inadequada ao sexo feminino.” (*ibidem*). No Brasil, ele só apareceu em 1921 e havia inclusive uma legislação – a Lei nº 3.199/1941 – que proibia e regulava a prática de esportes que “contrariassem a natureza feminina.”

Acredita-se que este esporte nasceu na China entre 3.000 e 2.500 a.C. Esse país organizou no ano de 1988 o *Women's Invitation Tournament* (Torneio de Convocação de Mulheres, em tradução livre) e em 1991 e 2003, a primeira Copa do Mundo Feminina. No entanto, de acordo com Unzelte (2002, p. 674), apenas “nos Jogos de Atlanta, em 1996, o futebol feminino foi elevado à condição de modalidade olímpica.” Stahlberg (2009, p. 145)

aponta que a própria [...] entrada das mulheres nesse universo tão claramente masculino “estremecia a barreira entre os gêneros.” Ainda, segundo Stahlberg (2009), foi apenas na década de 1980 que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) reconheceu a modalidade feminina do futebol, diversamente de países como Alemanha, China e Estados Unidos – país no qual “essa prática é muito mais reconhecida que a masculina, que fica evidente no fato de as atletas brasileiras jogarem em ligas profissionais fora do país.” (*ibidem*).

No Brasil, e mesmo em Pernambuco, o reconhecimento oficial do futebol feminino só se deu após a revogação da Lei nº 3.199/1941, mencionada anteriormente, que dava ênfase à diferenciação entre os sexos. Em seu Art. 54, estava posto que as mulheres não poderiam praticar “desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” e dava ao Conselho Nacional de Desportos (CND) o poder de fiscalizar a prática e de enviar instruções às entidades desportivas do país. Uma colocação de Bourdieu (2005) pode enriquecer esta reflexão sobre regulação e controle.

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2005, p. 17).

No estado de Pernambuco, o campeonato estadual de futebol feminino só passou a ser disputado oficialmente no ano de 2007, apesar de já ser disputado desde o ano de 1999. Em onze anos de competição – 2007 a 2017 –, os três maiores times do estado tiveram o seguinte desempenho no campeonato: o Sport Club venceu seis vezes, o Náutico venceu três, e o Santa Cruz conseguiu ser vice-campeão em duas oportunidades. Vencendo sete vezes, o time do Vitória (da cidade de Vitória de Santo Antão, interior do estado) foi o que alcançou mais vezes o posto de campeão pernambucano de futebol feminino.

Em apenas uma das interlocuções desta pesquisa, o jogo de futebol feminino foi brevemente mencionado, verificando-se então que a T.O SPORTMANIA prestigia basicamente os jogos do time de futebol masculino do Sport Club. A menção ao time feminino foi feita por Ariane (2018), membro da primeira formação e líder da Ala das Mulheres na torcida à época, que costuma prestigiar todas as modalidades esportivas de que o Sport Club do Recife esteja participando, em especial basquete e hóquei. “O Sport tem história dentro do hóquei?”, como destacou a interlocutora. (ARIANE, relato via e-mail, 2018).

Fora das quatro linhas, as mulheres também se fizeram presentes no contexto do futebol, apesar da falta de reconhecimento de suas atividades. De acordo com Costa (2009 *apud* Stahlberg, 2009, p. 145), “se o Brasil é o país do futebol, é, sobretudo, o país do futebol masculino.” Stahlberg (2009) acrescenta:

A profissionalização do futebol aumentou a relevância do papel do torcedor [...] podemos destacar duas figuras emblemáticas no futebol profissional de São Paulo: Elisa, torcedora do Corinthians, e Filhinha, torcedora do São Paulo Futebol Clube, substituída por tia Laura quando de sua morte. Note-se que esse papel não era exclusivamente masculino nem associado à masculinidade, e que essas senhoras não eram encaradas com desconfiança dentro da torcida, portanto, nada havia que indicasse uma ameaça ante o prestígio dos torcedores dentro das torcidas”. (STAHLBERG, 2009, p. 153)

Vale destacar que a liderança das T.O costuma ficar a cargo de figuras masculinas.⁸⁶ Para Stahlberg (2009), a inclusão feminina “não é tão simples, muitas acompanham o namorado, parentes ou amigos.” (STAHLBERG, 2009, p. 154). Ainda segundo a autora, “sempre houve a presença de torcedoras na arquibancada, mas, por se tratar de uma arena expressivamente masculinizada, as regras sobre como aquelas devem se comportar são bastante demarcadas.” (*idem*, p. 157)

Essas colocações feitas por Stahlberg (2009) destoam em alguns aspectos do que verifiquei em campo. Observei em minha pesquisa que a figura feminina, apesar de não ser líder da torcida, ocupava posição de destaque na primeira formação da torcida, o que põe em cheque o estereótipo de um campo predominantemente masculino, em que as mulheres apenas acompanham seus cônjuges. Conforme me informou Ariane, não havia um grande número de mulheres que frequentavam a torcida: “eram poucas, mas iam a todos os jogos. Em T.O ainda hoje são poucas.” (ARIANE, relato via e-mail, 2018). Na segunda formação, o estereótipo é parcialmente confirmado, pois a presença feminina, atualmente, se resume às companheiras dos integrantes, dado que as demais integrantes se afastaram (informação obtida em várias interlocuções).

A ausência de mulheres na atual formação da SPORTMANIA pode ser explicada por mudanças estruturais efetuadas ao longo do tempo nas T.O e/ou pelo estigma de violência que rodeia as torcidas. Nas interlocuções não são colocados motivos nem reflexões a respeito, motivo pelo qual posso apenas fazer inferências. Chego até a imaginar que o fato de os atuais integrantes serem casados pode ter relação com a referida ausência feminina – isso pode ser

⁸⁶ O site *Vice Sports* traz uma matéria sobre Mulheres Organizadas, mostrando algumas líderes de torcidas no sul do país. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/4xgbzj/mulheres-organizadas. Acesso em: 12 de agosto de 2017.

devido às exigências das companheiras dos integrantes, as quais talvez proibam o acesso de mulheres à T.O, ou por serem casados, eles não se sentem motivados a agregar figuras femininas ao grupo. Ainda, a ausência de homens solteiros na torcida que possam acompanhá-las ao estádio pode ser responsável pelo desinteresse de torcedoras em participar da T.O. São apenas suposições que posso trazer a partir do meu conhecimento prévio sobre futebol em relação à presença feminina nos estádios e nas organizadas, uma vez que não obtive dados do campo para problematizar essa questão.

Assim, as únicas mulheres que conheci na atual formação da SPORTMANIA acompanham seus cônjuges nas festividades da torcida e, raramente, se fazem presentes aos estádios.

A despeito desse estereótipo, conhecido, vivenciado, aceito por boa parte da sociedade, e até interiorizado por algumas mulheres – futebol é coisa de homem –, a proposta desta pesquisa é abordar a temática na tentativa de entender com que profundidade tal estereótipo afeta as relações de sociabilidade das torcedoras organizadas, dando ênfase, aqui, àquelas que compõem a SPORTMANIA. Neste caso, apenas uma torcedora organizada participou desta pesquisa e era membro da primeira formação. Sua atuação foi pioneira no estado de Pernambuco, e apontada pelos colegas como de fundamental importância para a atuação da torcida.

Refiro-me a Ariane, que fundou a Ala das Mulheres na SPORTMANIA, como já mencionado, e cuja liderança era reconhecida pelos demais integrantes do sexo masculino, pelas mulheres que compunham a torcida e por integrantes de outras torcidas. Ariane foi a primeira mulher a participar ativamente de uma T.O em Pernambuco. Era uma figura respeitada e elogiada, servindo de referência para outras integrantes e para outras torcidas inclusive.

Segundo interlocuções de torcedores organizados da SPORTMANIA e de não organizados que acompanharam essa T.O nas décadas de 1980 e 1990, as mulheres tinham poder de decisão tanto quanto os homens e o seu comportamento não era mediado por regra alguma. Elas participavam de todos os jogos do Sport, na Ilha, fora dela, e mesmo fora do estado de Pernambuco e até do Brasil. Como me foi relatado, “mesmo não havendo nenhuma restrição por serem mulheres, elas eram poupadas de algumas tarefas como levantar muito peso, carregar materiais que desafiassem a sua compleição física, etc.” (MOCA, relato verbal via *WhatsApp*, 2017). Porém, nada as impedia de realizar tais tarefas, caso desejassem. Ainda de acordo com os relatos, não havia restrições, nem privilégios tampouco, porém havia respeito e amizade.

O cuidado com que as representantes femininas da torcida eram tratadas demonstra que os representantes masculinos percebiam uma distinção de gênero, que não era reforçada por elas. Ariane (relato verbal presencial, 2016) me revela que sempre gostou e entendeu de futebol e “conversava de igual pra igual com os garotos.” Eles esperavam que ela saísse da escola onde fazia o Ensino Médio para então encontrá-los e poder falar sobre futebol, tamanho era o seu entendimento a respeito do esporte. No seguinte relato, ela explica com detalhes a sua atuação e a de outras mulheres.

Eu fui a primeira, mas era complicado, pois a maioria das mulheres nesta época não se interessavam por futebol exatamente, então foi difícil romper esse preconceito que toda mulher em estádio de futebol está atrás de homem, e se fizesse parte de T.O estariam atrás de jogador. As meninas que entraram depois foram chegando nos estádios, havia irmã de jogador e daí as irmãs dos garotos que faziam parte da torcida começaram a chegar também. Inicialmente, fazíamos um papel de organização administrativa, fazer carteirinha de associados, controlar esses arquivos (alguns membros pagavam mensalidade para fazer a manutenção do material), mas eu, particularmente, sempre me meti em tudo, participava de todas as reuniões e dava muita opinião, também gostava de balançar bandeira (coisa que exige força física, por isso era destinado mais aos homens). (ARIANE, relato via e-mail, 2018)

Esse testemunho dá uma visão de como a mulher torcedora começou a se posicionar, no estado de Pernambuco, no contexto percebido como masculino ou masculinizante do futebol.

Vale mencionar neste ponto, o posicionamento dos meus colegas torcedores rubro-negros que me acompanharam inicialmente aos jogos na Ilha. Esses torcedores, sempre que estavam acompanhados de familiares do sexo feminino doavam a atenção e procuravam proteger as adolescentes mais jovens principalmente. Em uma das ocasiões, fui alertada de que seria melhor que circulasse em meio à multidão nas dependências do estádio de mãos dadas com uma dessas adolescentes, que era menor de idade, pois seria perigoso deixá-la sozinha em meio àquela quantidade de gente. O mesmo cuidado não se verificou com os meninos também adolescentes que nos acompanhavam. Percebi, por parte desses torcedores, uma pronunciada diferenciação entre os gêneros no campo de pesquisa (no clube, no restaurante, nas arquibancadas), inclusive, no que se refere ao posicionamento nos diversos ambientes que frequentamos. Por exemplo, no estádio, as mulheres sentavam ao centro e os homens nas laterais para protegê-las, evitando contato delas com outros torcedores.

Em última análise, a partir das reflexões e citações destacadas neste tópico, compreende-se que a visão masculinizante do futebol tem sido fortemente disseminada ao longo da história, porém da mesma forma, tem sido enfrentada e afrontada por movimentos que buscam desconstruir esse ponto de vista. O mesmo acontece em outras frentes, não

apenas no futebol, como resultado de um processo sócio histórico, tão discutido e teorizado no seio da Antropologia e de outras ciências. Creio que o fato de o presente trabalho ter sido realizado por uma mulher, colabora com a desconstrução de um campo masculinizante.

Em suma, este capítulo destacou as duas formações da T.O em estudo, e problematizou categorias como o pertencimento e a violência, explorando o que jaz sob as relações sócio-políticas de uma organizada e sob a atuação de seus/suas integrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentado aqui um recorte, uma possibilidade de pesquisa com torcedores do Sport Club do Recife, tendo por objetivo compreender como se forma e se sociabiliza a T.O SPORTMANIA e quais são as motivações inerentes ao processo de pertencimento a essa torcida.

O recorte ficou por conta do estudo dessa T.O fundada na década de 1980, extinta 10 anos depois e reativada em 2008. A pesquisa foi realizada por uma pesquisadora da área da Antropologia, torcedora do Santa Cruz Futebol Clube, que buscou investigar a sociabilidade do grupo de torcedores. Com esse recorte, a pesquisa não intenciona encerrar o debate sobre as organizadas, porém almeja trazer sua contribuição para os estudos sobre elas.

Acredito que a partir da pesquisa sobre a formação e a sociabilidade da T.O SPORTMANIA se pode ampliar os resultados para o entendimento sobre peculiaridades de outras organizadas. Ou, pelo menos, podem ser apresentadas possibilidades outras de se estudar o universo dessas torcidas, ampliando o conhecimento sobre o torcer organizado, desvinculando-o do estigma da violência que ronda esses grupamentos de torcedores.

Parodiando DaMatta (1982), acredito que sem passar a referida torcida rubro-negra pernambucana e seus sistemas de formação e sociabilização pelo crivo da minha interpretação crítica, eu estaria muito longe de uma visão realmente transformadora do fazer etnográfico e antropológico.

Realizar esta pesquisa fez com que eu pudesse ter consciência da complexidade envolvida na formação e na sociabilização das T.O. Nesse sentido, ainda que de forma breve, vi-me levada a refletir sobre violência para verificar que as torcidas não são motivadas por ela. Respondendo então à pergunta da pesquisa (*como se forma e se sociabiliza a T.O SPORTMANIA?*), verifiquei que em ambas as formações a torcida em análise surgiu a partir de grupos de amigos que tinham o desejo de apoiar o Sport Club e/ou pertencer a uma T.O desse clube, sempre com a filosofia de interagir amigavelmente. Na atualidade, os integrantes da SPORTMANIA se sociabilizam e interagem nos dias de jogos ou de comemorações.

Em suma, a primeira formação era menos hierárquica que a segunda, uma vez que esta valoriza a distinção de papéis em sua estrutura. Ademais, o movimento de troca existente entre a primeira formação e as lideranças do clube não se verifica na segunda, destacando-se

daí os posicionamentos políticos de cada um dos atores envolvidos, debatidos ao longo deste trabalho.

Ademais, pelos argumentos aqui apresentados, visualizo a T.O estudada como sociável, não violenta. Vale destacar, outrossim, a visão do atual presidente da torcida em relação à importância de sua liderança frente ao grupo de torcedores. Para ele, parece haver correlação entre a manutenção da filosofia e a concentração da liderança nas mãos de uma única pessoa, a qual toma decisões, controla e coordena as ações dos demais membros do grupo. Essa percepção parece estar ligada à sua experiência com as outras T.O das quais participou, e sugere a observância à hierarquização como solução para os conflitos internos nas organizadas.

APITO FINAL

Acredito que o estudo apresentado nesta Dissertação foi um caminho para o conhecimento individual a partir da investigação científica sobre a SPORTMANIA. Por esse motivo, toda a análise realizada ajuda a entender a mim mesma, a todos os envolvidos, e à realidade social que nos rodeia. Dito de outra forma, e como sugere DaMatta (1982), entender o futebol é nos entender enquanto brasileiros.

Atingido o tempo regulamentar de jogo, esta peleja etnográfica chega ao seu final. Claro e evidente, não instauo respostas definitivas para os questionamentos que levantei no início do texto, a não ser interpretações das várias interações presenciadas e/ou acessadas, com base em teorias antropológicas que dialogam com os temas abordados. Acredito, sem medo de me enganar, que termino esta etapa dentro do curso com mais perguntas do que respostas.

Chego ao apito final, aos 45 minutos do segundo tempo de jogo, desejosa de uma prorrogação. A simples possibilidade de existência de alguns questionamentos ainda a serem respondidos em futuros trabalhos, se configura já como um avanço considerável no caminho que decidi percorrer há cerca dois anos.

O jogo foi sendo jogado de acordo com o que o campo oferecia. Desde que iniciei a pesquisa, eu só sabia que estaria lá, mas não imaginava o que iria vivenciar. Desconhecia os detalhes do fazer etnográfico. Desconhecia, inclusive, o que uma amiga me revelou certa feita: “a pesquisa começa de verdade quando o trabalho de dissertação termina.”

Por este motivo, elenco a seguir algumas sugestões de continuidade deste trabalho, com base no que vivenciei ou no que fiquei desejosa de vivenciar.

PRORROGAÇÃO

Para além das páginas desta Dissertação, vislumbro possibilidades, que por conta do escopo desta pesquisa e pelas limitações de tempo do Mestrado, não puderam ser exploradas. Dentre essas possibilidades, algumas me parecem possíveis de serem colocadas em prática em breve e outras podem vir a ser desenvolvidas em um Doutorado.

Como meta para minhas futuras pesquisas, e até como sugestão para outras/outros pesquisadores/pesquisadores, verifico que os dados deste trabalho podem ser aprofundados nos seguintes aspectos: a) estudar torcidas do Santa Cruz para verificar sua interação e sociabilidade; b) ampliar a investigação sobre as T.O do Sport Club, a partir da opinião dos dirigentes do clube sobre elas; c) ampliar a produção regional escrita ou midiática sobre as torcidas pernambucanas, ou sobre o que se produziu sobre elas ao longo dos seus anos de existência.

Após conhecer um pouco mais sobre o sentimento e a paixão rubro-negra, sinto-me mais tricolor do que nunca, mais apaixonada pelo Santa Cruz do que jamais fui, reconhecendo em mim, nuances das torcedoras com quem tive contato ao pesquisar meu rival no futebol pernambucano. Acima de tudo, percebo a importância que o futebol tem para nós enquanto seres sociais. Permito-me trazer a seguinte citação de DaMatta (1982), que nos informa que o futebol é

uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo. (DAMATTA, 1982, p. 60).

Portanto, chego ao final deste trabalho enriquecida com os resultados encontrados que atestam a sociabilidade da torcida estudada, desestigmatizando a ideia de que as T.O são violentas, formadas por vândalos e marginais. Participar de momentos de interação entre os componentes da SPORTMANIA mudou meu próprio pensamento a respeito de seus membros, pensamento altamente influenciado pela abordagem midiática e pela falta de conhecimento sobre a formação dos grupos de torcedores. Amparando-me em Toledo (2008), afirmo que um estudo como o que foi realizado permite que se constate nas T.O aspectos como “amizade, companheirismo, identidade, hierarquia, disputa, conflito, que transcende os usos da noção estereotipada e reificada daquilo que denominamos comportamento de massa.” (TOLEDO, 2008, p. 129).

A presente etnografia permitiu, por fim, que eu acessasse a experiência e a forma de torcer da torcida rubro-negra pernambucana, que não é homóloga à minha (tricolor). Como nos alerta Malinowski (1984, p. VII), “nem por isso é menos rica, ou menos humana.” Sem a intenção de esgotar o tema, acredito ter alcançado o objetivo a que me propus. Assim, ao descerrar da cortina, este cenário se fecha momentaneamente, estou certa, para despertar em momento futuro, a exemplo da SPORTMANIA que renasceu com nova formação e novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALBUQUERQUE, Demócrito Ramos de. *Moca*: relato verbal presencial [2016 e 2017]; relato verbal via *WhatsApp* [2017 e 2018]; entrevista via e-mail [2017]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. Recife-PE: 2016 e 2017; João Pessoa-PB: 2017 e 2018. Conversas informais e entrevistas concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

BAUMAN, Zygmunt, *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Identidade - Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUD, S.; WEBER, F. *Guide de l'enquête de terrain: produire et analyser des données ethnographiques*. Paris: La Découverte, 1998.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1963. Disponível em: <https://monoskop.org/File:Becker_Howard_Outsiders_Studies_In_The_Sociogy_Of_Deviance_1963.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <www.bdt.d.ibict.br/>. Acesso em: 24 jan. 2018.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Bertrand. Rio de Janeiro: Brasil, 2005.

_____. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Tradução Maria Helena Bertrand. Rio de Janeiro: Brasil, 2007.

BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. *Revista Esporte e Sociedade*. Ano 5, n.14, mar./jun.2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Unesp, 1998.

CARVALHO, Ariane. *Ariane*: relato verbal presencial [2016, 2017], entrevista via e-mail [2017] e relato escrito via *WhatsApp* [2018]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. Recife-PE: 2016 e 2017; João Pessoa-PB: 2017 e 2018. Conversas informais e entrevistas concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

CORREIA, Bruno. *Bruno*: relato verbal presencial [2017]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. Recife-PE: 2017. Conversas informais concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

COSTA, Márcia R. da. Culturas juvenis, globalização e localidades. In: _____. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v.1, n.4, p. 54-60, 1982.

_____. *O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. (Org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

_____. Futebol, ópio do povo x drama de justiça social. *Revista Novos Estudos*, v. 1, ano 4, p. 54 – 60, Cebrap, São Paulo: Novembro, 1982.

COSTA, Roberto Oliveira. *Bebeto*: relato verbal presencial [2016]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. João Pessoa-PB: 2016. Entrevista concedida para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcidas e clubes. In: _____. *Futebol e sociedade no mundo contemporâneo: visões das Ciências Sociais*. Porto Alegre: Editora da Universidade/IFCH, 2002.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Erick. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, UK, 1992.

FRANCISCHINI, Sandro. A difícil nacionalização do futebol brasileiro: a era Havelange. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

FREITAS, Clara M. S. M. de. As classes sociais na sociedade do espetáculo: o olhar dos torcedores de futebol. *Rev. Port. Cien. Desp.*, vol.5, n.3, 2005.

FREITAS, Clécio. *Clécio: relato verbal presencial [2017] e relato escrito via WhatsApp [2018]*. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. Recife-PE: 2017; João Pessoa-PB: 2018. Conversas informais concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

GASTALDO, Édison. *As relações jocosas futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil*. Rio de Janeiro: Mana. 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da Cultura. In: *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GIULIANOTTI, Richard. *Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol*. Artigo produzido na Universidade Loughborough. Leicestershire - Reino Unido, 2012. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2016.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <<https://csociais.files.wordpress.com/2016/08/goffman-erving-a-representac3a7c3a3o-do-eu-na-vida-cotidiana-textoselecionado.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1992. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/2515/1618>>. Acesso em: 25 Jul. 2017.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. *Motus Corporis (UGF)*, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural I*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____. *O Totemismo Hoje*. Lisboa: Edições 70, 1986

_____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LIMA, Eduardo José S. *Recife entra em campo: história social do futebol no Recife (1905-1937)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura. UFRPE, Recife, 2013.

LONGHI, Márcia Reis. Reconhecimento, insulto moral e dádiva: trajetórias de rapazes moradores de uma comunidade pobre do Recife. *RSBE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 36, pp. 790-801, Dezembro de 2013.

_____. Reflexões sobre reconhecimento e insulto moral a partir de trajetórias de rapazes moradores de uma comunidade pobre do Recife. *35º Encontro Anual da ANPOCS*. GT 34: Sociologia e Antropologia Moral (3ª sessão). 2012.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Carlos Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 17, nº 49, jun. 2002.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*. v. 17, n. 2, 2005.

MALINOWSKI, B. *Os argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____ . *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

MIGNON, P. Uma exceção francesa: um futebol sem hooligans? In: COSTA, Márcia Regina da (Org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

MOURA, Mário César. *César: entrevista via e-mail* [2017]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. João Pessoa-PB: 2017. Conversas informais concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

MURAD, Mauricio. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. *Violências e mortes no futebol brasileiro: Reflexões, investigações, proposições*. Rio de Janeiro: Brasil. 2011.

_____. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. *Revista USP*. São Paulo. n. 99. p. 139-152, setembro/outubro/novembro 2013.

_____; HELAL, R. *Alegria do povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de herói do futebol*. Rio de Janeiro: Uerj/SR-3, 1995.

NETO, Edi A. de Oliveira. *Violência no Futebol e Torcidas Organizadas: Um estudo em representações sociais*. Monografia. Brasília/DF: UNB, 2013.

NETTO, Euclides B. S. O verdadeiro celeiro. In: COSTA, Márcia Regina da (Org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

NORONHA, Fernanda. Onde estão as B. girls? A pesquisa antropológica numa roda de break. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

PEIRANO, Mariza G.S. *A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no brasil*. Brasília: Série Antropologia, 1999. Disponível em: <<http://dan.unb.br/images/doc/Serie255empdf.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

PERRUSI, Artur. Notas sobre “futebol e violência”. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. n. 1, v. 1. UFPB. Abril/2000.

PIMENTA, Carlos A. M. As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das Torcidas Organizadas nos estádios de futebol. In: COSTA, Márcia Regina da. (Org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1997.

QUEIROZ, Danielle Teixeira *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista de Enfermagem*, UERJ, Rio de Janeiro, V. 15, n. 2, 2007.

ROCHA, C.; ECKERT, A. L. ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICA. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2008.

ROJO, Luiz Fernando. *Masculinidades no contexto hípico uruguaio*. 1º encontro da Alesde “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR - Curitiba - Paraná - Brasil 30, 31/10 e 01/11/2008. Disponível em: <http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/83.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2017.

SANTOS, Marco. A. S. Periferia e várzea: um espaço de sociabilidade. In: COSTA, Márcia Regina da. (Org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

SILVA, Elisabeth M. A violência no futebol e a imprensa esportiva. In: COSTA, Márcia Regina da. (Org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

SILVA, K. C. da. O poder do campo e o seu campo de poder. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury do alemão Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1983, pp. 509 a 512. *Publicação RBSE*, vol. 4, nº 12, dezembro de 2005.

_____. *A natureza sociológica do conflito*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. O conflito como sociação. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, 2011, pp. 568-573.

_____. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____; WOLFF, K. H. *The Sociology of Georg Simmel*. The Free Press, Glencoe, Illinois 1950. Disponível em:
<https://archive.org/stream/sociologyofgeorg030082mbp/sociologyofgeorg030082mbp_djvu.txt>. Acesso em: 30 jun. 2017.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. *Outro olhar sobre a multidão: práticas de sociabilidade entre os torcedores organizados dos clubes de Recife*. Dissertação de Mestrado em Antropologia da UFPE, Recife, 2011.

STAHLBERG, Lara Tejada. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Org.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

THALES, Márcio. *Márcio*: relato verbal presencial [2017] e relato escrito via *WhatsApp* [2017 e 2018]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. Recife-PE: 2017; João Pessoa-PB: 2017 e 2018. Conversas informais e entrevistas concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

THEODORSON, G. A; THEODORSON, A. G. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Sítio Scielo Public Health*, 1995. Tradução de Armando Piovesan, Edméa Rita Temporini. *Revista Saúde Pública*, 29 (4), 1995. Universidade de São Paulo. Disponível em:
<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_arttext&tlng=>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

TOLEDO, L. H. de. Por que xingam os torcedores de futebol? *Cadernos de Campo*, Universidade de São Paulo, v. 3, n. 3, 1993.

_____. *Lógicas no Futebol – Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2000.

_____. Jogo livre: analogias em torno das 17 regras do futebol. *Revista Horizontes Antropológicos*. V.14, n.30, Porto Alegre, Jul./Dez. 2009.

_____; COSTA, Carlos Eduardo. *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

TORNQUIST, Carmen S. Vicissitudes da subjetividade. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Symbolic studies. *Annual Review of Anthropology*, 4, p. 145-161. 1975.

_____. *Dramas, Campos e Metáforas*. Niterói: Eduff, 2008.

_____; BRUNER, Edward M. (Orgs.). *The Anthropology of Experience*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986.

UNZELTE, C. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

VIANA, Júnior. *Júnior: relato verbal presencial* [2017]. Pesquisadora: Edilza Maria Medeiros Detmering. Recife-PE: 2017. Conversas informais concedidas para a dissertação “LEÕES” DA SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense. 1985.

_____. Um debate disperso – violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Scielo. 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE I - **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, concordo em participar, como voluntário/a, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna Edilza Maria Medeiros Detmering, do Mestrado em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, que pode ser contatada pelo e-mail detmering@sti.ufpb.br e pelos telefones (83) 9 8891 8044 e (83) 9 9942 7387. Tenho ciência de que o estudo enseja realizar conversas informais, observação participante e entrevistas com torcedores do Sport Club do Recife, com o objetivo de produzir uma dissertação cujo título é *“Leões” da SPORTMANIA: Um estudo sobre a formação e a sociabilidade de uma torcida organizada do Sport Club do Recife*. Além das conversas informais, minha participação poderá consistir em conceder entrevista que poderá ser gravada e transcrita, fotografada e/ou filmada, entre os anos de 2016 e 2018. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, e autorizo a divulgação dos dados obtidos pela pesquisadora. Estou ciente de que posso abandonar minha participação na pesquisa quando desejar, e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura (ou Nome)

_____, ____ de _____ de 201__

APÊNDICE II - ROTEIRO SUGERIDO DE ENTREVISTA

Sua participação consistirá em conceder uma entrevista que poderá ser gravada e transcrita, fotografada e/ou filmada. Este estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, e os dados obtidos só serão divulgados com sua prévia autorização, respeitando assim sua privacidade. Uma cópia da transcrição da entrevista pode ser concedida, caso você solicite. Além disso, quando desejar, você pode abandonar a pesquisa, por cuja participação não receberá nenhum pagamento.

Nome:	Idade:
Ocupação:	Estado civil:

Tópicos:

- a origem da torcida e do nome SPORTMANIA.
- tempo de permanência na torcida. Se deixou, por quê?
- foi criado um estatuto da torcida?
- quando o novo grupo surgiu pedindo permissão pra usar o nome da SPORTMANIA? Qual era o motivo?
- como os membros da primeira formação veem a recriação de uma torcida com o mesmo nome? Como tem sido o contato entre membros de ambas as formações?
- as atuais ligações políticas/sociais entre as torcidas organizadas e a direção do Sport Clube
- hierarquia dentro da torcida (diretor, secretário, etc.)?
- qual a filosofia da SPORTMANIA?
- Campeonato de 87, o que isso representou para a T.O? 'Mito fundador' do Sport?
- a importância da Copa do Brasil de 87. O que isso representou para a T.O?
- presença do elemento empresa na SPORTMANIA.
- semelhanças e diferenças entre a formação, a organização e a socialização da SPORTMANIA dos anos 80 e a atual.
- existem integrantes da primeira formação fazendo parte da segunda formação?
- perfil dos associados à torcida.
- como as pessoas se associam?
- local de reunião da torcida.
- a história da SPORTMANIA já foi contada, escrita?
- o relacionamento desta torcida com outros torcedores (inclusive organizados).
- permissão para divulgar o nome 'SPORTMANIA' na minha Dissertação de Mestrado.

- como é pertencer à T.O? E a violência?
- presença feminina dentro da torcida e no estádio. Ala feminina?
- a diretoria do clube.
- algo mais que queira acrescentar?

Gratidão!

Edilza Detmering – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba